

THALIA SILVEIRA ZANELATO



**PRÁTICAS PARENTAIS: CONSTRUÇÃO E
PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA ESCALA
BRASILEIRA DE PRÁTICAS PARENTAIS -
EBRAPP**

**Apoio:
CAPES**



Campinas
2025

THALIA SILVEIRA ZANELATO

**PRÁTICAS PARENTAIS: CONSTRUÇÃO E
PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA ESCALA
BRASILEIRA DE PRÁTICAS PARENTAIS -
EBRAPP**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia
da Universidade São Francisco, Área de
Concentração - Avaliação Psicológica, para
obtenção do título de Mestre.

ORIENTADOR(A): PROF^a DRA ANA
PAULA PORTO NORONHA

Campinas
2025

P155.924 ZANELATO, Thalia Silveira.
Z32p Práticas parentais: construção e propriedades
psicométricas da Escala Brasileira de Práticas Parentais -
EBRAPP / Thalia Silveira Zanelato. – Campinas, 2025.
134 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação
Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco.
Orientação de: Ana Paula Porto Noronha.

1. Parentalidade. 2. Suporte familiar.
3. Adolescentes. 4. Construção de instrumentos.
I. Noronha, Ana Paula Porto. II. Título.



UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM *PSICOLOGIA MESTRADO/DOCTORADO*

Thalia Silveira Zanelato defendeu a dissertação **“PRÁTICAS PARENTAIS: CONSTRUÇÃO E PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA ESCALA BRASILEIRA DE PRÁTICAS PARENTAIS**

-

EBRAPP” aprovada pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco em 25 de junho de 2025 pela Banca Examinadora constituída por:

Profa. Dra. Ana Paula Porto
Noronha Orientadora e
Presidente

Profa. Dra. Lígia de Santis
Examinadora

Prof. Dr. Makilim Nunes
Baptista Examinador

Agradecimento de Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Resumo

Zanelato, T. S. (2025). *Práticas Parentais: Construção e Propriedades Psicométricas Da Escala Brasileira de Práticas Parentais - EBRAPP*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas, São Paulo.

Esta dissertação teve como objetivo central a construção e busca por evidências de validade de um instrumento para avaliação de práticas parentais sob a perspectiva dos filhos, denominado Escala Brasileira de Práticas Parentais (EBRAPP). O foco das evidências de validade concentrou-se no conteúdo, na estrutura interna e na relação com a variável externa de suporte familiar. A pesquisa foi organizada em dois estudos distintos. O Estudo 1 dedicou-se à construção dos itens e à busca por evidências de validade de conteúdo. Nesta etapa, participaram quatro juízes especialistas em parentalidade e avaliação psicológica, e cinco adolescentes com idades entre 14 e 17 anos. Inicialmente, os itens foram elaborados com base na literatura e no modelo bidimensional de exigência e responsividade. A versão preliminar foi submetida à análise dos juízes quanto à clareza, relevância teórica e pertinência de cada item ao fator proposto. Posteriormente, os itens ajustados foram avaliados pelos adolescentes para verificar a compreensão e adequação da linguagem. Após esses procedimentos, a versão inicial da EBRAPP demonstrou adequada validade de conteúdo. O Estudo 2 objetivou buscar evidências de validade com base na estrutura interna da EBRAPP e em sua relação com a Escala de Percepção do Suporte Familiar – versão Infanto-juvenil breve (IPSF-IJ). A amostra de conveniência foi composta por 354 adolescentes, com idades entre 12 e 18 anos ($M=16,58$; $DP=1,26$), sendo 64,12% do sexo feminino, 35,59% do masculino e 0,29% preferiram não informar. A maioria cursava o Ensino Médio (95,77%). Os participantes foram recrutados por meio da divulgação de um formulário online em redes sociais e em parceria com instituições de ensino. Foram conduzidas Análises Fatoriais Exploratórias (AFE) sucessivas para refinar a escala. A estrutura final da EBRAPP ficou composta por 45 itens, respondidos em escala Likert de 4 pontos (0 = “nunca” a 3 = “sempre”), distribuídos em sete fatores: Disciplina e Monitoramento (representando a dimensão Exigência); e Apoio, Afeto, Envolvimento, Tolerância e Confiança (representando a dimensão Responsividade). O modelo apresentou excelentes índices de ajuste: $RMSEA = 0,038$ ($IC\ 90\% = 0,034-0,043$), $TLI = 0,938$ e $BIC = -3026,91$. As análises de correlação entre os fatores da EBRAPP e do IPSF-IJ revelaram associações de fracas a fortes, teoricamente consistentes. Tais resultados evidenciaram que práticas parentais positivas, especialmente aquelas relacionadas a afeto, apoio, confiança e envolvimento, tendem a se associar a maiores níveis de suporte familiar percebido pelos adolescentes. Conclui-se que a EBRAPP apresenta evidências psicométricas iniciais satisfatórias de validade e fidedignidade, configurando-se como um instrumento promissor para a avaliação das práticas parentais no contexto brasileiro. A escala pode contribuir para pesquisas futuras sobre o tema e subsidiar o planejamento de intervenções clínicas e psicoeducacionais voltadas ao fortalecimento das relações familiares e ao desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: parentalidade, suporte familiar, adolescentes, construção de instrumentos.

Abstract

Zanelato, T. S. (2025). *Parenting Practices: Development and Psychometric Properties of the Brazilian Parenting Practices Scale – EBRAPP*. Master's Dissertation, Stricto Sensu Post-graduate Program in Psychology, São Francisco University, Campinas, São Paulo.

This dissertation aimed to develop and gather validity evidence for an instrument designed to assess parenting practices from the perspective of children and adolescents, called the Brazilian Parenting Practices Scale (Escala Brasileira de Práticas Parentais – EBRAPP). The validation process focused on content validity, internal structure, and the relationship with the external variable of family support. The research was organized into two studies. Study 1 focused on item development and content validity evidence. Four expert judges in parenting and psychological assessment and five adolescents aged 14 to 17 participated. Items were created based on the literature and the bidimensional model of demandingness and responsiveness. The preliminary version was evaluated by the experts for clarity, theoretical relevance, and appropriateness to the proposed factors, and subsequently revised based on feedback from adolescents regarding language comprehension. This process supported the content validity of the initial version of the EBRAPP. Study 2 aimed to examine the internal structure and convergent validity with the Brief Version of the Perception of Family Support Scale for Children and Adolescents (IPSF-IJ). A convenience sample of 354 adolescents aged 12 to 18 years ($M = 16.58$; $SD = 1.26$) participated, with 64.12% identifying as female, 35.59% as male, and 0.29% not reporting gender. Most were enrolled in high school (95.77%). Participants were recruited through online forms shared on social media and in partnership with educational institutions. Successive Exploratory Factor Analyses (EFA) were conducted to refine the scale. The final version comprised 45 items, rated on a 4-point Likert scale (0 = “never” to 3 = “always”), grouped into seven factors: Discipline and Monitoring (representing Demandingness); and Support, Affection, Involvement, Tolerance, and Trust (representing Responsiveness). The model showed excellent fit indices: $RMSEA = 0.038$ (90% CI = 0.034–0.043), $TLI = 0.938$, and $BIC = -3026.91$. Correlations between EBRAPP and IPSF-IJ factors ranged from weak to strong and were theoretically consistent, indicating that positive parenting practices—especially those involving affection, support, trust, and involvement—are associated with higher levels of perceived family support. The EBRAPP demonstrated initial satisfactory psychometric properties of validity and reliability, positioning itself as a promising instrument for assessing parenting practices in the Brazilian context. It may contribute to future research and support the development of clinical and psychoeducational interventions aimed at strengthening family relationships and promoting the healthy development of children and adolescents.

Keywords: Parenting, Family support, Adolescents, Instrument development

Sumário

Agradecimento de Financiamento	iv
Resumo	v
Abstract	vi
Sumário	vii
Lista de Figuras	x
Lista de Tabelas	xi
Introdução	13
FAMÍLIA E PARENTALIDADE: DELIMITANDO CONCEITOS CENTRAIS.	13
PRÁTICAS PARENTAIS: DEFINIÇÃO E DIFERENCIAÇÃO.....	15
OS IMPACTOS DAS PRÁTICAS PARENTAIS NO DESENVOLVIMENTO INFANTOJUVENIL.	20
AVALIAÇÃO PRÁTICAS PARENTAIS.	28
Objetivos e Hipóteses	45
Método	46
Estudo 1 - Construção do instrumento e evidências de validade baseada no conteúdo	46
AVALIAÇÃO DE JUÍZES POR CVC.....	48
<i>Participantes</i>	48
<i>Instrumentos</i>	48
<i>Procedimentos</i>	49
<i>Análise de Dados</i>	51
<i>Resultados</i>	51
ESTUDO COM PÚBLICO-ALVO POR CVC	55
<i>Participantes</i>	55
<i>Instrumentos</i>	55
<i>Procedimentos</i>	56
<i>Análise de Dados</i>	57

<i>Resultados</i>	58
DISCUSSÃO.....	59
Estudo 2 - Evidências de validade baseada na estrutura interna e na relação com outra variável externa	61
<i>Participantes</i>	62
<i>Instrumentos</i>	64
<i>Procedimentos</i>	65
<i>Análise de Dados</i>	67
RESULTADOS.....	68
<i>Análise do Modelo de Sete Fatores</i>	68
<i>Análise do Modelo Alternativo de Seis Fatores</i>	78
<i>Definição do Modelo Fatorial Final: Justificativas para a Adoção da Estrutura de Sete Fatores</i>	84
DISCUSSÃO.....	93
Considerações Finais	97
Referências	100
Anexo 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Coleta Online para Participantes com 18 Anos)	118
Anexo 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Coleta Online para Participantes entre 16 e 17 anos)	120
Anexo 3: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Coleta Online para Participantes entre 16 e 17 anos)	122
Anexo 4: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Coleta Presencial)	124
Anexo 5: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Coleta Presencial)	126
Anexo 6: Questionários de Identificação Juízes	128
Anexo 7: Ficha de Avaliação Juízes	129
Anexo 8: Questionário de Identificação Público-Alvo	130
Anexo 9: Ficha de Avaliação Público-Alvo	131

Anexo 10: Questionário Sociodemográfico	132
Anexo 11: Escala Brasileira de Práticas Parentais (EBRAPP)	133
Anexo 12: Inventário de Percepção de Suporte Familiar Infante Juvenil (IPSF-IJ)	
Versão Breve.....	135

Lista de Figuras

Figura 1 - Estilos Parentais Idealizados por Baumrind (1966) e Posteriormente Revisados por Maccoby e Martin (1983).	15
Figura 2 - Modelo de estilos parentais baseado em duas dimensões (Maccoby & Martin, 1983).	18
Figura 3 - Resultados da primeira Análise Paralela	69
Figura 4 - Modelo de Path Analysis com relações significativas ($p < 0,05$).	92

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Relação de Instrumentos de Autorrelato Destinados aos Pais ou Cuidadores Primários.....	32
Tabela 2 - Relação de Instrumentos de Heterorrelato Destinados aos Filhos	36
Tabela 3 - Relação de instrumentos de autorrelato destinados tanto aos pais/cuidadores primários, quanto aos filhos.	42
Tabela 4 - Apresentação dos itens e o CVCi em função dos quatro juízes especialistas.	51
Tabela 5 - Apresentação dos fatores e o CVCt em função dos quatro juízes especialistas.	54
Tabela 6 - Itens construídos para escala final da EBRAPP.....	58
Tabela 7 - Itens reformulados.....	59
Tabela 8 - Resultados da primeira Análise Fatorial Exploratória com retenção de sete fatores	71
Tabela 9 - Resultados da segunda Análise Fatorial Exploratória, com retenção de sete fatores	73
Tabela 10 - Resultados da terceira Análise Fatorial Exploratória	77
Tabela 11 - Resultados da primeira Análise Fatorial Exploratória com seis fatores.....	79
Tabela 12 - Resultados da segunda Análise Fatorial Exploratória com seis fatores	82
Tabela 13 - Realocação e Exclusão de Itens da Escala Após Análises Fatoriais Exploratórias e Avaliação Conceitual	86

Tabela 14 - Correlações entre os Fatores da EBRAPP e do IPSF e Valores do Ômega na Diagonal.	89
---	----

Tabela 15 - Resultados da Path Analysis (coeficientes padronizados e significância) ...	91
---	----

.

Introdução

A avaliação das práticas parentais é uma área central na compreensão do desenvolvimento infantojuvenil, pois permite identificar comportamentos dos cuidadores que promovem ou comprometem o bem-estar dos filhos. Diferentemente dos estilos parentais, que representam padrões amplos de socialização, as práticas parentais são ações específicas, observáveis e modificáveis, inseridas no contexto das interações cotidianas entre pais e filhos (Maccoby & Martin, 1983). Essas práticas são influenciadas por fatores individuais, contextuais e culturais, e podem impactar no ajustamento emocional, social e comportamental das crianças e adolescentes (Musngi et al., 2023; Pan et al., 2024). No Brasil, embora existam instrumentos adaptados e validados para avaliar tais práticas, como o IEP (Gomide, 2006/2021) e a ESPA29 (Martínez et al., 2011), muitos deles foram elaborados a partir de modelos estrangeiros e podem não refletir adequadamente as particularidades das dinâmicas familiares brasileiras. Além disso, revisões (Gomide & Traple, 2022; Lago et al., 2010) indicam limitações como a baixa inclusão de diferentes configurações familiares, a escassez de estudos com adolescentes como respondentes e a ausência de dimensões emergentes, como o impacto da tecnologia na parentalidade. Diante dessas lacunas, torna-se necessária a construção de um instrumento original, culturalmente sensível e capaz de captar a diversidade sociocultural e os desafios contemporâneos das famílias brasileiras, oferecendo subsídios mais precisos para pesquisa, intervenção e formulação de políticas públicas voltadas à promoção da parentalidade positiva.

Família e Parentalidade: Delimitando Conceitos Centrais.

Ao longo dos anos, o conceito de família passou por transformações em sua composição e funcionamento, motivadas por mudanças nas formas de convivência entre as pessoas. Diante disso, as novas formas de coabitação, como uniões consensuais, famílias monoparentais, reconstituídas e homoparentais, ampliaram a configuração tradicional, alinhadas à realidade contemporânea (Castillo Yara, 2023). Nesse sentido, segundo a American Psychological Association (2018), de modo geral, a família é compreendida como uma unidade de parentesco composta por indivíduos unidos por laços consanguíneos, conjugais, adotivos ou por outros

vínculos íntimos, sendo considerada a unidade social fundamental na maioria das sociedades humanas, embora suas formas e estruturas variem.

Além dessas transformações estruturais, a ideia de família também reflete valores, normas e visões de mundo compartilhadas, revelando-se como uma entidade dinâmica, e não um conceito fixo ou universal. Com isso, o modo como a família é compreendida varia conforme o contexto cultural, assumindo contornos simbólicos que transcendem sua organização formal. Assim, a definição de família é constantemente ressignificada a partir das experiências, linguagens e formas de interação próprias de cada comunidade (Ryspayeva et al., 2024).

Nesse contexto de transformações na estrutura e nos significados atribuídos à família, emerge também a necessidade de compreender a parentalidade. Conforme a American Psychological Association (2023), a parentalidade diz respeito a todas as ações relacionadas aos filhos, pois mais do que uma função biológica ou legal, a parentalidade se refere ao conjunto de práticas, atitudes e interações voltadas ao cuidado, à proteção e ao desenvolvimento integral dos filhos. Ou seja, trata-se de um processo contínuo e fundamental para a formação de um ambiente onde os filhos possam explorar, aprender e desenvolver competências (Lanjekar et al., 2022).

Assim, embora família e parentalidade estejam intrinsecamente ligadas, é fundamental reconhecer que não são sinônimos. Essa distinção entre família e parentalidade torna-se especialmente significativa nos contextos atuais, nos quais múltiplos arranjos familiares coexistem e os papéis parentais podem ser exercidos por diferentes figuras, incluindo avós, tios, padrastos, entre outros. Sob o mesmo ponto de vista, estudos como o de Carone e Lingiard (2022) mostram que a função de cuidado não depende do gênero dos pais, enquanto a revisão sistemática de Wang et al. (2024) evidencia que o cuidado oferecido por avós pode ter impactos relevantes na saúde mental dos netos.

Portanto, a parentalidade possui um conceito multifacetado, que abrange as atividades e processos pelos quais os pais ou cuidadores, dentro do contexto familiar, promovem o desenvolvimento integral de um filho, assegurando sua sobrevivência, bem-estar e crescimento saudável (Carvalho et al., 2019). Dessa forma, a atenção deve estar sobre as práticas parentais adotadas e a qualidade das interações estabelecidas, independentemente de quem as execute, considerando seus efeitos no desenvolvimento infantojuvenil.

Práticas Parentais: Definição e Diferenciação.

Compreender as práticas parentais se torna fundamental para analisar como essas interações parentais afetam o desenvolvimento dos filhos. À vista disso, Musngi et al. (2023) caracterizam as práticas parentais como os comportamentos adotados por pais ou cuidadores no cotidiano, voltados à orientação, socialização e apoio aos filhos, envolvendo disciplina, demonstrações de afeto, monitoramento e comunicação. Isto é, práticas parentais são ações específicas e observáveis, como o uso de elogios, punições, regras e monitoramento empregados no cuidado e na educação dos filhos (Power et al., 2013).

Essas ações costumam ser direcionadas a objetivos específicos, como alimentação e desempenho escolar, refletindo os valores e crenças dos cuidadores. Como resultado, a eficácia dessas práticas pode estar relacionada ao contexto emocional em que ocorrem e à maneira com que são conduzidas, podendo uma mesma prática resultar em efeitos distintos a depender da forma como é aplicada. Além disso, é necessário considerar aspectos como a relação entre pais e filhos, a diversidade de cuidadores na configuração familiar e as influências culturais. Portanto, a compreensão das práticas parentais demanda uma abordagem abrangente e contextualizada, que considere a multiplicidade de fatores envolvidos nas interações familiares e suas implicações para o desenvolvimento dos filhos (Lansford, 2022).

Para que não haja confusão conceitual, é importante distinguir práticas parentais de estilos parentais. Enquanto as práticas se referem a comportamentos específicos adotados pelos cuidadores no cotidiano, os estilos parentais dizem respeito ao padrão mais amplo e coerente de atitudes e posturas que os cuidadores mantêm ao longo do tempo na relação com os filhos. Com isso, considera-se estilos parentais como os padrões gerais de comportamento que moldam

o clima emocional em que as práticas parentais ocorrem. Eles abrangem aspectos da interação que, ao contrário das práticas parentais, não têm necessariamente um objetivo explícito. Esses aspectos podem ser identificados como padrões de funcionamento, como o tom de voz, a linguagem corporal, o distanciamento ou variações de humor (Darling & Steinberg, 1993; Gralewski & Jankowska, 2020).

A diferenciação conceitual entre práticas parentais e estilos parentais é fundamental para a compreensão dos efeitos do ambiente familiar sobre o desenvolvimento dos filhos. A partir dessa perspectiva, teorias foram propostas para classificar os estilos parentais, entre elas as mais influentes são a teoria dos três estilos parentais, proposta por Baumrind (1967), e a teoria dos quatro estilos, posteriormente desenvolvida por Maccoby e Martin (1983). Ambas as teorias buscam sistematizar os padrões de socialização parental com base nas dimensões exigência e responsividade, possibilitando uma análise mais aprofundada da influência das posturas parentais sobre o comportamento e bem-estar dos filhos.

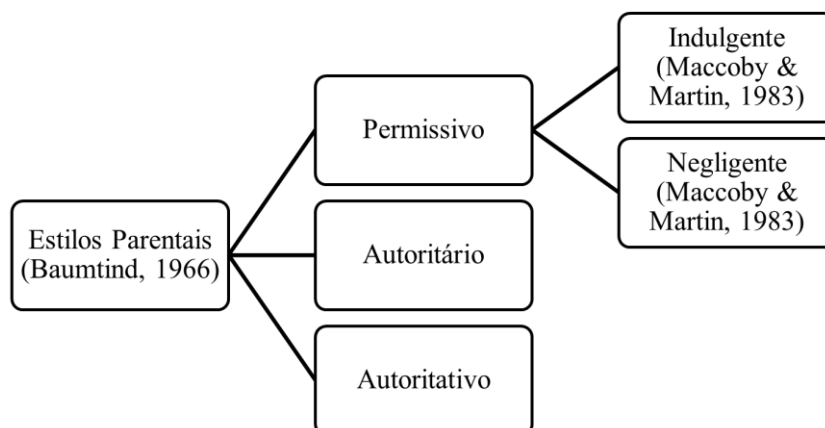
Com o propósito de esclarecer as dimensões utilizadas por ambas as teorias, de acordo com Darling e Steinberg (1993) e, Locke e Prinz (2002), define-se a dimensão exigência como os limites e regras estabelecidos para conter os comportamentos dos filhos e condições para que os comportamentos desejados sejam cumpridos, ou seja, trata-se de desencorajar comportamentos inadequados e obter a obediência dos filhos por meio da disciplina. Essa dimensão engloba tanto disciplinas eficazes/positivas (conversas bidirecionais e raciocínio indutivo), quanto disciplinas ineficazes/punitivas, como coerção e punição. Já a dimensão responsividade, refere-se à maneira pela qual os pais demonstram afeto, envolvem-se com os filhos, aceitam seus comportamentos e sentimentos, e são sensíveis às suas necessidades, que por sua vez, envolve tanto expressão emocional (abraços, declarações verbais positivas, comunicação e aceitação), quanto ações instrumentais (brincar juntos, atuar como facilitador e auxiliador, e atender às necessidades biológicas [saúde] e sociais [educação] dos filhos). Dessa forma, serão apresentados os principais modelos teóricos de estilos parentais, suas características e implicações para o desenvolvimento infantojuvenil.

A princípio, Baumrind (1967), após observar o comportamento parental em ambientes naturais e identificar três estilos parentais, baseados em julgamentos clínicos e observacionais, propôs três estilos na educação parental, sendo eles: Permissivo, Autoritário e Autoritativo. Em virtude disso, o estilo Permissivo se refere a cuidadores que atuam de forma não punitiva, aceitando e afirmando as vontades dos filhos. São pouco exigentes e inaptos a moldar os comportamentos atuais ou futuros de seus filhos, pois viabilizam maior autonomia em suas atividades e escolhas, evitando controlá-los. Em contrapartida, no estilo Autoritário, os cuidadores tendem a moldar, controlar e avaliar os comportamentos e atitudes dos filhos. Eles têm a obediência como uma virtude e medidas punitivas que causam sofrimento, como algo que refreia atitudes que acreditam ser incorretas. Nesse estilo, os cuidadores também restringem a autonomia dos filhos e imputam responsabilidades como forma de atribuir valor ao trabalho (Baumrind, 1966).

Por último, o estilo Autoritativo se refere a cuidadores com atitudes mais democráticas, como conversas em que as partes (pais e filhos) exponham e compreendam suas opiniões. Tanto a autonomia como o uso da disciplina de forma coerente são utilizadas por cuidadores com esse estilo, portanto, eles exercem um controle nos pontos divergentes, mas não limitam os filhos com restrições; reconhecem seus direitos, mas também os interesses dos filhos. Sendo assim, nesse estilo, o adulto tende a destacar as qualidades presentes nos filhos, sem desconsiderar o uso da razão para estabelecer padrões em condutas futuras (Baumrind, 1966; Darling & Steinberg, 1993).

Figura 1

Estilos Parentais Idealizados por Baumrind (1966) e Posteriormente Revisados por Maccoby e Martin (1983).

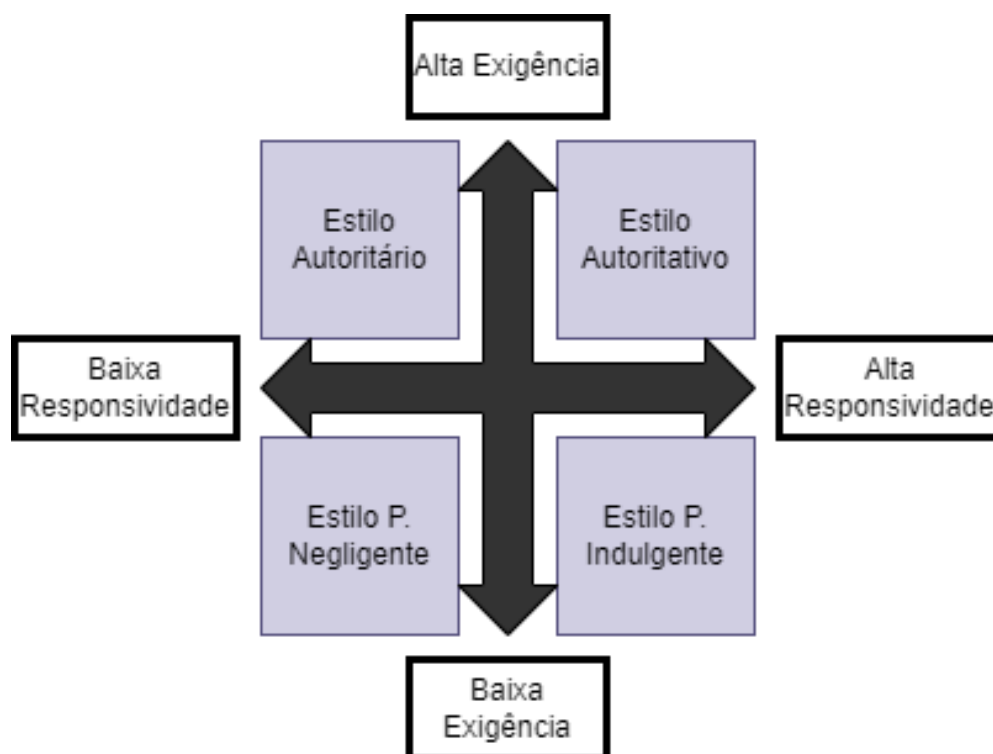


Nota: O diagrama representa os estilos parentais conforme a teoria de Baumrind (1966), com a posterior subdivisão do estilo permissivo em indulgente e negligente por Maccoby e Martin (1983), baseada nas dimensões de exigência e responsividade parental.

A esse respeito, Maccoby e Martin (1983), ao examinarem a teoria dos três estilos de Baumrind, consideraram a estrutura teórica válida (Figura 1), mas observaram que faltava uma categoria para representar pais que não eram nem exigentes e nem responsivos. Com isso, eles buscaram teorizar com mais rigor os estilos parentais dentro da estrutura bidimensional, sistematizando-a em um modelo de quadrantes (Figura 2), em que cada um representa um valor de níveis diferentes de exigência e de responsividade. Logo, esse modelo deu origem à formulação dos quatro estilos parentais: Autoritativo (alta exigência e alta responsividade), Autoritário (alta exigência e baixa responsividade), Indulgente (baixa exigência e alta responsividade) e Negligente (baixa exigência e baixa responsividade), dessa forma, ampliou-se a teoria dos Estilos Parentais.

Figura 2

Modelo de estilos parentais baseado em duas dimensões (Maccoby & Martin, 1983).



Nota: O diagrama ilustra o modelo bidimensional de Maccoby e Martin (1983). Os estilos parentais são categorizados com base em duas dimensões independentes: exigência e responsividade.

É crucial notar que os estilos parentais, por serem padrões gerais e o clima emocional da relação (Gralewski & Jankowska, 2020), se manifestam por meio de práticas parentais específicas. Ou seja, as práticas observáveis que pais e cuidadores utilizam no dia a dia, em seu conjunto, expressam o estilo parental predominante (McWhirter et al., 2023), por exemplo, um estilo parental Autoritativo, caracterizado por alta exigência e alta responsividade, pode ser observado em práticas como a comunicação aberta e bidirecional, o uso de disciplina indutiva que explica o raciocínio por trás das regras, e a demonstração consistente de afeto e apoio ao desenvolvimento da autonomia dos filhos. As práticas são, portanto, as ferramentas comportamentais pelas quais os estilos parentais são expressos e compreendidos na interação familiar (Liu et al., 2024).

Em acréscimo, ainda que os estilos Autoritário e Autoritativo sejam diferenciados pelos níveis de responsividade e compartilhem o alto nível de exigência, Cassoni (2015) sugere que há diferenças entre a “qualidade” da exigência parental, isto é, há exigência restritiva (controle psicológico) e exigência firme (controle comportamental). Assim, ambos os estilos Autoritário

e Autoritativo manifestam altos níveis em exigência firme, mas somente o estilo Autoritário possui altos níveis em exigência restritiva.

Os Impactos das Práticas Parentais no Desenvolvimento Infantojuvenil.

As práticas parentais, enquanto manifestações pontuais de exigência e responsividade compõem um conjunto de interações contínuas que estruturam o cotidiano familiar e podem moldar, ao longo do tempo, aspectos centrais do desenvolvimento dos filhos. Ao serem repetidas e internalizadas, essas práticas podem influenciar a maneira como os filhos constroem sua autoestima, regulam suas emoções, relacionam-se com os outros e enfrentam desafios (Lanjekar et al., 2022; Musngi et al., 2023). Nesse sentido, a seguir, serão apresentados estudos que evidenciam os impactos dessas práticas sobre diferentes domínios do desenvolvimento.

Dando continuidade à discussão sobre os efeitos das práticas parentais, as práticas parentais são selecionadas de forma flexível, levando em conta tanto as características individuais dos filhos quanto às circunstâncias da interação familiar. Conforme apontado por Pan et al. (2024), a flexibilidade psicológica dos pais, entendida como a capacidade de ajustar seus comportamentos com base nas demandas situacionais, desempenha um papel central nesse processo. Isso significa, que a escolha de quais práticas adotar pode ser influenciada por fatores relacionados aos filhos, como idade, sexo e padrões de comportamento, bem como por características dos próprios pais, incluindo gênero, experiências anteriores, personalidade e papéis culturais. Além disso, aspectos contextuais mais amplos, como condições socioeconômicas e normas socioculturais, também podem impactar a forma como essas práticas são manifestadas no cotidiano. Dessa maneira, a prática parental deve ser compreendida como um fenômeno dinâmico e adaptativo, sensível às múltiplas dimensões que configuram a relação entre pais e filhos.

Convém notar que as diferentes faixas etárias indicam mudanças entre os objetivos e práticas utilizadas. O estudo de Benites et al. (2021) é um relato de caso de uma intervenção individual breve, voltada para orientar pais e cuidadores no manejo de crianças com problemas de comportamento. Os autores apresentam três casos clínicos, detalhando as estratégias utilizadas em cada um, sem recorrer a análises estatísticas, mas sim à descrição do processo e

à análise qualitativa das mudanças observadas. O estudo destaca a importância de adaptar as práticas parentais conforme as faixas etárias. Para crianças mais novas (5 anos), enfatiza-se a criação de rotinas e disciplina positiva, enquanto para crianças mais velhas e adolescentes (13 e 15 anos), o foco é o desenvolvimento de autonomia, habilidades de comunicação e resolução de conflitos, sendo fundamental ajustar as práticas parentais às necessidades e capacidades de cada fase do desenvolvimento.

Do mesmo modo, as crenças que os cuidadores desenvolvem ao longo da vida, também podem influenciar as práticas parentais. Essas crenças podem estar relacionadas à forma como os cuidadores veem a infância (fase de afeto e aprendizado) ou a adolescência, muitas vezes percebida como um período de conflito e riscos. Segundo Ridao et al. (2021), tais percepções são construídas com base em experiências pessoais, valores familiares e mudanças ao longo do tempo. Embora possam se transformar à medida que os filhos crescem, algumas crenças tendem a permanecer estáveis e continuam impactando a forma como os pais lidam com o comportamento dos filhos, tanto na infância quanto na adolescência.

Considerando que as crenças parentais podem moldar as práticas adotadas, torna-se possível analisar como elas influenciam os comportamentos dos filhos ao serem refletidas em suas práticas e nos comportamentos que elas favorecem ou desencorajam nos filhos. Nesse contexto, o estudo de Tran et al. (2024), realizado no Vietnã, investigou a relação entre práticas parentais, crenças pró-agressão e comportamento agressivo em 532 estudantes, com idade média de 13 anos ($DP = 1,10$). Os resultados indicaram que práticas negativas, como induzir à culpa, distanciamento afetivo e invasão de privacidade estão associadas a crenças pró-agressão ($r = 0,45$, $p < 0,01$) e a um aumento no comportamento agressivo ($r = 0,40$, $p < 0,01$). Aliás, verificou-se que as crenças pró-agressão se correlacionaram positivamente com o comportamento agressivo ($r = 0,50$, $p < 0,01$) e mediarão parcialmente a relação entre as práticas parentais e a agressividade. Isso sugere que o modo como os pais lidam com os filhos pode, indiretamente, estimular comportamentos agressivos ao reforçar crenças que justificam a agressão. Dessa maneira, as práticas dos pais podem não só influenciar a agressividade, mas também podem moldar as crenças dos filhos que justificam a agressividade, o que destaca a

importância de compreendermos como os pais, mesmo sem querer, podem estar contribuindo para o desenvolvimento de tendências agressivas.

Em conformidade, é certo que os relacionamentos familiares desempenham um papel fundamental na formação dos filhos, podendo motivar na maneira como eles entendem, interpretam e interagem com os outros em ambientes sociais. Enquanto o primeiro cenário social em que eles estão inseridos, a família contribui no aprendizado de normas sociais, valores e comportamentos. Consequentemente, as interações e dinâmicas familiares promovem a capacidade dos filhos de formar relacionamentos e lidar com situações sociais (Akram & Jalolovich, 2024).

Sob essa perspectiva, práticas positivas são primordiais no desenvolvimento social e emocional dos filhos, contribuindo para a prevenção de dificuldades emocionais e comportamentais, além de promover um ajuste socioemocional saudável (Okorn et al., 2022). Especificamente, práticas como envolvimento ativo, demonstração de afeto, expressão emocional e participação na vida dos filhos fortalecem os vínculos familiares e criam um ambiente de segurança e apoio. Atitudes como expressar contentamento, satisfação, prazer, sensibilidade, elogios, carinho e compartilhar experiências são características essenciais das práticas responsivas (Salvador & Weber, 2005). Além disso, práticas estimuladoras, como o incentivo à autonomia, o cuidado sensível e a demonstração de afeto, estão positivamente associadas ao desenvolvimento de habilidades cognitivas e autorregulatórias nos filhos, incluindo planejamento, memória operacional e autocontrole (Souza et al., 2021).

De acordo com Huang (2021), no âmbito da teoria do apego, os comportamentos parentais desempenham papel fundamental na formação dos padrões de apego dos filhos e, por consequência, influenciam seu modo de se relacionar no futuro. O autor destaca que o apego seguro tende a se desenvolver em contextos nos quais os cuidadores oferecem suporte consistente para aliviar o estresse e respondem de maneira sensível e adequada às necessidades dos filhos. Esse ambiente favorece a regulação emocional e interações sociais saudáveis. Em contrapartida, práticas negativas como controle excessivo e punição estão associadas ao aumento de problemas emocionais, incluindo estresse e sintomas depressivos. O estudo também

indica que pais com apego inseguro tendem a adotar práticas com menor envolvimento e aceitação, além de comportamentos mais intrusivos e controladores. Nesse mesmo sentido, Axpe et al. (2019) observam que práticas marcadas por rigidez e pouco envolvimento estão relacionados à instabilidade emocional, comportamentos desajustados e maior propensão à violência entre adolescentes, fase que demanda apoio para o desenvolvimento da autonomia, em vez de regras excessivamente rígidas ou autoritárias.

Sob o mesmo ponto de vista, a pesquisa de Javam (2021), aborda que experiências adversas na infância estão associadas a dificuldades na parentalidade e na relação entre os cuidadores na vida adulta. Ademais, o estudo mostrou que mães e pais com histórico de maus-tratos infantis tendem a apresentar menor qualidade na coparentalidade (mães: $r = -0.36$; pais: $r = -0.34$), além de maior exposição dos filhos a conflitos ($r = 0.24$) e aumento no estresse parental materno ($r = 0.21$). Esses resultados reforçam a ideia de que vivências adversas na infância podem comprometer a saúde emocional e relacional dos cuidadores. Por isso, estratégias que fortaleçam a autorregulação emocional e a comunicação entre os pais podem ser essenciais para promover uma parentalidade mais saudável.

Por outro lado, segundo Ugarte et al. (2020), em diferentes perfis familiares, a disciplina severa pode intensificar ou não os problemas externalizantes, dependendo de fatores como o apoio emocional materno ou a presença paterna. Dessa forma, a disciplina severa não exerce um impacto uniforme, e seus efeitos negativos tendem a ser mais acentuados em famílias que enfrentam maiores adversidades. Outrossim, práticas parentais mais autoritárias (e.g., punição e controle) estão associadas a maiores ocorrências de comportamentos externalizantes, como agressividade, por exemplo, e a comportamentos internalizantes, como baixa autoestima e ansiedade (McRae et al., 2020).

No que diz respeito às práticas parentais e à instabilidade emocional dos filhos, o estudo de Schavarem e Toni (2019) investigou a relação entre essas práticas e a autoestima dos filhos. Para os meninos, foi observada uma correlação negativa entre a negligência paterna e a autoestima ($r = -0,34$, $p < 0,05$), indicando que aqueles que experienciaram negligência percebiam sua autoestima de forma mais negativa. No caso das meninas, a disciplina permissiva

materna, em que mesmo com envolvimento emocional, há ausência de firmeza, apresentou correlação negativa com a autoestima ($r = -0,38$, $p < 0,05$), sugerindo que a falta de limites claros também estava associada a uma percepção mais fragilizada de si mesmas. Esses achados evidenciam que práticas parentais como negligência e permissividade excessiva, podem comprometer o desenvolvimento da autoestima dos filhos, com impactos diferenciados entre os gêneros. Complementando essa perspectiva, Huang (2021) destaca que, quando os pais deixam de oferecer cuidados consistentes, envolvimento afetivo e aceitação, especialmente nas fases iniciais do desenvolvimento, os filhos podem desenvolver sentimentos de insegurança e dúvidas em relação ao próprio valor. Isso reforça a importância de práticas parentais equilibradas, que aliam afeto e limites claros, como base para o fortalecimento da autoestima e da estabilidade emocional.

Sendo assim, práticas parentais baseadas em acolhimento e responsividade favorecem um ambiente familiar seguro, no qual os filhos compreendem as expectativas dos pais com apoio emocional e carinho. Essa combinação tende a facilitar a internalização de regras e a promover o desenvolvimento saudável. Nesse sentido, Huang et al. (2019) investigaram a relação entre práticas parentais e saúde mental infantil em uma amostra de 666 díades de pais e filhos em Taiwan. O estudo comparou as percepções parentais e infantis sobre os estilos de educação. Foram encontradas correlações positivas entre os relatos dos pais e as percepções das crianças quanto às práticas democráticas ($r = 0,195$; $p < 0,001$) e exigentes ($r = 0,265$; $p < 0,001$). Apesar disso, observou-se discrepância nos níveis relatados: os pais indicaram médias mais altas para práticas democráticas ($M = 3,85$; $DP = 0,62$) e mais baixas para práticas exigentes ($M = 2,02$; $DP = 0,55$). Já as crianças relataram médias ligeiramente maiores para ambos: democráticas ($M = 3,89$; $DP = 0,94$) e exigentes ($M = 2,21$; $DP = 0,95$). A análise da saúde mental das crianças foi feita por regressão hierárquica. No modelo baseado apenas nas percepções infantis (modelo 2), as práticas democráticas percebidas mostraram associação negativa com sintomas psicológicos ($\beta = -0,226$; $p < 0,01$), enquanto as práticas exigentes estiveram positivamente associadas ($\beta = 0,124$; $p < 0,01$). No modelo 3, que incluiu também os relatos parentais, os coeficientes das percepções infantis permaneceram estáveis. Esses achados

sugerem que a forma como a criança percebe o comportamento dos pais tem maior impacto sobre seu bem-estar emocional do que o relato dos próprios pais. A experiência subjetiva da criança e não apenas a intenção parental — parece ser um fator decisivo na presença de sintomas psicológicos e comportamentais.

Ademais, conforme Raupp et al. (2021), a qualidade do relacionamento familiar é crucial no desenvolvimento dos adolescentes, influenciando na propensão a comportamentos autolesivos. Práticas parentais como punição severa, rejeição, falta de apoio e falta de comunicação aberta, estão associadas a dificuldades de regulação emocional, baixa autoestima e sentimentos de rejeição nos adolescentes. Por outro lado, um ambiente familiar caracterizado por laços de confiança, coesão, comunicação aberta e apoio emocional pode servir como um fator de proteção, promovendo o bem-estar e reduzindo o risco de comportamentos externalizantes. Portanto, o apoio social nas práticas parentais se mostra um elemento essencial para o desenvolvimento saudável dos adolescentes.

Além do mais, Feldman et al. (2023) investigaram, por meio de modelos de regressão linear, como o apoio parental na primeira infância influencia o ajuste socioemocional e comportamental de crianças em idade escolar. O estudo longitudinal acompanhou 455 famílias norueguesas, avaliando os comportamentos de apoio dos pais quando as crianças tinham 24 e 36 meses de idade. Os efeitos desse apoio foram analisados em relação a indicadores de ajustamento infantil medidos posteriormente. Os resultados mostraram que níveis mais altos de apoio paterno predizem significativamente menos sintomas de hiperatividade/impulsividade relatados pelos pais ($B = -0,36$; $SE = 0,10$; $t = -3,72$; $p < 0,01$). Aliás, os autores identificaram interações entre o apoio materno e paterno, indicando possíveis efeitos compensatórios. Quando o apoio materno era baixo, o apoio paterno se associou negativamente a problemas externalizantes ($B = -0,20$; $SE = 0,06$; $t = -3,50$; $p < 0,01$) e a sintomas de hiperatividade/impulsividade ($B = -0,36$; $SE = 0,10$; $t = -3,72$; $p < 0,01$), além de se associar positivamente às habilidades sociais das crianças ($B = 0,16$; $SE = 0,06$; $t = 2,55$; $p = 0,03$). Um achado inesperado indicou que, quando o apoio de ambos os pais era simultaneamente elevado, o apoio materno se associou positivamente aos sintomas de hiperatividade/impulsividade ($B =$

0,18; SE = 0,08; $t = 2,33$; $p = 0,049$). Esse resultado sugere que níveis excessivos de apoio por parte dos dois cuidadores podem, em alguns contextos, estar ligados à superestimulação e ao aumento de sintomas comportamentais. Apesar das associações encontradas, os autores alertam que os dados não permitem inferência de causalidade. Fatores como o temperamento infantil ou a interação com outras práticas parentais podem influenciar os resultados observados.

Ademais, sobre o suporte familiar percebido, Baptista et al. (2020) destacam sua influência significativa no desenvolvimento emocional, social e acadêmico de crianças e adolescentes, impactando diretamente sua autoestima, saúde mental e relações interpessoais. Esse suporte atua como um fator protetivo contra transtornos emocionais e contribui para a motivação acadêmica e o desempenho escolar e pode ser avaliado em três dimensões: Autonomia Familiar (independência e confiança nas relações), Adaptação Familiar (ausência de conflitos e sentimentos negativos) e Afetivo-Consistente (qualidade do vínculo emocional, incluindo carinho e apoio). Sobretudo, deve-se considerar que a forma como cada indivíduo interpreta as interações familiares pode diferir do suporte real oferecido.

Nesse sentido, o suporte familiar percebido refere-se à forma como os filhos interpretam e vivenciam o apoio recebido dos membros da família, independentemente da quantidade ou frequência do suporte efetivamente oferecido. Essa percepção subjetiva pode abranger diferentes dimensões: o apoio emocional, como carinho, escuta e empatia; o apoio instrumental, relacionado à ajuda prática e orientação; e o apoio social, expresso na presença e participação ativa dos familiares. Os autores destacam que esse suporte percebido está diretamente associado à satisfação com a vida na adolescência, sendo influenciado por fatores contextuais como a qualidade da comunicação familiar, a dinâmica das relações e aspectos culturais mais amplos. Tais evidências reforçam que o suporte familiar é uma construção relacional, subjetiva e sensível ao ambiente sociocultural em que o indivíduo está inserido (An et al., 2024; Bi et al., 2021).

Somando a isso, o estudo de Zhou et al. (2023) investigou a relação entre a intimidade familiar e as relações dos adolescentes com seus pares, considerando o papel mediador do capital psicológico (e.g., autoeficácia, esperança, resiliência, otimismo) e o papel moderador da

autoidentidade. A pesquisa, realizada com 414 adolescentes, identificou inicialmente uma correlação positiva significativa entre intimidade familiar e relações com os pares ($r = 0,399$, $p < 0,01$). As análises de regressão revelaram que a intimidade familiar exerce uma influência direta positiva nas relações com os pares ($\beta = 0,459$, $p < 0,001$), além de impactar positivamente o capital psicológico ($\beta = 0,979$, $p < 0,001$). Por sua vez, o capital psicológico também apresentou um efeito positivo nas relações com os pares, mesmo quando controlada a variável intimidade familiar ($\beta = 0,091$, $p < 0,001$). Os resultados indicaram, ainda, que o capital psicológico mediu parcialmente essa relação. Ademais, a autoidentidade moderou positivamente o efeito direto entre intimidade familiar e relações com os pares ($\beta = 0,222$, $p < 0,001$). Esses achados reforçam a importância de fortalecer os laços familiares e promover o desenvolvimento do capital psicológico e da autoidentidade como estratégias para favorecer interações sociais mais saudáveis entre adolescentes.

Não obstante, em contextos desafiadores, como durante a pandemia de COVID-19 por exemplo, os pais adaptaram suas práticas em resposta ao estresse e às necessidades dos filhos. Essa adaptação incluiu o aumento do suporte emocional e a implementação de estratégias para manter a proximidade familiar, o que reforçou o papel das práticas parentais na percepção de suporte por parte dos filhos, com implicações positivas para a saúde mental e o bem-estar da família (Babu et al, 2024). Além disso, famílias que mantêm um ambiente de apoio e comunicação aberta apresentam filhos com maior sensação de segurança e menores problemas emocionais, ressaltando a importância de práticas parentais atentas e consistentes na promoção de um funcionamento familiar saudável e de qualidade de vida dos filhos (Chentsova Dutton et al., 2020). Portanto, a percepção do suporte familiar pelos adolescentes é um indicador crucial de seu bem-estar geral e pode ser influenciada por diversos fatores familiares e culturais. Intervenções que promovem a comunicação aberta e a valorização das relações familiares são exemplos de estratégias eficazes para melhorar essa percepção e seus impactos positivos (Laursen et al., 2018).

Em síntese, as práticas parentais exercem influência significativa e multifacetada no desenvolvimento emocional, social e comportamental de crianças e adolescentes. Elas não

apenas podem moldar padrões de relacionamento e autorregulação, como também refletem crenças, experiências prévias e condições contextuais dos cuidadores. A qualidade dessas práticas, sejam elas afetuosas, flexíveis e responsivas, ou rígidas, negligentes e coercitivas – está associada a desfechos como autoestima, comportamento agressivo, saúde mental e capacidade de interação social dos filhos. Além disso, fatores como suporte familiar percebido, intimidade nas relações e experiências adversas na infância se mostram fortemente vinculados ao bem-estar dos filhos e à qualidade das relações familiares. Assim, compreender a complexidade e os múltiplos fatores associados às práticas parentais é essencial para promover intervenções eficazes e contextualmente sensíveis, que fortaleçam vínculos familiares e favoreçam trajetórias de desenvolvimento mais saudáveis.

Avaliação Práticas Parentais.

Como mostra a revisão sistemática de Lago et al. (2010), foram identificados dez instrumentos principais, utilizados para a avaliação da parentalidade, em que, sete escalas são internacionais e três nacionais, demonstrando a exiguidade de ferramentas brasileiras na área até o momento da pesquisa. Esses instrumentos medem aspectos como apego, práticas parentais, suporte emocional, controle parental, estilos parentais e padrões de comunicação. Diante disso, as autoras reforçam a importância de adaptar ou desenvolver ferramentas adequadas à realidade brasileira.

Posteriormente, o estudo de Gomide et al. (2022) teve como objetivo revisar os instrumentos brasileiros desenvolvidos para avaliar práticas parentais e identificou seis instrumentos nacionais: o Inventário de Estilos Parentais - IEP (Gomide, 2006/2021), a Escala de Qualidade na Interação Familiar - EQIF (Weber et al., 2008), o Inventário de Estilos Parentais para Mães de Bebês – IEPMB (Altafim, Schiavo, & Rodrigues, 2008), o Inventário de Práticas Parentais - IPP (Benetti, & Balbinotti, 2003), o Questionário de Percepção dos Pais - QPP (Pasquali, & Araújo, 1986) e o Inventário de Práticas e Crenças Parentais - IPCp (Martinelli, Matsuoka & Fernandes, 2017). Os resultados revelaram que esses instrumentos contemplam tanto práticas eficazes (como apoio e monitoramento) quanto ineficazes (como punição física e negligência), mas foram aplicados majoritariamente com mães, havendo pouca representação de pais e

escassez de estudos voltados à primeira infância. Os autores concluem que, apesar dos avanços na produção nacional, ainda existem lacunas importantes a serem preenchidas, como o aumento da diversidade amostral e o desenvolvimento de instrumentos voltados a diferentes contextos familiares e faixas etárias, pois são fundamentais para subsidiar práticas clínicas, intervenções e políticas públicas voltadas à parentalidade positiva no Brasil.

A construção de uma nova escala para avaliar práticas parentais no Brasil é justificada na natureza concreta e observável dessas práticas, que se manifestam nas interações cotidianas entre pais e filhos, o que pode evitar uma dissociação entre o que os pais pensam ou sentem e o que efetivamente fazem no exercício da parentalidade. Avaliar as práticas permite uma aproximação mais objetiva da realidade vivida pelos filhos, refletindo de forma mais acurada os padrões de cuidado, controle, afeto e disciplina que moldam seu desenvolvimento. Além disso, optar pela perspectiva dos filhos adolescentes proporciona um olhar direto sobre como esses comportamentos parentais são percebidos e internalizados. Ademais, pela necessidade de instrumentos que reflitam com precisão as especificidades culturais e sociais do contexto brasileiro. Trata-se de um país multicultural e marcado pela miscigenação, cujas dinâmicas familiares e valores parentais são atravessados por múltiplas influências étnicas, regionais e socioeconômicas. Embora existam escalas adaptadas e validadas para a população brasileira, como a Escala de Socialização Parental - ESPA29 (Martínez et al., 2011) e as Escalas de Práticas Parentais - EPP (Teixeira et al., 2006), a criação de uma escala original pode oferecer vantagens significativas. A adaptação de instrumentos de outros países pode não capturar essas particularidades das práticas parentais brasileiras, o que pode levar a uma avaliação imprecisa (Martínez et al., 2011).

Isto é, a Escala de Crenças Parentais e Práticas de Cuidado (E-CPPC), por exemplo, foi construída e validada para avaliar crenças e práticas de cuidado na primeira infância, considerando o contexto brasileiro (Martins et al., 2010). Essa escala aborda dimensões específicas, como cuidado primário, contato corporal e estimulação por objetos, que são relevantes para a realidade brasileira, devido a características culturais e sociais que no modo de cuidar na cultura brasileira, evidenciando a necessidade de instrumentos que levem em conta as peculiaridades culturais do país.

Além do mais, a criação de uma nova escala permite a inclusão de dimensões emergentes e relevantes no cenário atual, como o uso de tecnologias digitais na educação dos filhos e questões relacionadas à diversidade familiar. Este aspecto é particularmente importante, considerando as rápidas mudanças sociais e tecnológicas que impactam as dinâmicas familiares no Brasil (Neumann & Missel, 2019). O contexto brasileiro é dinâmico e altamente diverso, o que exige instrumentos flexíveis que possam ser aplicados a diferentes tipos de famílias, incluindo aquelas em situação de vulnerabilidade social. Portanto, a elaboração de uma nova escala de práticas parentais, alinhada às particularidades culturais e às demandas contemporâneas do Brasil, é essencial para uma avaliação mais precisa e eficaz das interações familiares. Isso contribui para intervenções e políticas públicas mais adequadas, capazes de apoiar as famílias em um contexto brasileiro multifacetado (Martínez et al., 2011; Martins et al., 2010; Lopes & Almeida, 2022).

A fim de conciliar e padronizar os diversos conceitos utilizados na literatura, foi realizado um levantamento sobre instrumentos que se propuseram a avaliar os estilos e práticas parentais. Para isso, foram consultadas as bases de dados Google Scholar, BVPS-Psi, SciELO, PubMed, PsycINFO e o Portal de Periódicos da CAPES, através do acesso CAFE. O levantamento, conduzido entre 2022 e 2025, utilizou palavras-chave em português e inglês, a saber: "Escala" AND "Práticas Parentais", "Inventário" AND "Práticas Parentais", "Parental

Questionnaire” e “Parenting Practices Scale”. Com o auxílio de revisões sistemáticas (Gomide & Traple, 2022; Lago et al. 2010; Locke & Prinz, 2002) e das buscas realizadas, foram identificados sessenta e seis instrumentos de diferentes regiões (Tabela 1; Tabela 2; Tabela 3).

Tabela 1

Relação de Instrumentos de Autorrelato Destinados aos Pais ou Cuidadores Primários

Instrumento	Autor(es)	Fase	Exigência	Responsividade	Fatores	Itens
Desenvolvimento						
Parental Disciplinary Orientations	Abelman (1986)	Crianças	Eficaz e Ineficaz	-	Orientação Indutiva e Orientação Sensibilizadora	18
Parenting Stress Index (PSI)	Abidin (1995)	Crianças	-	Emocional	Domínio da Criança: distrabilidade/hiperatividade, adaptabilidade, reforça os pais, exigência, humor e aceitabilidade; Domínio dos Pais: competência, conexão, saúde, depressão e relacionamento conjugal/coparental	120
Inventário de Estilos Parentais para Mães de Bebês (IEPMB)	Altafim et al. (2008)	Crianças	Eficaz e Ineficaz	-	Monitoria positiva, negligência, abuso físico, disciplina relaxada e punição inconsistente.	25
Parenting Scale (PS)	Arnold et al., (1993)	Crianças/Adolescentes	Ineficaz	-	Frouxidão, Hiper-reatividade e Verbosidade.	32
Behavioral Management Self Assessment (BMSA)	August et al., (1995)	Crianças	Eficaz e Ineficaz	-	Autoavaliação, respeito, disciplina e obediência	15
Inventário de Práticas Parentais	Benetti & Balbinotti (2003)	Crianças	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Afeto, didática (Educação), disciplina e aspectos sociais	16
Iowa Parent Behavior Inventory - IPBI	Cruse et al., (1980)	Crianças	Eficaz	Emocional e Instrumental	Envolvimento, limites, responsividade, orientação de raciocínio, intimidade e livre expressão.	36
Discipline Questionnaire	Culp et al., (1999)	Crianças	Ineficaz	-	Disciplina Punitiva	17
Parent Report	Dibble & Cohen (1974)	Crianças/Adolescentes	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Aceitação, Sensibilidade, Disciplina Consistente, Disciplina Positiva, Distanciamento, Intrusão, Disciplina Negligente, Disciplina Inconsistente, Controle	48
Response Questionnaire	Dix et al., (1989)	Crianças/Adolescentes	Eficaz e Ineficaz	-	Afirmções de poder. Disciplina, Comunicação, Punição	10

Instrumento	Autor(es)	Fase	Exigência	Responsividade	Fatores	Itens
Desenvolvimento						
Parent SelfEvaluation Instrument	Edgmon et al., (1996)	-	-	Emocional e Instrumental	Autocuidado parental, Compreensão, Guia, Nutrição, Motivação, Intercessor	29
Reward Scale	Fabes et al., (1989)	Crianças	Eficaz	-	Uso de recompensas	10
Turkish Parental Involvement Scale (TPIS)	Gürbüztürka & Üda (2010)	Crianças	-	Emocional e Instrumental	Comunicação, ajuda, desenvolvimento pessoal, voluntariado, facilitador	39
Child-rearing Issues	Hetherington & Clingempeel (1992)	Adolescentes	-	Emocional e Instrumental	Cordialidade, comunicação e envolvimento	10
Parenting Practices Scale (PPS)	Kahraman et al., (2017)	Crianças	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Resolução de problemas, super-reativas, práticas inconsistentes e práticas interativas	52
Monitoring and Control Questionnaire	Kotchick et al., (1997)	Crianças/Adolescentes	Eficaz e Ineficaz	-	Conhecimento das Mães sobre as atividades dos filhos	26
Discipline Record Booklet (DRB)	Larzelere et al., (1996)	Crianças	Eficaz e Ineficaz	-	Disciplina	21
Inventário de Práticas e Crenças Parentais	Martinelli et al., (2017)	Crianças	-	Emocional e Instrumental	Práticas Parentais e Crenças Parentais	15
Parenting Questionnaire	Mccabe et al., (1999)	Adolescentes	Ineficaz	Emocional e Instrumental	Exigência, responsividade e punição corporal	50
Escala de Crenças Parentais e Práticas de Cuidado (E-CPPC)	Martins et al. (2010)	Crianças	-	Emocional e Instrumental	Cuidados primários e estimulação	27
Daily Checklist	Pomerantz & Ruble (1998)	Crianças/Adolescentes	Eficaz	Emocional e Instrumental	Ajuda, monitoramento, tomada de decisão, elogio e disciplina	12
Parenting Dimensions Inventory (PDI)	Power (1991)	Crianças/Adolescentes	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Suporte, consistência, inconsistência, controle, restrição, envolvimento, responsividade.	-

Instrumento	Autor(es)	Fase	Exigência	Responsividade	Fatores	Itens
Desenvolvimento						
Parenting Style and Dimensions Questionnaire (PSDQ)	Robinson et al. (1995)	Criança	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Envolvimento, raciocínio, consistência, comunicação, autonomia, exigência, responsividade e punição	62
Parent Practices Scale	Strayhorn & Weidman (1988)	Crianças	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Satisfação, autocontrole parental, envolvimento, disciplina punitiva, afeto positivo (elogio), Nutrição instrumental, obediência, tolerância	34

Os instrumentos foram organizados em uma planilha e categorizados de acordo com o grupo respondente (apenas os pais, apenas os filhos ou ambos), com a fase do desenvolvimento a qual o instrumentos se propusera a avaliar (crianças; adolescentes; adulto jovem), e de acordo com as práticas que avaliam (práticas de disciplina eficaz, disciplina ineficaz, envolvimento emocional e envolvimento instrumental, isto é, práticas que suprem as necessidades biológicas, psicológicas e sociais), baseando-se na teoria da bidimensionalidade de exigência e responsividade (Maccoby & Martin, 1983). Diversas terminologias foram utilizadas, portanto, foram organizadas e agrupadas de acordo com as similaridades semânticas. Assim, os descritores utilizados para definir práticas de exigência são compreendidos como: monitoramento, supervisão, disciplina (punitiva/positiva e inconsistente/consistente), autoridade, controle, concessão de autonomia, tomada de decisão, rigor e limite; enquanto os descritores utilizados para definir as práticas de responsividade são compreendidos como: afeto (positivo/negativo e físico/verbal), intimidade, apoio, comunicação, aceitação, conforto, confiança, cordialidade, distanciamento e envolvimento (Albeman, 1986; Armsden & Greenberg, 1987; Arnold et al., 1993; ...; Wintre et al., 1995).

Tabela 2*Relação de Instrumentos de Heterorrelato Destinados aos Filhos*

Instrumento	Autor(es)	Fase	Exigência	Responsividade	Fatores	Itens
Desenvolvimento						
Parental Support Inventory	Barber & Thomas (1986)	Crianças/ Adolescentes	-	Emocional e Instrumental	Apoio, afeto físico, companheirismo, concessão de autonomia e distanciamento	42
Parental Authority	Buri et al., (1988)	Adulto Jovem	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Responsividade, autoritatividade e autoridade	30
Parent Evaluation Scale	Cooper (1966)	Adulto Jovem	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Aceitação, atitude em relação à sexualidade, responsabilidade, cordialidade e perspectiva de vida.	26
Responsividade e Exigência: Duas Escalas Para Avaliar Estilos Parentais	Costa et al., (2000)	Adolescente	Eficaz	Emocional e Instrumental	Disciplina e cuidado	6 e 10

Instrumento	Autor(es)	Fase	Exigência	Responsividade	Fatores	Itens
Desenvolvimento						
Survey of Children's Social Support (SOCSS)	Dubow & Ullman (1989)	Crianças/ Adolescentes	-	Emocional e Instrumental	Apoio social e afeto	31
Parent –Child Relationship Survey (PCRS)	Fine et al., (1983)	Adolescentes	-	Emocional e Instrumental	Afeto Positivo, envolvimento, comunicação e identificação	24
Parent-Child Relationship Inventory (PCRI)	Gerard (1994)	Crianças/ Adolescentes	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Suporte parental, satisfação, envolvimento, comunicação, limites, autonomia, orientação	78
Inventário de Estilos Parentais (IEP)	Gomide (2006)	Crianças/ Adolescentes	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Punição inconsistente, disciplina relaxada, monitoria, negligência e comp. moral.	42
Parental Practices Scale for Children	Guzmán et al., (2013)	Crianças/ Adolescentes	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Rejeição, punição, responsividade, cordialidade e apoio	27
Social Support Scale for Children (SSSC)	Harter (1985)	Crianças/ Adolescentes	-	Emocional e Instrumental	Autoaceitação, apoio, valores e autoestima	24
Parenting Style Scale	Koeske (1998)	Adolescente	Eficaz e Ineficaz	Emocional	Cordialidade, receptividade, autoridade, democracia, permissividade e indulgência.	46

Instrumento	Autor(es)	Fase	Exigência	Responsividade	Fatores	Itens
Desenvolvimento						
Family Climate Inventory	Kurdek et al., (1995)	Adolescente	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Supervisão, aceitação, concessão de autonomia e conflito	24
Parenting Style Scale (PSS)	Lamborn et al., (1991)	Adolescente	Eficaz	Emocional e Instrumental	Aceitação, envolvimento, autonomia psicológica e rigor	24
Parenting Questionnaire	Lempers et al., (1989)	Adolescente	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Nutrição, monitoramento, disciplina consistente,	29
Escala de Socialização Parental (ESPA29)	Martínez et al. (2011)	Adolescente	Ineficaz	Emocional e Instrumental	Aceitação/implicação e severidade/imposição	29
Parental Bonding Instrument (PBdI)	Parker et al., (1979)	Adolescente/ Adulto Jovem	Ineficaz	Emocional e Instrumental	Superproteção e cuidado.	25
Questionário de percepção dos pais - Q.P.P	Pasquali & Araújo (1986)	Adolescente/ Adulto Jovem	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Companheirismo, Intimidade, Disciplina Punitiva, Disciplina Lassa (Frouxa) e Centralização no filho e Superproteção	65

Instrumento	Autor(es)	Fase Desenvolvimento	Exigência	Responsividade	Fatores	Itens
Perceived Social Support from Family (PSS-Fa)	Procidano & Heller (1983)	Adolescente/ Adulto Jovem	-	Emocional e Instrumental	Apoio, informação e feedback pela família.	20
Parental Competence Scale	Reparaz et al., (2021)	Adolescente	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Cordialidade, exigibilidade, força moral e privacidade	46
Responsividade e Exigência Parental Percebidas	Teixeira et al., (2004)	Adolescente	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Disciplina e cuidado	12 e 12
Escalas de Práticas Parentais (EPP)	Teixeira et al., (2006)	Adolescente	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Apoio emocional, controle punitivo, incentivo à autonomia, intrusividade, superv.o comportamento e cobrança de responsabilidade.	27
Escala de Qualidade na Interação Familiar (EQIF)	Weber et al. (2008)	Crianças/ Adolescentes	Eficaz e Ineficaz	Emocional	Envolvimento, regras, monitoria, comunicação positiva, clima conjugal positivo, comunicação negativa, punição corporal e clima conjugal negativo.	40

Instrumento	Autor(es)	Fase	Exigência	Responsividade	Fatores	Itens
		Desenvolvimento				
Perception of Parental Reciprocity Scale (POPRS)	Wintre et al., (1995)	Adolescente/ Adulto Jovem	-	Emocional e Instrumental	Autoestima e locus de controle	43

Para a criação de um novo instrumento de avaliação de práticas parentais, embasado na teoria dos quatro estilos (Baumrind, 1967; Maccoby & Martin, 1983), realizou-se um levantamento dos fatores e práticas parentais presentes em instrumentos existentes (Tabelas 1, 2 e 3). A análise da frequência de uso revelou que os termos com similaridade semântica relacionados à disciplina (punitiva/positiva e inconsistente/consistente), limite, autoridade, controle e rigor foram os mais comuns (31.2%), seguidos por apoio, ajuda, orientação e concessão de autonomia (21.3%), afeto, cordialidade e comunicação (20.6%), envolvimento, interação e intimidade (12.1%), tolerância, aceitação e compreensão (7.8%), e monitoramento, supervisão e segurança (6.4%). Em contraste, o fator "confiança" apresentou a menor frequência (0,7%). Essa baixa representatividade motivou sua seleção como um descritor essencial do novo instrumento, garantindo sua avaliação específica na Escala Brasileira de Práticas Parentais - EBRAPP. Esta escala, portanto, investiga a dimensão exigência através dos fatores disciplina e monitoramento, e a dimensão responsividade por meio de apoio, afeto, envolvimento, tolerância e confiança. As respostas serão coletadas utilizando uma escala Likert de 4 pontos (0 = “nunca”, 1 = “poucas vezes”, 2 = “muitas vezes” e 3 = “sempre”), solicitando ao respondente que escolha uma figura parental (mãe, pai, avó, avô, tia, tio, irmã, irmão, madrinha, padrinho e outros, com campo para especificar) como referência para suas avaliações.

Tabela 3

Relação de instrumentos de autorrelato destinados tanto aos pais/cuidadores primários, quanto aos filhos.

Instrumento	Autor(es)	Fase Desenvolvimento	Exigência	Responsividade	Fatores	Itens
Inventory of Parent and Peer Attachment	Armsden & Greenberg (1987)	Adolescentes/ Adulto Jovem	-	Emocional e Instrumental	Confiança, Comunicação e Alienação	60
Child Rearing Practices Report (CRPR)	Block (1965)	Crianças/ Adolescentes	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Atitudes, Valores, Comportamentos e Objetivos da Criação	91
Family Functioning Scales	Bloom (1985)	Crianças/ Adolescentes	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Coesão, expressividade, conflito, orientação, organização, sociabilidade familiar, lócus de controle externo, idealização de família, desengajamento, democracia, negligência, autoridade e indulgência	75
Parental Authority Questionnaire (PAQ)	Buri (1991)	Crianças/ Adolescentes	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Permissividade, autoridade e Autoritatividade.	30
Child Management Questionnaire	Covell et al. (1995)	Crianças/ Adultos	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Punição física, ameaça de retirada de amor, explicação, recompensa material e elogio	8
Sibling Inventory of Differential Experience (SIDE)	Daniels & Plomin (1985)	Crianças/ Adolescentes	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Interação entre irmão, tratamento parental, Características dos pares e eventos específicos dos indivíduos.	73
Cornell Parent Behavior Inventory (CPBI)	Devereux et al. (1969)	Adolescentes	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Nutrição, disciplina, incentivo à autonomia, indulgência, responsabilidades, exigências, controle, proteção, privação e repreensão	30
Family DecisionMaking Scale (FDM)	Epstein & McPartland, (1977)	Adolescente	Eficaz e Ineficaz	-	Tomada de decisão familiar	12
Parent Perception Inventory (PPI)	Hazzard et al., (1983)	Crianças/ Adolescentes	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Reforço positivo, conforto, comunicação, envolvimento, concessão de autonomia, assistência, afeto, punição	36
Child-Rearing Issues: Parent and Child	Hetherington & Clingempeel, (1992)	Adolescente	Eficaz e Ineficaz	-	Regras, disciplina e conflito	22 e 37
Parent –Child Interaction Rating Scales	Heilbrun (1964)	Crianças	-	Emocional e Instrumental	Afeto (sentido); Afeto (percebido); Aprovação, Compartilhamento de sentimentos e experiências	11

Instrumento	Autor(es)	Fase Desenvolvimento	Exigência	Responsividade	Fatores	Itens
Parenting Practices Questionnaire (PPQ)	Robinson et al., (1995)	Crianças	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	pessoais, Doação concreta (presentes, dinheiro), Segurança nas relações com os pais Envolvimento, Raciocínio Indutivo, Participação Democrática, Hostilidade Verbal, Estratégias Punitivas, Diretividade, Monitoramento e Autoconfiança	62
Physical Punishment Questionnaire	Rohner et al., (1991)	Crianças/ Adolescentes	Ineficaz	-	Punição física	14
Parental Acceptance-Rejection Questionnaire (PARQ)	Rohner (2005)	Crianças, Adolescentes e Adultos	Ineficaz	Emocional e Instrumental	Calor e afeto, hostilidade e agressão, indiferença e negligência, rejeição	60
Children's Report of Parental Behavior Inventory (CRPBI)	Schaefer, (1965)	Crianças/ Adolescentes	Eficaz e Ineficaz	Emocional e Instrumental	Aceitação/Rejeição, Autonomia/Controle	260
Alabama Parenting Questionnaire (APQ)	Shelton et al., (1996)	Crianças/ Adolescentes	Eficaz	-	Envolvimento; Monitoramento/Supervisão Deficiente; Disciplina	42
Harsh Discipline Scale	Simons et al., (1991)	Adolescente	Ineficaz	-	Severidade parental	4

De acordo com as Tabelas 1, 2 e 3, observa-se que o período de maior produção de instrumentos para avaliar práticas parentais, ocorreu em entre as décadas de 80 e 90, dos quais, na década de 80 a ênfase se deu na elaboração de instrumentos de heterorrelato e respondidos pelos filhos (Tabela 2), em que oito instrumentos foram construídos para os filhos expressarem suas percepções sobre as práticas dos pais; enquanto na década de 90, a ênfase se deu na elaboração de instrumentos de autorrelato e respondidos pelos pais e/ou cuidadores primários (Tabela 1), em que nove instrumentos foram construídos para avaliar as práticas parentais por meio das respostas dos próprios cuidadores. Outra observação, é que 37,9% dos instrumentos apresentados nas tabelas, foram destinados para os pais ou cuidadores responderem; 34,8% para os filhos responderem; e, 27,3% para que tanto os pais, como os filhos responderem.

Com isso, também foi possível observar que dez desses instrumentos foram construídos no Brasil ou adaptados para essa população, no entanto, observa-se uma lacuna de oito anos desde a última produção nacional, o Inventário de Práticas e Crenças Parentais (IPCP) de Martinelli et al. (2017). Apesar de sua relevância como ferramenta brasileira relativamente recente, o IPCP pode apresentar limitações diante da crescente diversidade das configurações familiares contemporâneas, cujas nuances podem não ser totalmente capturadas por seus itens e estrutura. Adicionalmente, sua sucintez, com apenas 15 itens e dois fatores (Práticas e Crenças), pode oferecer uma visão simplificada da complexa natureza das práticas parentais, potencialmente desconsiderando aspectos cruciais como o impacto da tecnologia, estratégias disciplinares específicas, o envolvimento parental em diversas esferas da vida dos filhos (além da rotina e do ambiente escolar) e a sensibilidade a contextos socioculturais e de vulnerabilidade particulares. Diante disso, a construção de um novo instrumento se mostra pertinente para buscar uma avaliação mais abrangente e sensível às dinâmicas familiares atuais e à rica diversidade sociocultural do Brasil, explorando dimensões não contempladas pelo IPCP.

Ainda, embora o Inventário de Estilos Parentais - IEP (Gomide, 2006) tenha recebido uma atualização em 2021, com a inclusão de um novo formulário de respostas, em que os pais respondem sobre a forma pela qual educam seus filhos, a rápida evolução da dinâmica familiar e as transformações sociais contemporâneas permanecem justificando a construção de um instrumento de avaliação mais atualizado. Desse modo, um novo instrumento permitiria captar as nuances das diversas configurações familiares atuais e as práticas parentais emergentes.

Objetivos e Hipóteses

A presente pesquisa é composta por dois estudos. O primeiro dedicado à construção de um instrumento que avalia as práticas parentais a partir da perspectiva dos filhos e à busca por evidências de validade de conteúdo; enquanto o segundo é dedicado à busca de evidências de validade de estrutura interna e evidências de validade na relação com outras variáveis, portanto, a avaliar a relação entre práticas parentais e suporte familiar percebido.

Sendo assim, o objetivo geral se propôs a construir uma escala que avalia as práticas parentais e averiguar suas propriedades psicométricas, e os objetivos específicos se propuseram a (1) criar itens para o instrumento; (2) buscar evidências de validade baseada no conteúdo; (3) buscar evidências de validade baseada na estrutura interna; (4) avaliar a confiabilidade da escala; e por fim, (5) buscar evidências de validade baseada na relação com suporte familiar percebido. Portanto, criam-se como hipóteses: (1) a estrutura fatorial da medida apresentará um modelo composto por sete fatores, conforme a proposta teórica original; (2) a EBRAPP terá correlação positiva com Percepção de Suporte Familiar ($r \geq 0,30$); (3) a EBRAPP apresentará índices de consistência interna (α de Cronbach e/ou $\omega \geq 0,70$) para o escore total e para os sete fatores.

Método

O método foi composto por dois estudos: (1) construção do instrumento e evidências de validade baseada no conteúdo, (2) evidências de validade baseada na estrutura interna e evidências de validade baseadas na relação com outra variável, a saber: suporte familiar. Para isso, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de São Francisco, com o intuito de receber aprovação para iniciar as coletas de dados. Após aprovação, com número de parecer: 5.909.023, todos os participantes que contribuíram com a pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a coleta de dados, salvo os participantes menores de idade, os quais, além da autorização e assinatura dos responsáveis no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Estudo 1 - Construção do instrumento e evidências de validade baseada no conteúdo

Este estudo teve por objetivo construir uma escala que avalia as práticas parentais sob a perspectiva de adolescentes e, encontrar evidências de validade baseada no conteúdo deste novo instrumento. Sendo assim, o estudo se desenvolveu em três etapas: na primeira etapa, determinou-se os fatores a serem contemplados pela Escala Brasileira de Práticas Parentais (EBRAPP) e a elaboração dos itens candidatos à escala; na segunda, a versão inicial do instrumento passou por avaliação de juízes especialistas; por fim, na terceira etapa, a versão inicial passou por um estudo com público-alvo. Quanto à segunda e terceira etapas, ambas contribuíram para o processo de busca de evidência de validade de conteúdo.

A EBRAPP visa avaliar práticas parentais. Inicialmente, a escala era composta por 93 itens, distribuídos em sete fatores, são eles: afeto, apoio, disciplina, confiança, envolvimento, monitoramento e tolerância. O modelo de resposta escolhido, foi tipo *Likert* de quatro pontos (0 a 3 pontos) em níveis de frequência: 0 = NUNCA, 1 = POUCAS VEZES, 2 = MUITAS

VEZES, 3 = SEMPRE. Portanto, para a elaboração e construção dos itens, seguiu-se tais definições para cada descritor:

Afeto: Sentimento terno de afeição pelos filhos, demonstração verbal e não verbal de compaixão. Quando não expresso, é entendido como abandono afetivo, distanciamento. E quando expresso, é identificado pelo acolhimento e fortalecimento da relação (American Psychological Association, 2018; Souza et al., 2021).

Apoio: Ação de amparar, sustentar, ajudar ou auxiliar os filhos, diante de suas necessidades e/ou dificuldades (Raupp et al., 2021; Feldman et al., 2023)

Confiança: Percepção dos filhos, sobre a crença dos pais, referente à sua sinceridade, lealdade e competência (American Psychological Association, 2018; Armsden & Greenberg, 1987).

Disciplina: Atribuição de ordem e regulamentos para o comportamento dos filhos. No excesso, utiliza-se de práticas punitivas, agressivas, e que, de alguma forma geram sofrimento; enquanto na falta, são pouco exigentes e inaptos a moldar os comportamentos de seus filhos. Quando não há excesso e nem falta, exerce um controle nos pontos divergentes, mas não limita com restrições. A disciplina parental eficaz reside em um equilíbrio entre ordem e liberdade, evitando excessos punitivos e negligência. Faz uso da conversa bidirecional, estabelecendo um diálogo respeitoso, em que pais e filhos ouvem e expressam suas opiniões, buscando soluções. Também faz uso do raciocínio indutivo guiando o filho no processo de compreensão das consequências de suas ações através de reflexão e observação, evitando a imposição de regras. (American Psychological Association, 2018; Benetti & Balbinotti, 2003; Locke & Prinz, 2002; Reparaz et al., 2021).

Envolvimento: Atitudes de compreender e incluir os filhos em suas vidas, além de participar da vida dos filhos (Axpe et al., 2019; Huang, 2021; Schavarem & Toni, 2019).

Monitoramento: Ação que tem por objetivo acompanhar e supervisionar o comportamento de seus filhos, bem como avaliá-los como aceitável ou inaceitável, correto ou incorreto, podendo haver excesso ou falta de monitoramento. No excesso, ocorre intrusividade, em que os pais acabam invadindo os limites de privacidade dos filhos, enquanto na falta, não há qualquer preocupação ou cuidado com os comportamentos, companhias e ambientes que envolvem os filhos. Quando não há falta, mas também não há excesso, ocorre um acompanhamento de forma equilibrada e saudável (Wu et al., 2023)

Tolerância: Disposição para desculpar, perdoar, tolerar, aceitar e/ou apreciar os comportamentos dos filhos. Permissão aos filhos, para expressarem suas ideias, sentimentos, pensamentos, e se comportarem sem medo de coerção ou represálias (American Psychological Association, 2018; Maccoby & Martin, 1983),).

Avaliação de Juízes por CVC

Participantes

Participaram desta etapa quatro (4) juízes, sendo três do sexo feminino e um do sexo masculino, dos quais duas juízas são doutoras, uma juíza mestre e um juiz mestre. Todos eles têm formação em psicologia e conhecimento em parentalidade. Quanto a experiência em construção de instrumentos psicológicos, somente uma juíza doutora, não possuía. A escolha dos juízes ocorreu principalmente pela expertise deles, bem como por já terem trabalhado com avaliação psicológica, parentalidade e/ou adolescentes.

Instrumentos

Instrumento 1: Questionário de identificação de juízes

Composto por questões abertas e fechadas com o intuito de obter o perfil da amostra, o questionário foi enviado por email e respondido de forma individual por meio de um computador. As oito questões abordadas foram: 1. nome, 2. cidade/estado, 3. idade (resposta

aberta, apenas números), 4. sexo (Masculino; Feminino), 5. nível educacional (Mestrado; Doutorado; Pós-Doutorado); 6. Docente (Sim [caso exerça a docência]; Não [caso não exerça a docência]), 7. possui experiência com estudos sobre estilos e práticas parentais (Sim; Não), 8. possui experiência com construção de instrumentos psicológicos (Sim; Não).

Instrumento 2: Ficha de Avaliação

A ficha foi elaborada com o intuito de avaliar cada item em três dimensões: clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica. A definição de cada dimensão foi apresentada no enunciado, a saber: Clareza de Linguagem: o quão clara e compreensível está a sentença; Pertinência Prática: Se o item representa o construto/comportamento que quer medir; Relevância Teórica: Se o item é relevante para o instrumento. A ficha foi enviada por email, respondida em uma planilha, de forma individual. Por meio de uma escala tipo Likert de 3 pontos, a avaliação da clareza de linguagem foi classificada em: 1 “totalmente impreciso”, 2 “pouco claro” e 3 “totalmente claro”; a avaliação da pertinência prática foi classificada em: 1 “totalmente impertinente”, 2 “pouco pertinente” e 3 “totalmente pertinente”; a avaliação da relevância teórica foi classificada em: 1 “totalmente irrelevante”, 2 “pouco relevante” e 3 “totalmente relevante”. A ficha de avaliação é composta pela definição constitutiva de cada fator e descrição dos itens organizados de acordo com o fator que representam, ao finalizar a resposta de cada item, há um campo para que os juízes possam indicar possíveis sugestões.

Procedimentos

Inicialmente, foi realizada uma análise qualitativa dos fatores presentes na literatura, assim como dos identificados em instrumentos anteriormente desenvolvidos – mencionados nas tabelas (Tabela 1; Tabela 2; Tabela 3) – com o propósito de encontrar terminologias que fundamentassem a construção dos itens da EBRAPP. Desta forma, as terminologias

encontradas foram organizadas e agrupadas de acordo com as similaridades semânticas, para assim, definir os fatores a serem considerados para a nova escala. Com essa organização, foi possível identificar os fatores mais e menos utilizados entre os instrumentos avaliados, isto é, os fatores utilizados com maior frequência entre instrumentos sobre estilos e práticas parentais, assim como os fatores utilizados com menor frequência entre os instrumentos sobre estilos e práticas parentais.

Para garantir a relevância e a abrangência da EBRAPP, a seleção dos fatores considerou tanto aqueles pouco representados pelos instrumentos, quanto os mais frequentes, de modo a oferecer uma avaliação equilibrada das práticas parentais. Foram incluídos fatores com baixa presença em escalas anteriores, como monitoramento (5,1%), tolerância (10,2%) e, especialmente, confiança (0,5%), que, apesar de sua importância na relação entre pais e filhos, foi o menos utilizado. Concomitantemente, fatores amplamente adotados, como disciplina (27,9%), apoio (24,9%), afeto e envolvimento (15,7%), também foram incorporados, garantindo que a escala contemple tanto aspectos clássicos de práticas parentais, quanto os menos investigados. Dessa forma, a EBRAPP se configura como um instrumento inovador e abrangente, capaz de avaliar com maior precisão as interações parentais e suas implicações no desenvolvimento infantil.

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade São Francisco, foram enviados por e-mail convites a cinco psicólogos, para participarem do processo de avaliação de juízes. A escolha ocorreu principalmente pela expertise deles, bem como por já terem trabalhado com avaliação psicológica, parentalidade e/ou adolescentes. Após o aceite de quatro dos convidados, o questionário de identificação e a ficha de avaliação foram encaminhados por email aos juízes, para que em um prazo de três semanas, eles pudessem fazer a avaliação dos itens.

Análise de Dados

O Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC) é um índice proposto por Hernández-Nieto (2002) para quantificar e interpretar o julgamento de itens e escalas por um grupo de especialistas no construto que o instrumento propõe medir. O CVC foi calculado para cada um dos itens e fatores a serem contemplados na EBRAPP, visando clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica. Para considerar a permanência do item, foi utilizado o critério de $CVC \geq 0,80$.

O coeficiente para cada item (CVCi) foi calculado através da divisão da média dos valores das avaliações dos juízes pelo valor máximo de pontuação (3). Também foi calculado o (CVCt) da escala, de acordo com cada juiz. Para isso, dividiu-se a média total dos valores de um mesmo juiz pelo valor máximo de pontuação (3). Em seguida, foi possível calcular o coeficiente para cada fator pela média do (CVCt) da escala de cada juiz, dividido pelo número de juízes. As análises foram conduzidas no software Microsoft Office Excel.

Resultados

As pontuações decorrentes das avaliações dos juízes foram analisadas para as três dimensões avaliadas no CVC, que são, clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica. Na Tabela 4 são apresentados os itens e o valor do CVCi, enquanto na Tabela 5 o valor do CVCt de cada componente. Para uma avaliação completa dos itens, também foram analisadas as observações que, eventualmente, os juízes deixaram para cada itens.

Tabela 4

Apresentação dos itens e o CVCi em função dos quatro juízes especialistas.

Fator	Nº do item	Sentença avaliada	CVCi		
			Clareza	Pertinência	Relevância
Monitoramento	01	Quer saber o que vejo nas redes sociais	0,83	1,00	1,00
	02	Corrige minhas tarefas, mesmo que eu não tenha pedido	0,92	0,92	0,83
	03	Castiga-me e não deixa que eu saia	0,67	0,50	1,00

Fator	Nº do item	Sentença avaliada	CVCII		
			Clareza	Pertinência	Relevância
	04	Deixa-me faltar só quando estou doente	0,75	0,83	0,92
	05	Marca horários para eu chegar em casa	0,92	1,00	1,00
	06	Determina horário para eu dormir	0,92	0,92	0,92
	07	Pergunta-me o que farei no final de semana	1,00	0,92	1,00
	08	Sabe com quem eu saio	0,92	1,00	1,00
	09	Quer conhecer meus amigos (as)	1,00	1,00	1,00
	10	Pergunta-me como foi meu dia na escola	1,00	0,92	0,92
	11	Permite-me ficar em casa sozinho(a)	1,00	1,00	1,00
	12	Deixa-me faltar, mesmo não estando doente	0,75	0,83	0,92
	13	Deixa-me dormir na casa de um(a) amigo(a)	1,00	0,92	1,00
	14	Permite-me que eu use brincos ou piercing	1,00	1,00	1,00
	15	Deixa-me fazer tatuagens	1,00	1,00	1,00
	16	Aprova qualquer corte/estilo de cabelo	0,83	0,75	0,75
	17	Aprova meus estilos musicais	0,92	0,83	0,75
	18	Permite-me viajar sem a presença dela(e)	1,00	1,00	1,00
	19	Permite-me receber amigos(as) em casa	1,00	1,00	1,00
	20	Permite que eu vá à festas ou encontros	0,92	1,00	1,00
	21	Deixa-me assistir qualquer tipo de filme/série	0,92	1,00	1,00
	22	Deixa-me usar qualquer tipo de roupa	0,92	0,83	0,83
	23	Deixa-me namorar	0,92	0,92	0,92
Disciplina	24	Exige que eu tire notas acima da média	1,00	0,92	1,00
	25	Costuma gritar comigo quando está brava	0,92	0,92	1,00
	26	Briga comigo quando não faço o que pede	0,92	1,00	1,00
	27	Bate-me como forma de castigo	0,92	1,00	1,00
	28	Xinga-me quando reprova algo que eu tenha feito	1,00	1,00	1,00
	29	Utiliza regras duras em casa	0,75	1,00	0,92
Disciplina	30	Exige que eu organize meu quarto	1,00	1,00	1,00
	31	Tira meu acesso à internet quando me comporta mal	0,83	1,00	1,00
	32	Quando erro, me faz reconhecer e pedir desculpas	0,92	1,00	1,00
	33	Castiga-me quando desobedeço	0,83	1,00	1,00
	34	Diz como devo me comportar	1,00	0,92	1,00
	35	Proíbe-me de falar palavrões	1,00	1,00	1,00
	36	Quebra algo quando está nervosa(o) por algo que fiz	0,75	0,75	1,00
	37	Castiga-me quando não quero sair com ela	0,83	0,83	0,92
	38	Castiga-me quando recebe reclamações da escola, sobre mim	0,83	0,92	1,00
	39	Exige que eu siga seus gostos e opiniões	0,83	0,75	0,92
	40	Briga comigo diante de outras pessoas	0,75	0,83	0,92

Fator	Nº do item	Sentença avaliada	CVCII		
			Clareza	Pertinência	Relevância
	41	Ameaça-me quando discordo de alguma coisa	0,83	0,83	0,92
	42	Exige que eu faça todos os deveres antes de assistir ou mexer no celular	1,00	1,00	1,00
	43	Briga comigo se eu não mantiver a casa organizada	0,92	1,00	1,00
	44	Conversa comigo sobre meus erros	0,83	0,67	0,92
	45	Diz o que sente quando eu desobedeço	0,92	0,83	1,00
	46	Explica por que estou sendo castigado(a)	0,92	0,83	1,00
	47	Elogia-me quando faço uma tarefa bem feita	0,92	0,83	1,00
	48	Faz-me refletir sobre meus erros	0,92	0,75	0,92
Afeto	49	Abraça-me para me confortar	0,92	1,00	1,00
	50	Importa-se com o que penso	0,83	1,00	1,00
	51	Consola-me quando estou triste	0,83	1,00	1,00
	52	Fica feliz com minhas notas	0,75	0,83	0,92
	53	Fica feliz com minhas escolhas	0,75	0,92	1,00
	54	É amorosa	0,83	0,92	0,92
	55	Diz o que sente por mim	1,00	1,00	1,00
	56	É carinhosa	0,92	1,00	1,00
	57	Envergonha-me diante de outras pessoas	0,92	1,00	1,00
	58	Faz comentários maldosos de minhas atitudes	0,92	1,00	1,00
Apoio	59	Ajuda-me com minhas dificuldades	0,83	1,00	1,00
	60	Apoia-me minhas ideias	0,83	1,00	1,00
	61	Ajuda-me com as tarefas	0,83	1,00	1,00
	62	Incentiva-me a ter novas experiências	0,92	1,00	1,00
	63	Apoia-me a falar de meus sentimentos	1,00	1,00	0,92
	64	Incentiva-me a expressar minhas opiniões	1,00	1,00	0,92
	65	Incentiva-me a tomar decisões sozinho(a)	1,00	1,00	1,00
	66	É indiferente com tudo o que faço	0,83	1,00	1,00
	67	Está ocupada(o) demais quando preciso	0,83	1,00	1,00
	68	Compreende-me quando estou irritado(a)	1,00	1,00	1,00
Tolerância	69	Perdoa meus erros	1,00	1,00	1,00
	70	Defende-me, mesmo quando estou errado(a)	0,92	0,75	0,83
	71	Aprova tudo que faço	0,92	1,00	1,00
	72	Tem dificuldades em me dizer "não"	1,00	0,83	0,83
	73	É paciente quando tenho dificuldade em algo	1,00	0,92	1,00
	74	Discorda de tudo o que faço	0,92	1,00	1,00
	75	Não aceita minhas escolhas	1,00	1,00	1,00
	76	Confia no que digo	0,92	1,00	1,00
Confiança	77	Acredita que sou capaz	1,00	1,00	1,00
	78	Confia em mim para ajudar em algo	0,83	0,92	0,83
	79	Pede-me ajuda quando precisa	1,00	1,00	1,00
	80	Divide informações importantes comigo	1,00	1,00	1,00
	81	Confia em mim para pagar alguma conta	0,92	1,00	1,00
	82	Deixa-me responsável por cuidar da casa	0,92	1,00	1,00

Fator	Nº do item	Sentença avaliada	CVCi		
			Clareza	Pertinência	Relevância
Envolvimento	83	Confia em mim para cuidar de alguém	0,92	1,00	1,00
	84	Confia em minhas escolhas	0,83	1,00	1,00
	85	Importa-se com meus interesses	0,83	1,00	1,00
	86	Faz as refeições comigo	1,00	1,00	1,00
	87	Preocupa-se com minha alimentação	0,92	0,83	0,83
	88	Assiste filmes ou desenhos comigo	1,00	1,00	1,00
	89	Encontra tempo para fazermos algo juntos	0,92	1,00	1,00
	90	Presta atenção ao que digo	1,00	1,00	1,00
	91	Preocupa-se com minha saúde	0,92	1,00	1,00
	92	Diverte-se junto comigo	1,00	1,00	1,00
	93	Chama-me para passear	1,00	1,00	1,00

Como pôde ser visto na Tabela 4, conforme critério estabelecido, foi considerada a permanência do item, apenas quando obtivesse um coeficiente $\geq 0,80$. Dessa forma, após realizada a análise do Coeficiente de Validade de Conteúdo, os itens 03, 04, 12, 16, 17, 29, 36, 39, 40, 52, 53 e 70 foram excluídos da EBRAPP. No entanto, com exceção dos itens 44 “Conversa comigo sobre meus erros” e 48 “Faz-me refletir sobre meus erros”, que mesmo obtendo coeficientes abaixo do critério na dimensão pertinência, por apresentarem 0,92 em relevância e por considerá-los conveniente aos objetivos da escala, foram mantidos no fator disciplina.

Tabela 5

Apresentação dos fatores e o CVCt em função dos quatro juízes especialistas.

Fator	CVCt
Monitoramento	0,93
Disciplina	0,92
Afeto	0,94
Apoio	0,96
Tolerância	0,95
Confiança	0,97
Envolvimento	0,97

A avaliação dos juízes demonstrou concordância com a estrutura da Escala Brasileira de Práticas Parentais, com todos os fatores obtendo um coeficiente superior a 0,90 conforme

demonstrado na Tabela 5. Após a análise inicial da versão preliminar da escala, alguns itens foram excluídos por consenso entre a orientadora e a pesquisadora, considerando critérios teóricos de relevância para o construto. Esses itens foram julgados com linguagem inadequada ou pouco representativos das dimensões propostas, o que poderia comprometer a clareza e a objetividade da medida. A seguir, os itens que foram retirados do instrumento: 02, 06, 07, 10, 11, 14, 15, 20, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 41, 43, 63, 81, 82, 83 e 87. Com essas exclusões, a escala passou a conter um total de 53 itens.

Estudo com Público-alvo por CVC

Participantes

Para esta etapa participaram cinco (5) adolescentes, em que 80% pertencem ao sexo feminino e 20% do masculino e idades entre 13 e 18 anos ($M = 15,40$; $DP = 1,82$). Os participantes foram selecionados de acordo com a rede de contato da pesquisadora. Destes adolescentes, todos estavam matriculados em escola pública, estando uma participante no 8º ano, duas participantes do sexo feminino e o participante do sexo masculino no 1º ano do Ensino Médio, e uma participante no 3º ano do Ensino Médio.

Instrumentos

Instrumento 1: Questionário de Identificação do Público-Alvo

Composto por questões abertas e fechadas com o intuito de obter o perfil da amostra, o questionário foi respondido de forma individual por meio de um computador. As quatro questões abordadas foram: 1. Idade (resposta aberta, apenas números), 2. Sexo (Masculino; Feminino), 3. Ano escolar (7º ano; 8º ano; 9º ano; 1º ano do Ensino Médio; 2º ano do Ensino Médio; 3º ano do Ensino Médio), 4. Etnia (Branca; Preta; Parda; Amarela; Indígena]. Essa

estrutura visa garantir a coleta de informações essenciais para a caracterização da amostra de forma clara e objetiva.

Instrumento 2: Ficha de Avaliação

A ficha foi elaborada com o intuito de avaliar cada item em três dimensões: clareza, pertinência e relevância. A definição de cada dimensão foi apresentada no enunciado, a saber: Clareza: nível de compreensão da sentença ao lê-la; Pertinência: a percepção do participante sobre a compatibilidade da sentença com o fator ao qual ela se apresentava, isto é, se ele considerava que o item seria um exemplo do fator ao qual estava representando; Relevância: a percepção do participante quanto a importância do item para o novo instrumento. A ficha foi respondida de forma individual. Por meio de uma escala tipo Likert de 3 pontos, a avaliação da clareza foi classificada em: 1 “confuso”, 2 “pouco claro” e 3 “totalmente claro”; a avaliação da pertinência foi classificada em: 1 “impertinente”, 2 “pouco pertinente” e 3 “totalmente pertinente”; a avaliação da relevância foi classificada em: 1 “irrelevante”, 2 “pouco relevante” e 3 “totalmente relevante”. A ficha de avaliação é composta pela descrição dos itens organizados de acordo com o fator que representam, ao finalizar a resposta de cada item, há um campo para que os participantes possam indicar possíveis sugestões ou dúvidas.

Procedimentos

A coleta ocorreu mediante a entrega do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) assinado pelos próprios participantes e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado por um dos responsáveis. A aplicação e preenchimento do questionário de identificação e da ficha de avaliação aconteceu de forma coletiva, porém com respostas individuais, em horário previamente combinado, em ambiente virtual. Como forma de elucidar e auxiliar os participantes em suas avaliações, explicou-se brevemente sobre o

processo e propósito de construção da EBRAPP, bem como foi informado que eles estariam avaliando itens candidatos a pertencerem a esse novo instrumento, exemplificando como um processo seletivo. Também foi orientado sobre o critério de avaliação utilizado, em que a dimensão clareza, referia-se ao nível de compreensão da sentença ao lê-la; a dimensão pertinência, referia-se a percepção do participante sobre a compatibilidade da sentença com o fator ao qual ela se apresentava, isto é, se ele considerava que o item seria um exemplo do fator ao qual estava representando; por fim, a dimensão relevância, referia-se sobre a percepção do participante quanto a importância do item para o novo instrumento. Após a explicação inicial, os adolescentes levaram uma hora para responder a ficha de avaliação e verificar a compreensão dos itens. Assim que finalizaram, houve um breve momento de conversa, para verificar se surgiram dúvidas, no entanto, não demonstraram dúvidas durante o processo de avaliação que foi proposto, tampouco após.

Análise de Dados

Com a intenção de quantificar e interpretar o julgamento de itens, no processo de análise do estudo com público-alvo também foi realizada uma análise do coeficiente de validade de conteúdo (CVC). Um CVC foi calculado para cada um dos itens e fatores a serem avaliados na EBRAPP, visando as mesmas dimensões utilizadas na avaliação de juízes, a saber: clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica. O critério de um coeficiente $\geq 0,80$ também foi utilizado.

O coeficiente para cada item (CVCi) foi calculado através da divisão da média dos valores das avaliações dos adolescentes pelo valor máximo de pontuação (3). Também foi calculado o CVCt da escala, de acordo com cada participante. Para isso, dividiu-se a média total dos valores de um mesmo participante pelo valor máximo de pontuação (3). Em seguida, foi possível calcular o coeficiente para cada fator através da média do CVCt da escala de cada

adolescente, dividido pelo número deles. As análises foram conduzidas no software Microsoft Office Excel. As respostas e sugestões dos participantes foram avaliadas na íntegra e analisadas de forma qualitativa, sendo anotadas para apreciação.

Resultados

O objetivo do presente trabalho foi construir um novo instrumento que avaliasse as práticas parentais sob uma perspectiva contemporânea e através da resposta de filhos adolescentes. Os resultados apresentaram índices adequados ao critério estabelecido que sugere que a EBRAPP possui evidências de validade de conteúdo, uma vez que as três dimensões avaliadas para a qualidade da escala - clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica -, obtiveram CVCt maiores que 0,80. Em conformidade a isso, percebeu-se que, embora o público-alvo não obtivesse a expertise dos juízes avaliadores e nem a base teórica da autora, o resultado de suas opiniões se aproximou ao dos especialistas. Portanto, acredita-se que a EBRAPP alcançou evidências de validade de conteúdo, demonstrando relevância, abrangência teórica e pertinência teórica.

Tabela 6

Itens construídos para escala final da EBRAPP.

Item	Fator
Tolerância	Fica impaciente quando tenho dificuldade em expressar minhas emoções
Confiança	Permite que eu tome minhas próprias decisões
Confiança	Respeita minha privacidade

Pormenorizando as ações tomadas após as análises, com a intenção de manter uma quantidade padrão de itens entre os fatores, ficou decidido a composição de oito itens para cada fator da EBRAPP, sendo assim, como pode ser visto na Tabela 6, para seguir esse critério e diante das exclusões, foram elaborados três novos itens, um para o fator tolerância “fica impaciente quando não consigo expressar minhas emoções” e dois para o fator confiança

“permite que eu tome minhas próprias decisões” e “respeita minha privacidade”. Com relação a sugestões de reformulações, os itens 01, 07, 24, 42, 47, 58, 59, 71, 75, 79, 86 e 88 foram reformulados, conforme na Tabela 7.

Tabela 7

Itens reformulados.

Nº do item	Sentença Inicial	Sentença Final
01	Quer saber o que vejo nas redes sociais	Checa o que vejo nas redes sociais
07	Sabe com quem eu saio	Pergunta com quem vou sair
24	Exige que eu tire notas acima da média	Exige que eu tire boas notas
42	Exige que eu faça todos os deveres antes de assistir ou mexer no celular	Exige que eu faça todos os deveres antes de assistir TV ou mexer no celular
47	Elogia-me quando faço uma tarefa bem feita	Elogia-me quando faço a tarefa corretamente
58	Faz comentários maldosos de minhas atitudes	Elogia minhas atitudes
59	Ajuda-me com minhas dificuldades	Ajuda-me em momentos difíceis
71	Aprova tudo que faço	Aceita-me como sou
75	Não aceita minhas escolhas	Discorda de minhas opiniões
79	Pede-me ajuda quando precisa	Considera-me responsável
86	Faz as refeições comigo	Preocupa-se com meu bem-estar
88	Assiste filmes ou desenhos comigo	Assiste a programas comigo

Portanto, após o processo de avaliação de juízes, estudo com público-alvo e análise de coeficiente de validade de conteúdos (CVC), o instrumento passou a ser composto por 56 itens e sete fatores.

Discussão

O processo de construção e análise da validade de conteúdo da Escala Brasileira de Práticas Parentais (EBRAPP) evidenciou indicadores positivos em sua versão inicial. A adoção de um procedimento sistemático, dividido em três etapas, seguiu as diretrizes propostas por Pasquali (2010) para a construção de instrumentos psicológicos, bem como os critérios estabelecidos pelos Standards for Educational and Psychological Testing (American Educational Research Association [AERA], American Psychological Association [APA] &

National Council on Measurement in Education [NCME], 2014). Tais critérios destacam a importância de que os itens de um instrumento reflitam adequadamente o conteúdo do construto-alvo, sejam avaliados por especialistas quanto à sua relevância, clareza e representatividade, e sejam compreensíveis para o público-alvo a que se destinam. Nesse sentido, as três etapas conduzidas neste estudo — elaboração teórica dos itens, avaliação por juízes especialistas e revisão pelo público-alvo — forneceram evidências robustas de validade de conteúdo para a EBRAPP.

Na primeira etapa, a elaboração dos itens buscou refletir com fidelidade os construtos envolvidos nas práticas parentais, resultando em um banco inicial amplo, com 93 itens distribuídos entre sete fatores previamente definidos com base na literatura. Essa etapa foi fundamental para garantir a abrangência conceitual e a representatividade dos comportamentos parentais que o instrumento se propõe a avaliar (Pasquali, 2010; Primi & Nunes, 2022).

A avaliação por juízes especialistas, realizada na segunda etapa, forneceu dados essenciais sobre a qualidade dos itens quanto à clareza, pertinência e relevância. O uso do Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC), com ponto de corte $\geq 0,80$, permitiu uma análise objetiva da adequação dos itens ao construto. A exclusão de 40 itens que não atingiram esse critério reforça o rigor adotado no processo e contribui para a validade do instrumento. Além disso, os ajustes linguísticos realizados com base nas sugestões de aprimoramento, indicam um refinamento importante da redação dos itens, aumentando sua clareza e precisão (Primi & Nunes, 2022).

A terceira etapa, com a participação de adolescentes pertencentes ao público-alvo, complementou o processo ao considerar a perspectiva dos respondentes. As contribuições dos adolescentes permitiram ajustes pontuais de linguagem, tornando os itens mais acessíveis e compreensíveis para a faixa etária. A participação direta do público-alvo é uma estratégia

recomendada na literatura internacional para garantir que os itens sejam interpretados conforme pretendido (AERA, APA & NCME, 2014).

Por fim, a decisão de manter oito itens por fator, com base nos melhores índices de avaliação, contribui para a estrutura equilibrada do instrumento e favorece futuras análises psicométricas, como a análise fatorial e os estudos de precisão. A versão final da EBRAPP, com 56 itens, mostra-se adequada para a próxima etapa de investigação, que buscará evidências de validade baseadas na estrutura interna e na relação com outra variável externa.

Em conjunto, os resultados obtidos até o momento indicam que a EBRAPP apresenta evidências iniciais robustas de validade de conteúdo, sendo um instrumento promissor para a avaliação de práticas parentais no contexto brasileiro, especialmente na perspectiva dos adolescentes. Estudos subsequentes deverão dar continuidade à validação da escala, incluindo análises fatoriais e de consistência interna, bem como a verificação de sua sensibilidade a diferentes contextos familiares e perfis sociodemográficos.

Estudo 2 - Evidências de validade baseada na estrutura interna e na relação com outra variável externa

Este estudo teve o objetivo de verificar as evidências de validade baseadas na estrutura interna, por meio da Análise Fatorial Exploratória da EBRAPP, bem como encontrar evidências de validade baseadas nas relações com outra variável externa, a saber: Suporte Familiar. Para isso, foi analisada a relação da EBRAPP com o Inventário de Percepção de Suporte Familiar – Infantojuvenil (IPSF-IJ) versão breve.

Participantes

A amostra deste estudo foi composta por 354 adolescentes, com idades de 12 a 18 anos ($M = 16,58$; $DP = 1,26$), sendo 64,12% do sexo feminino, 35,59% do masculino e 0,29% preferiram não informar. A maioria estava cursando o Ensino Médio (95,77%), com 37,01% no 1º ano, 13% no 2º ano e, 45,76% no 3º ano. Uma parte dos jovens já havia terminado o ensino médio e estava cursando o Ensino Superior (1,41%). Por fim, alguns alunos estavam no Ensino Fundamental (2,82%).

A definição do tamanho amostral baseou-se em recomendações da literatura especializada em análise fatorial, considerando o objetivo de reunir evidências de validade de estrutura interna do instrumento. De acordo com Hair et al. (2019), recomenda-se uma razão de 5 a 10 participantes por item, especialmente em instrumentos novos ou com estruturas fatoriais mais complexas. Como o instrumento possui 56 itens distribuídos em sete fatores teóricos, o número mínimo sugerido seria de aproximadamente 280 participantes (razão de 5:1). Assim, a amostra de 354 adolescentes utilizada no presente estudo é considerada adequada para a realização da análise fatorial exploratória (AFE), por superar esse critério mínimo.

Além disso, conforme destacado por MacCallum et al. (1999), a adequação do tamanho amostral depende também das comunalidades dos itens e da definição dos fatores. Os autores indicam que, quando as comunalidades são moderadas (entre 0,40 e 0,60), amostras em torno de 300 sujeitos podem produzir soluções fatoriais estáveis. De forma semelhante, Mundfrom, Shaw e Jiang (2005), por meio de simulações Monte Carlo, demonstraram que tamanhos amostrais entre 300 e 400 participantes são suficientes para instrumentos com número elevado de itens e estrutura fatorial bem definida, desde que as comunalidades sejam pelo menos moderadas. Como os resultados da AFE deste estudo indicaram comunalidades predominantemente moderadas, a amostra utilizada se mostra compatível com os critérios recomendados, garantindo maior estabilidade às estimativas fatoriais.

A distribuição etária indicou maior concentração nos anos finais do ensino médio. Quanto ao sexo, a maioria dos participantes se identificou como feminina (n = 227; 64,1%), seguida pela masculina (n = 125; 35,3%). Uma pequena parcela (n = 1; 0,3%) preferiu não informar. Em relação à etnia, a maioria dos participantes se identificou como branca (n = 248; 70,1%), seguida por parda (n = 84; 23,8%). As demais categorias tiveram menor representação: preta (n = 17; 4,8%), amarela (n = 2; 0,6%) e indígena (n = 2; 0,6%).

A escolaridade dos participantes revelou que a maioria cursava o ensino médio, especialmente a 3ª série (n = 162; 45,8%), a 1ª série (n = 131; 37,0%) e a 2ª série (n = 46; 13,0%). Apenas 5 participantes (1,4%) estavam no ensino superior. No que diz respeito à escolaridade do provedor, a maior parte possuía ensino médio completo (n = 154; 43,9%), seguida por graduação completa (n = 59; 16,8%) e ensino fundamental completo (n = 47; 13,4%). Um grupo considerável tinha pós-graduação (n = 36; 10,3%), e 32 provedores (9,1%) apresentavam escolaridade baixa ou incompleta.

A maioria dos participantes informou morar com ambos os pais (n = 244; 68,9%), enquanto 78 (22,0%) moravam apenas com a mãe. Apenas nove participantes relataram residir exclusivamente com o pai (2,5%), e 18 (5,1%) moravam com outros membros da família. Cinco participantes (1,4%) relataram não morar com os pais. Em relação à renda familiar mensal, 108 participantes (30,7%) situaram-se na faixa entre R\$ 4.506,47 e R\$ 8.956,26, 104 (29,5%) entre R\$ 2.702,88 e R\$ 4.506,47, e 74 (21,0%) entre R\$ 1.808,79 e R\$ 2.702,88. Rendas superiores a R\$ 8.956,26 foram relatadas por 49 participantes (13,9%), enquanto 17 (4,8%) informaram renda inferior a R\$ 1.808,79. Por fim, a figura parental predominante foi a mãe (n = 268; 75,7%), seguida pelo pai (n = 74; 20,9%). Outras figuras, como avós (n = 8; 2,3%), tios (n = 2; 0,6%) e madrinha (n = 1; 0,3%), foram menos frequentes.

Esses dados delineiam um perfil de adolescentes majoritariamente em fase final do ensino médio, vivendo em núcleos familiares biparentais, com diversidade socioeconômica

moderada. Esses aspectos são relevantes para a análise dos resultados subsequentes da pesquisa.

Instrumentos

Instrumento 1: Questionário sociodemográfico

Composto por questões abertas e fechadas com o intuito de obter o perfil da amostra, o questionário foi respondido de forma individual. As oito questões abordadas foram: 1. Idade (resposta aberta, apenas números), 2. Sexo Biológico (Masculino; Feminino; Prefiro não informar), 3. Etnia (Branca; Preta; Parda; Amarela; Indígena), 4. Nível de Escolaridade (7º ano; 8º ano; 9º ano; 1º ano Ensino Médio; 2º ano Ensino Médio; 3º ano Ensino Médio; Ensino Superior); 5. Assinale a situação que melhor lhe representa (Moro com minha mãe e meu pai; Moro apenas com minha mãe; Moro apenas com meu pai; Não moro com meus pais; Moro com outras pessoas de minha família), 6. Indique quem é o provedor principal de sua casa (Eu; Mãe; Pai; Avó; Avô; Tia; Tio; Irmã; Irmão; Outros [informe quem]), 7. Indique o nível de escolaridade do provedor principal de sua casa (Analfabeto ou ensino fundamental incompleto; Ensino Fundamental completo; Ensino médio completo; Graduação incompleta; Graduação completa; Pós-graduação), 8. Indique a faixa de renda mensal em sua casa (Menor que R\$1.808,79; Entre R\$ 1.808,79 e R\$ 2.702,88; Entre R\$ 2.702,88 e R\$ 4.506,47; Entre R\$ 4.506,47 e R\$ 8.956,26; Entre R\$ 8.956,26 e R\$ 17.764,49; Maior que R\$ 17.764,49).

Instrumento 2: Escala Brasileira de Práticas Parentais (EBRAPP).

A Escala Brasileira de Práticas Parentais é um instrumento composto por 56 itens, divididos em sete fatores, a saber: Afeto, Apoio, Confiança, Disciplina, Envolvimento, Monitoramento e Tolerância, em que todos são compostos por 08 itens, cada. Os itens devem ser respondidos de acordo com a frequência em que cada situação acontece. O modelo de

resposta é escala tipo *Likert* de 4 pontos (0 a 3 pontos) sendo: 0 = NUNCA, 1 = POUCAS VEZES, 2 = MUITAS VEZES, 3 = SEMPRE, para os itens de polo negativo, o cálculo é feito de forma invertida, sendo: 3 = NUNCA, 2 = POUCAS VEZES, 1 = MUITAS VEZES e 0 = SEMPRE. Os itens que pertencem ao polo negativo são: 5, 6, 7, 8, 23, 31, 32, 38, 39 e 40. A escala visa identificar práticas parentais por meio da percepção dos filhos, considerando: afeto “abraça-me para me confortar”, apoio “incentiva-me a ter novas experiências”, confiança “confia no que digo”, disciplina “explica porque eu estou sendo castigado(a)”, envolvimento “encontra tempo para fazermos algo juntos”, monitoramento “pergunta com quem vou sair” e tolerância “discorda de tudo que faço”. São calculadas as médias de cada dimensão, sendo que aquelas mais altas representam maior frequência da prática parental.

Instrumento 3: Inventário de Percepção de Suporte Familiar- Versão Infanto-Juvenil - IPSF- IJ (Baptista et al., 2020).

O Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF) versão breve é um instrumento de autorrelato composto por 18 itens, divididos em três fatores, a saber: Afetivo-Consistente, Adaptação Familiar e Autonomia Familiar, em que todos são compostos por 06 itens, cada. Os itens devem ser respondidos de acordo com a frequência em que cada situação acontece. As opções de resposta, referem-se a “Quase nunca ou nunca”, “às vezes” e “quase sempre ou sempre”. O alpha de Cronbach dos três fatores são: Afetivo-consistente ($\alpha=0,91$), Adaptação Familiar ($\alpha=0,83$), Autonomia Familiar ($\alpha=0,80$) e um fator geral denominado IPSF total ($\alpha=0,93$).

Procedimentos

Os dados foram coletados de forma mista (presencial e online), em que 75,98% da amostra teve origem da coleta online e 24,02% da coleta presencial. Na coleta presencial, os

instrumentos de coleta foram disponibilizados impressos em folha de papel, e na coleta online de modo virtual através de um link que direcionou os participantes a uma plataforma de questionário online “*Google forms*”. Para a coleta online, o link da pesquisa foi divulgado em grupos e redes como Facebook, Instagram e Whatsapp. Foram disponibilizados dois links distintos: um direcionado a participantes com 18 anos e outro para aqueles com idades entre 16 e 17 anos.

A opção por incluir apenas adolescentes de 16 a 18 anos na pesquisa online visou minimizar riscos relacionados à fidedignidade da autorização de responsáveis para menores de idade e garantir o cumprimento das normas éticas em pesquisas com seres humanos. O link destinado aos participantes com 18 anos os encaminhava diretamente ao formulário contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os questionários a serem respondidos. Já para os menores de 18 anos, o link os direcionava inicialmente a um formulário exclusivo para que o responsável legal autorizasse a participação, dando aceite ao TCLE e inserindo seu e-mail. Apenas após essa etapa, o responsável recebia, por meio do e-mail informado, o link com acesso ao formulário que incluía o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e os questionários destinados ao adolescente.

Todos os itens exigiram respostas obrigatórias para controle de itens ausentes (*missings*). O tempo médio para responder completamente ao questionário foi de 30 minutos. A ordem da aplicação foi: Questionário sociodemográfico, EBRAPP e IPSF-IJ. A coleta presencial foi realizada em ambiente escolar, mediante a autorização prévia das diretoras das instituições de ensino. Inicialmente, a pesquisadora visitou as salas de aula dos adolescentes com o objetivo de apresentar a pesquisa, elucidar sobre o tema através de exemplos práticos e ressaltar a importância da participação dos alunos como contribuição para o estudo. Nesta ocasião, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos adolescentes,

com a instrução de que deveria ser assinado por um dos pais ou responsáveis legais para conceder a autorização de participação, em virtude da menoridade dos alunos.

Foi informado aos participantes que a pesquisadora retornaria em data posterior, conforme a disponibilidade da escola, para aplicar os questionários apenas aos alunos que apresentassem o TCLE devidamente assinado. No dia da aplicação dos instrumentos, a pesquisadora se dirigiu novamente às salas de aula e, antes da distribuição dos questionários impressos, explicou o método de resposta. Juntamente com os questionários, foi entregue o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) aos adolescentes. Em ambos os momentos, tanto na explicação inicial quanto na aplicação, foi enfatizada a natureza voluntária da participação na pesquisa, assegurando aos alunos a liberdade de desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Adicionalmente, foi garantido o anonimato de todas as respostas, sendo explicitado que os dados seriam utilizados exclusivamente para fins de pesquisa científica. A ordem de apresentação dos instrumentos na coleta presencial foi: Questionário sociodemográfico, Escala Brasileira de Práticas Parentais (EBRAPP) e o Inventário de Percepção de Suporte Familiar Infanto-Juvenil (ISPF-IJ) versão breve. O tempo médio para preenchimento de todos os questionários foi de 35 minutos.

Análise de Dados

Para o estudo de validade baseada na estrutura interna da EBRAPP, as análises foram efetuadas em ambiente *R*, usando-se o pacote *psych* (Revelle, 2024). A Análise Fatorial Exploratória (AFE) foi realizada com estimador Weighted Least Squares (WLS), para identificar como os itens se agrupam em fatores, sendo a adequação da amostra para a AFE avaliada pelo índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). Valores de KMO próximos a 0,60 foram considerados o mínimo aceitável para a realização da AFE (Field, 2018). Concomitantemente

à avaliação do KMO, foi conduzida a Análise Paralela (AP) para estimar o número de fatores a serem retidos.

Na AFE, o critério para retenção dos itens foi estabelecido o critério mínimo de cargas fatoriais ($\lambda > 0,30$), demonstrando relevância para o fator (Pasquali, 2010). Adicionalmente, as comunalidades foram avaliadas considerando que valores acima de 0,50 são desejáveis, enquanto valores entre 0,30 e 0,49 são aceitáveis em análises exploratórias. Comunalidades abaixo de 0,30 foram tratadas com cautela, por indicarem que o item pode não estar bem representado pelo modelo fatorial (Hair et al., 2019). A adequação do modelo fatorial foi avaliada por meio dos índices de ajuste, incluindo, um Tucker-Lewis Index (TLI) igual ou superior a 0,95, e um Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA) até 0,08 (Hu & Bentler, 1999).

As correlações entre as práticas parentais e o suporte familiar foram examinadas, com expectativa de correlações moderadas, ou seja, com valores entre 0,30 e 0,49 (Cohen, 1988). Por último, foi realizado um path analysis para investigar as relações preditivas entre os construtos, com base nos índices de ajuste do modelo. Foram considerados aceitáveis: Comparative Fit Index (CFI) e Tucker-Lewis Index (TLI) iguais ou superiores a 0,95, e Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA) inferior a 0,06, conforme recomendações de Hu e Bentler (1999).

Resultados

Análise do Modelo de Sete Fatores

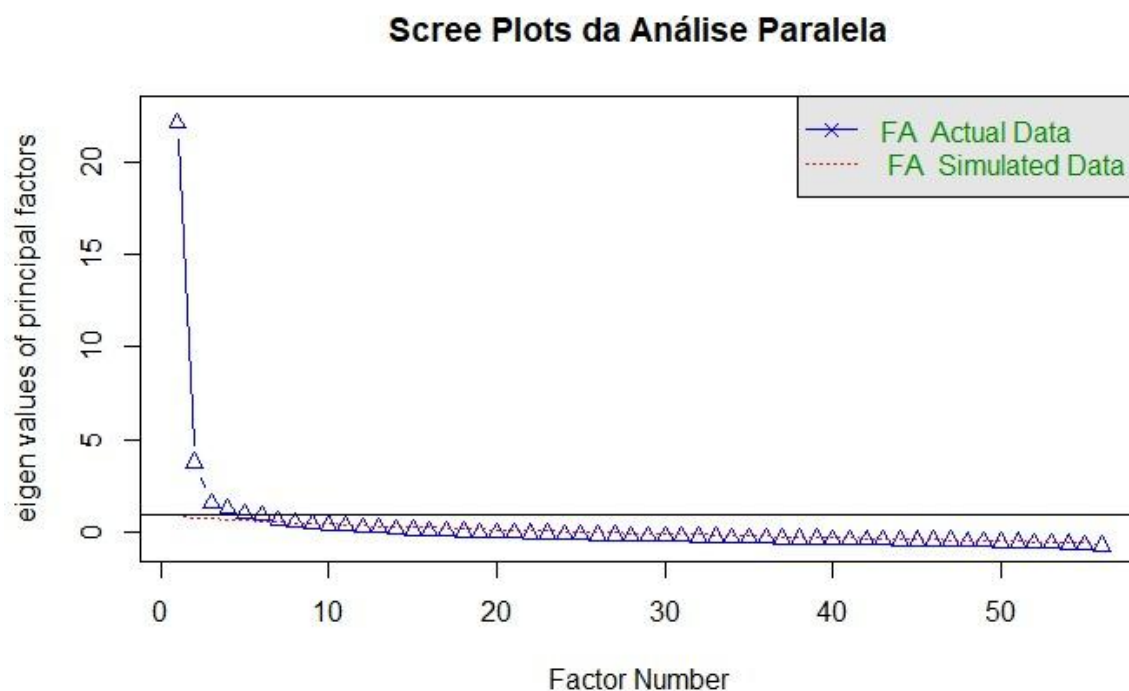
A fim de encontrar evidências de validade relativas à estrutura interna para a Escala Brasileira de Práticas Parentais (EBRAPP), realizaram-se diferentes análises. A adequação da amostra para a realização da Análise Fatorial Exploratória (AFE) foi avaliada por meio do índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). O valor obtido foi de 0,52, o que, segundo Kaiser (1974), indicou

uma adequação limítrofe, próxima do mínimo recomendado ($\geq 0,60$) para a realização da AFE (Field, 2018). Esse resultado sugeriu que a estrutura de correlações entre os itens pode não ter sido suficientemente robusta para sustentar uma análise fatorial confiável.

Concomitantemente à análise de adequação da amostra (KMO), realizou-se a Análise Paralela com o objetivo de estimar empiricamente o número ideal de fatores a serem retidos. Conforme apresentado no scree plot (Figura 3), os dados sugerem a retenção de oito fatores. Este resultado indica a presença de uma estrutura fatorial mais complexa do que a inicialmente proposta teoricamente, que havia previsto sete fatores. Dessa forma, optou-se por manter a solução empírica de sete fatores, com a intenção de verificar se, com a exclusão de itens com baixas cargas fatoriais, a estrutura fatorial se tornaria mais parcimoniosa e teoricamente interpretável, podendo indicar uma estrutura mais ajustada, refletindo de forma mais precisa os fatores latentes do instrumento.

Figura 3

Resultados da primeira Análise Paralela



O resultado da AFE realizada indicou que a estrutura fatorial proposta por sete fatores, apresentou limitações relevantes. Conforme pode ser visto na Tabela 8, especificamente, sete itens (q4, q8, q24, q33, q36, q37 e q54) apresentaram cargas fatoriais inferiores ao critério mínimo estabelecido ($\lambda < 0,30$) em todos os fatores, descumprindo o critério adotado para retenção de itens (Pasquali, 2010). Esses resultados sugeriram que tais itens não se associaram de forma significativa a nenhum fator latente identificado, podendo ter refletido formulações ambíguas ou conteúdo não alinhado ao construto investigado. Adicionalmente, observou-se que alguns desses itens apresentaram baixa comunalidade (por exemplo, q36 = 0,085; q8 = 0,141; q4 = 0,282), indicando que explicaram pouca variância dos fatores (Hair et al., 2019). A alta unicidade de itens como q36 (0,915), q8 (0,859) e q4 (0,718) reforçou essa conclusão. Também, em alguns casos, houve elevada complexidade fatorial (complexidade > 3,0), como nos itens q4, q24, q33 e q54, o que sinalizou possíveis cargas cruzadas ou sobreposição de fatores.

A estrutura fatorial composta por sete fatores demonstrou adequação satisfatória aos dados empíricos, conforme evidenciado pelos índices de ajuste obtidos. O Tucker-Lewis Index (TLI = 0,893) revelou um ajuste próximo ao limiar recomendado de 0,90, indicando consistência do modelo. O Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA) apresentou valor de 0,044, com intervalo de confiança de 90% entre 0,041 e 0,047, caracterizando excelente ajuste. O Bayesian Information Criterion (BIC = -4892,07) reforça a parcimônia do modelo ao equilibrar qualidade de ajuste e complexidade (Tabachnick & Fidell, 2019).. Adicionalmente, o índice de ajuste baseado nos valores fora da diagonal da matriz de correlações foi de 0,99, o que sugere que o modelo explica com elevada precisão as correlações observadas entre os itens (Revelle, 2024). Em conjunto, os dados sustentam a adequação da solução fatorial proposta, porém, os achados sugeriram a necessidade de revisão da estrutura

fatorial, com a recomendação de remover ou reformular os itens inadequados e considerar a reexecução da AFE com menos fatores e/ou um conjunto refinado de itens.

Tabela 8

Resultados da primeira Análise Fatorial Exploratória com retenção de sete fatores

Item	WLS3	WLS1	WLS4	WLS2	WLS5	WLS6	WLS7	Unicidade	Comunalidade	Complexidade
q1	0,029	-0,007	0,013	0,001	0,006	-0,001	0,942	0,1152	0,8848	1,0025
q2	-0,032	-0,052	-0,095	0,199	-0,068	0,542	0,113	0,5882	0,4118	1,5010
q3	0,192	-0,034	-0,004	0,243	-0,054	0,465	0,021	0,6961	0,3039	1,9451
q4	0,128	0,090	0,131	0,260	-0,208	0,294	0,042	0,7178	0,2822	3,9809
q5	-0,374	-0,043	0,052	-0,033	0,115	0,461	0,062	0,6007	0,3993	2,1666
q6	-0,294	0,058	-0,031	0,014	0,114	0,375	0,071	0,7366	0,2634	2,2722
q7	-0,332	-0,169	-0,115	0,063	0,035	0,049	0,097	0,7561	0,2439	2,1601
q8	-0,288	0,007	-0,054	0,219	0,092	0,089	0,137	0,8593	0,1407	2,9528
q9	0,038	-0,050	-0,062	0,386	-0,139	0,219	0,103	0,7746	0,2254	2,1985
q10	0,005	0,102	-0,081	0,663	-0,119	0,078	0,006	0,5357	0,4643	1,1749
q11	-0,118	-0,050	0,150	0,429	-0,040	0,020	0,099	0,7700	0,2300	1,5890
q12	-0,054	0,058	0,072	0,747	0,067	0,048	-0,010	0,3379	0,6621	1,0664
q13	0,042	0,159	-0,077	0,564	-0,100	0,006	0,075	0,5925	0,4075	1,3193
q14	0,054	0,014	0,045	0,560	0,106	-0,080	0,022	0,5657	0,4343	1,1534
q15	-0,041	0,200	0,141	0,372	0,191	-0,039	0,001	0,5501	0,4499	2,5203
q16	0,065	-0,002	0,065	0,731	0,030	0,029	0,052	0,3453	0,6547	1,0486
q17	-0,028	0,686	0,078	0,215	0,006	-0,062	0,004	0,2658	0,7342	1,2452
q18	0,077	0,338	0,056	0,340	0,212	-0,068	-0,023	0,3900	0,6100	2,9288
q19	0,100	0,592	-0,008	0,174	0,159	-0,073	-0,013	0,3056	0,6944	1,4271
q20	0,010	0,786	0,023	0,039	0,002	0,021	-0,035	0,3206	0,6794	1,0124
q21	0,026	0,725	0,144	0,037	-0,040	0,039	0,046	0,2999	0,7001	1,1083
q22	-0,044	0,818	0,103	-0,023	0,011	0,016	0,028	0,2655	0,7345	1,0428
q23	-0,037	-0,278	0,265	0,107	0,408	-0,010	-0,095	0,7588	0,2412	2,9065
q24	0,043	0,277	0,291	0,247	0,085	-0,053	-0,006	0,4496	0,5504	3,2599
q25	0,173	0,428	0,100	0,107	0,198	-0,028	-0,009	0,3927	0,6073	2,0805
q26	0,223	0,325	0,072	0,134	0,169	-0,128	-0,022	0,4755	0,5245	3,3294
q27	-0,067	0,186	0,368	0,055	0,058	-0,188	0,046	0,6672	0,3328	2,2898
q28	0,169	0,131	0,381	0,238	-0,065	-0,197	-0,100	0,4361	0,5639	3,3366
q29	0,193	0,124	0,307	0,312	0,028	-0,088	-0,040	0,4235	0,5765	3,2270
q30	0,401	0,059	0,234	0,134	-0,149	-0,108	-0,023	0,5981	0,4019	2,4746
q31	0,032	0,000	0,058	0,134	0,408	0,241	-0,061	0,7237	0,2763	1,9966
q32	-0,010	-0,050	0,281	0,019	0,409	0,089	-0,134	0,6865	0,3135	2,1825
q33	0,105	0,217	0,102	0,176	0,246	-0,206	0,142	0,5189	0,4811	5,3392
q34	0,434	0,347	-0,067	-0,067	0,159	-0,009	-0,050	0,5159	0,4841	2,3536
q35	0,507	0,202	-0,130	0,096	0,271	0,020	0,006	0,4205	0,5795	2,1536
q36	0,036	0,116	-0,046	-0,122	0,079	-0,234	0,021	0,9148	0,0852	2,5249
q37	0,083	0,212	0,245	0,076	0,270	-0,101	0,096	0,5074	0,4926	3,9361
q38	0,115	0,069	0,022	-0,041	0,599	-0,034	-0,020	0,5104	0,4896	1,1228
q39	0,097	-0,010	-0,013	0,096	0,621	-0,088	0,011	0,5018	0,4982	1,1424
q40	0,041	0,202	0,075	-0,197	0,537	0,019	0,067	0,5633	0,4367	1,6744
q41	0,543	0,052	0,080	0,076	0,221	-0,007	0,017	0,3955	0,6045	1,4416
q42	0,512	0,309	-0,052	0,031	0,188	0,087	-0,075	0,3662	0,6338	2,1240
q43	0,596	0,137	0,071	-0,040	0,075	0,083	0,032	0,4839	0,5161	1,2254

Item	WLS3	WLS1	WLS4	WLS2	WLS5	WLS6	WLS7	Unicidade	Comunalidade	Complexidade
q44	0,699	-0,024	0,051	0,049	0,035	0,013	-0,013	0,4396	0,5604	1,0294
q45	0,487	0,056	0,295	-0,017	-0,003	0,110	0,054	0,5222	0,4778	1,8351
q46	0,619	0,003	0,130	0,133	0,069	-0,117	0,021	0,3235	0,6765	1,2912
q47	0,660	-0,139	0,095	0,053	-0,005	-0,273	-0,020	0,3852	0,6148	1,4982
q48	0,334	-0,091	0,161	0,123	0,216	-0,317	-0,018	0,4799	0,5201	3,7048
q49	0,378	0,042	0,407	0,083	0,142	0,010	0,026	0,3215	0,6785	2,3644
q50	0,378	0,173	0,206	0,033	0,143	0,178	-0,038	0,4888	0,5112	2,9709
q51	-0,080	0,047	0,643	0,038	0,019	-0,086	0,126	0,5131	0,4869	1,1681
q52	0,037	0,110	0,734	0,014	0,041	0,009	0,000	0,2860	0,7140	1,0571
q53	-0,016	0,088	0,627	0,074	0,123	-0,084	0,004	0,3783	0,6217	1,1863
q54	0,284	0,295	0,234	-0,029	-0,021	0,244	-0,071	0,5784	0,4216	4,0289
q55	0,103	0,206	0,572	-0,007	0,076	-0,006	0,053	0,3454	0,6546	1,3897
q56	0,152	0,031	0,645	0,048	-0,064	0,117	-0,023	0,4569	0,5431	1,2219

Com o objetivo de avaliar a adequação da matriz de correlações para a AFE, foi realizado o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) após a retirada dos itens q4, q8, q24, q33, q36, q37 e q54 que não apresentaram cargas fatoriais $\geq 0,30$. Consequentemente, o índice geral de KMO obtido foi de 0,84, valor considerado “muito bom” segundo os critérios propostos por Kaiser (1974), indicando que os dados possuíam correlações parciais suficientemente baixas e, portanto, são apropriados para a extração de fatores. A maioria dos itens apresentou valores de MSA (Measure of Sampling Adequacy) superiores a 0,70, demonstrando boa adequação individual à análise. No entanto, alguns itens ainda apresentaram índices insatisfatórios, como q1 (0,48), q3 (0,43) e q7 (0,34), sugerindo baixa comunalidade e possível necessidade de exclusão em etapas posteriores da análise.

Após a exclusão dos itens, também foi realizada uma segunda rodada da Análise Fatorial Exploratória (AFE), na qual, manteve-se a solução de sete fatores, conforme a proposta teórica inicial. Esta nova análise foi conduzida, com a exclusão dos itens q4, q8, q24, q33, q36, q37 e q54, que na primeira rodada apresentaram cargas fatoriais abaixo do critério mínimo estabelecido ($\lambda < 0,30$). A matriz de cargas resultante indicou melhoria na estrutura fatorial, com a maioria dos itens apresentando cargas fatoriais superiores a 0,30 e comunalidades adequadas ($h^2 > 0,40$), demonstrando bom alinhamento com os fatores extraídos. No entanto,

como pode ser visto na Tabela 9, os itens q1, q7, q26 e q48 permaneceram com cargas fatoriais abaixo de 0,30 em todos os fatores, além de apresentarem altos índices de unicidade ($u^2 > 0,66$) e elevada complexidade fatorial (complexidade $> 3,0$), indicando contribuições fracas e difusas ao modelo (Field, 2018).

Tabela 9

Resultados da segunda Análise Fatorial Exploratória, com retenção de sete fatores

Item	WLS5	WLS4	WLS1	WLS2	WLS6	WLS3	WLS7	Unicidade	Comunalidade	Complexidade
q1	-0,038	0,158	-0,119	0,225	-0,060	0,195	0,006	0,8798	0,1202	3,6430
q2	0,010	-0,108	0,080	0,184	-0,062	0,608	0,018	0,5759	0,4241	1,3132
q3	0,009	-0,017	0,266	0,226	-0,049	0,420	0,006	0,7330	0,2670	2,3383
q5	-0,001	0,038	-0,197	-0,066	0,125	0,607	-0,056	0,5464	0,4536	1,3556
q6	0,046	0,041	-0,103	0,034	0,089	0,429	-0,206	0,7193	0,2807	1,7444
q7	-0,152	-0,067	-0,225	0,056	-0,036	0,173	-0,077	0,7679	0,2321	3,4488
q9	-0,051	-0,027	0,078	0,405	-0,161	0,241	0,004	0,7723	0,2277	2,1399
q10	0,097	-0,069	0,028	0,649	-0,132	0,071	0,036	0,5466	0,4534	1,1896
q11	-0,056	0,209	-0,079	0,411	-0,087	0,058	-0,017	0,7836	0,2164	1,7777
q12	0,030	0,102	-0,007	0,745	0,043	0,024	-0,027	0,3352	0,6648	1,0526
q13	0,144	-0,080	-0,004	0,582	-0,080	0,033	0,101	0,5862	0,4138	1,2767
q14	0,002	0,050	0,026	0,557	0,084	-0,078	0,061	0,5662	0,4338	1,1319
q15	0,121	0,183	0,007	0,416	0,179	-0,089	-0,114	0,5374	0,4626	2,3097
q16	-0,032	0,057	0,023	0,762	0,047	0,028	0,079	0,3211	0,6789	1,0484
q17	0,617	0,116	0,000	0,256	0,008	-0,099	-0,049	0,2678	0,7322	1,4905
q18	0,282	0,073	0,085	0,364	0,209	-0,127	-0,038	0,3896	0,6104	3,1261
q19	0,525	0,039	0,127	0,231	0,142	-0,157	-0,098	0,2888	0,7112	2,0081
q20	0,838	-0,019	0,050	0,014	-0,008	0,004	0,028	0,2607	0,7393	1,0111
q21	0,736	0,111	0,008	0,028	-0,001	0,070	0,113	0,2695	0,7305	1,1154
q22	0,885	0,077	-0,025	-0,055	0,006	0,042	0,047	0,1806	0,8194	1,0349
q23	-0,215	0,132	-0,063	0,038	0,438	0,007	0,126	0,7836	0,2164	1,9377
q25	0,367	0,066	0,125	0,145	0,245	-0,060	0,073	0,4074	0,5926	2,6565
q26	0,280	0,032	0,125	0,147	0,231	-0,136	0,135	0,4743	0,5257	4,1169
q27	0,163	0,304	-0,170	0,045	0,119	-0,113	0,182	0,6666	0,3334	3,8037
q28	0,173	0,147	-0,112	0,167	0,117	-0,167	0,498	0,3406	0,6594	2,2478
q29	0,154	0,151	0,026	0,242	0,142	-0,012	0,396	0,3704	0,6296	2,7146
q30	0,144	0,008	0,145	0,023	-0,021	0,001	0,612	0,4415	0,5585	1,2339
q31	0,044	-0,052	0,039	0,095	0,495	0,230	0,060	0,7053	0,2947	1,5941
q32	-0,001	0,176	0,002	-0,045	0,453	0,058	0,048	0,7038	0,2962	1,3816
q34	0,310	-0,080	0,357	-0,045	0,198	-0,102	0,072	0,5262	0,4738	3,0274
q35	0,122	-0,039	0,497	0,141	0,250	-0,066	-0,051	0,4185	0,5815	1,8959
q38	0,048	-0,023	0,063	-0,046	0,671	-0,038	0,025	0,4802	0,5198	1,0488
q39	-0,052	-0,009	0,069	0,090	0,645	-0,059	0,004	0,5096	0,4904	1,0932
q40	0,169	0,093	0,057	-0,185	0,541	0,046	-0,038	0,5779	0,4221	1,5675
q41	0,000	0,188	0,559	0,092	0,140	-0,099	-0,050	0,3595	0,6405	1,5139
q42	0,266	0,010	0,558	0,038	0,152	-0,025	-0,046	0,3430	0,6570	1,6369
q43	0,099	0,151	0,589	-0,024	0,027	0,021	0,029	0,4668	0,5332	1,2067
q44	0,002	0,048	0,636	-0,012	0,009	-0,027	0,204	0,4010	0,5990	1,2204
q45	0,050	0,291	0,399	0,000	0,018	0,076	0,152	0,5320	0,4680	2,2998

Item	WLS5	WLS4	WLS1	WLS2	WLS6	WLS3	WLS7	Unicidade	Comunalidade	Complexidade
q46	-0,021	0,172	0,531	0,110	0,036	-0,154	0,154	0,3095	0,6905	1,7019
q47	-0,121	0,032	0,420	0,012	0,039	-0,289	0,333	0,3936	0,6064	2,9781
q48	-0,112	0,128	0,189	0,103	0,222	-0,322	0,178	0,4977	0,5023	4,2194
q49	0,027	0,369	0,284	0,075	0,177	0,021	0,201	0,3198	0,6802	3,1463
q50	0,121	0,216	0,350	0,094	0,170	0,047	-0,014	0,5126	0,4874	2,7423
q51	-0,011	0,722	-0,077	0,056	-0,026	-0,021	0,014	0,4927	0,5073	1,0408
q52	0,072	0,776	0,024	0,002	0,031	-0,018	0,033	0,2512	0,7488	1,0272
q53	0,063	0,572	-0,060	0,075	0,145	-0,064	0,110	0,3969	0,6031	1,3244
q55	0,128	0,700	0,140	0,028	0,008	-0,056	-0,098	0,2826	0,7174	1,2086
q56	0,025	0,656	0,147	0,016	-0,065	0,079	0,075	0,4528	0,5472	1,1831

O *Tucker Lewis Index* (TLI = 0,932) revelou um ajuste satisfatório, situando-se próximo do limiar considerado excelente ($\geq 0,95$). O *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA = 0,038), com intervalo de confiança de 90% entre 0,034 e 0,042, sinalizou excelente qualidade de ajuste, conforme os parâmetros estabelecidos pela literatura ($< 0,05$). O Bayesian Information Criterion (BIC = -3721,14), também reforçou a parcimônia do modelo (Tabachnick & Fidell, 2019). Além disso, o valor do índice de ajuste com base nos elementos fora da diagonal (0,99) indicou elevada correspondência entre a matriz de correlações observada e a matriz reproduzida, conforme pacote *psych* (Revelle, 2024). Em conjunto, tais evidências estatísticas corroboraram à adequação da estrutura fatorial após a exclusão dos itens mencionados (q4, q8, q24, q33, q36, q37 e q54).

Diante do exposto, na segunda rodada de AFE, os resultados indicaram que mais quatro itens (q1, q7, q26 e q48) apresentaram cargas fatoriais inferiores ao critério mínimo estabelecido ($\lambda < 0,30$), recomendou-se então, a exclusão desses itens para aprimorar a qualidade do instrumento e a clareza da estrutura fatorial. Os demais itens foram mantidos por apresentarem cargas fatoriais consistentes e estrutura unidimensional predominante, fortalecendo a adequação psicométrica do instrumento.

Com a exclusão dos primeiros itens que apresentaram cargas fatoriais inferiores ao critério mínimo estabelecido ($\lambda < 0,30$), também foi realizada uma segunda rodada da Análise

Paralela com o objetivo de reavaliar o número de fatores a serem extraídos. Na primeira análise, haviam sido sugeridos oito fatores. Contudo, os resultados atualizados indicaram a retenção de seis fatores, sugerindo que a partir do sétimo fator, a inclusão de mais fatores não contribuiria significativamente para a explicação da variância. Essa redução no número de fatores reforça a melhoria da estrutura fatorial do instrumento, tornando-o mais parcimonioso e ajustado aos dados após a retirada dos itens com baixa adequação.

Apesar da melhora significativa observada na segunda rodada da Análise Fatorial Exploratória (AFE), incluindo a adequação dos índices de ajuste — com destaque para o TLI de 0,932, RMSEA de 0,038 e ajuste off-diagonal de 0,99 —, alguns itens ainda apresentaram cargas fatoriais inferiores ao critério mínimo de 0,30, comprometendo sua representatividade em relação aos fatores extraídos. Assim, justificou-se a realização de uma terceira rodada de análises, contemplando novamente o exame do índice KMO, a Análise Paralela e a AFE, desta vez com o objetivo específico de garantir que todos os itens restantes apresentassem cargas fatoriais $\geq 0,30$. Tal medida visou fortalecer a consistência interna e a precisão interpretativa da solução fatorial final, assegurando maior robustez psicométrica ao instrumento.

Na terceira rodada de análises, após a exclusão dos itens q1, q4, q7, q8, q24, q26, q33, q36, q37, q48 e q54, o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) indicou uma adequação muito boa da amostra para a análise fatorial, com um valor geral de KMO igual a 0,87. Esse resultado reforçou a pertinência da continuidade da Análise Fatorial Exploratória com os itens remanescentes. A maioria dos itens apresentou valores individuais (MSA) superiores a 0,80, o que demonstrou alta adequação fatorial. No entanto, alguns itens, como q2 (0,56), q10 (0,63), q11 (0,63) e q31 (0,69), apresentaram MSA abaixo de 0,70, o que pode indicar menor contribuição à estrutura fatorial e justificaria uma análise mais criteriosa sobre sua permanência

nas próximas etapas. Ainda assim, os resultados desta rodada mantiveram a robustez da matriz de dados para a continuidade das análises (Kaiser, 1974).

Na terceira rodada da Análise Paralela, conduzida após a exclusão dos itens com base em critérios estatísticos (cargas fatoriais $< 0,30$, comunalidades baixas e/ou cargas cruzadas), foi observada a retenção de seis fatores, o que indicou que o resultado é consistente com a segunda rodada da análise paralela, que também sugeriu a retenção de seis fatores, e diverge da primeira rodada, que havia indicado oito fatores, o que indica uma estabilização da estrutura fatorial após os refinamentos realizados, reforçando a adequação da retenção de seis fatores para representar a estrutura subjacente dos dados.

Na terceira rodada da Análise Fatorial Exploratória (AFE), foi mantida a extração de sete fatores, embora a análise paralela tenha sugerido seis fatores. Após a exclusão de 11 itens, observou-se uma melhoria na estrutura da matriz fatorial, com todos os 45 itens remanescentes apresentando cargas fatoriais segundo o critério mínimo estabelecido para retenção de itens ($\lambda < 0,30$) em pelo menos um fator (Hair et al., 2019). As cargas fatoriais mais elevadas foram bem distribuídas entre os sete fatores, reduzindo o número de cargas cruzadas e aumentando a clareza da estrutura, como pode ser visto na Tabela 10. Os valores de comunalidade variaram de ($q_{23} = 0,21$) a ($q_{22} = 0,83$), indicando que, em geral, os fatores extraídos explicam adequadamente a variância comum dos itens. As unicidades apresentaram baixos índices ($u^2 < 0,66$), sugerindo baixo nível de variância residual. Além disso, os índices de complexidade foram majoritariamente inferiores a 2,5, o que indica que os itens tendem a se associar preferencialmente a um único fator, favorecendo a interpretação dos construtos (Field, 2018). Além disso, após a melhora observada na terceira rodada da AFE, realizada com base na proposta de sete fatores e após a exclusão dos 11 itens problemáticos, os índices de ajuste globais indicaram excelente adequação do modelo aos dados. Destacam-se o TLI de 0,938, o RMSEA de 0,038 (IC 90% = 0,034–0,043), o BIC de -3026,91. Esses resultados fornecem

evidências robustas de que a estrutura fatorial ajustada apresenta confiabilidade e adequação substanciais, refletindo de forma consistente as dimensões avaliadas após a retirada dos itens de baixo desempenho.

Tabela 10

Resultados da terceira Análise Fatorial Exploratória

Item	WLS3	WLS1	WLS4	WLS2	WLS5	WLS7	WLS6	Unicidade	Comunidade	Complexidade
q2	0,023	0,041	-0,093	0,149	-0,060	0,015	0,638	0,5384	0,4616	1,1845
q3	-0,003	0,227	-0,009	0,214	-0,033	0,013	0,444	0,7236	0,2764	2,0095
q5	0,009	-0,248	0,047	-0,073	0,114	-0,072	0,543	0,5897	0,4103	1,6072
q6	0,056	-0,133	0,055	0,014	0,065	-0,223	0,407	0,7207	0,2793	1,9631
q9	-0,045	0,062	-0,031	0,390	-0,156	0,004	0,247	0,7766	0,2234	2,1718
q10	0,090	0,026	-0,065	0,651	-0,131	0,033	0,082	0,5445	0,4555	1,1837
q11	-0,066	-0,090	0,205	0,419	-0,077	-0,017	0,047	0,7845	0,2155	1,7412
q12	0,019	-0,012	0,096	0,762	0,048	-0,030	0,022	0,3202	0,6798	1,0468
q13	0,146	0,005	-0,079	0,579	-0,084	0,088	0,037	0,5914	0,4086	1,2717
q14	0,009	0,048	0,048	0,552	0,075	0,058	-0,066	0,5705	0,4295	1,1211
q15	0,109	0,017	0,183	0,420	0,173	-0,115	-0,080	0,5387	0,4613	2,2014
q16	-0,030	0,026	0,051	0,762	0,053	0,078	0,038	0,3223	0,6777	1,0502
q17	0,611	0,010	0,110	0,263	0,006	-0,053	-0,095	0,2691	0,7309	1,5056
q18	0,285	0,101	0,062	0,368	0,204	-0,039	-0,116	0,3869	0,6131	3,0587
q19	0,514	0,161	0,040	0,229	0,121	-0,106	-0,151	0,2924	0,7076	2,0852
q20	0,848	0,044	-0,030	0,016	-0,002	0,031	0,010	0,2527	0,7473	1,0116
q21	0,745	0,004	0,102	0,029	0,007	0,102	0,060	0,2683	0,7317	1,0925
q22	0,901	-0,027	0,069	-0,059	0,003	0,036	0,032	0,1723	0,8277	1,0278
q23	-0,203	-0,055	0,140	0,031	0,430	0,127	0,005	0,7884	0,2116	1,9319
q25	0,359	0,158	0,086	0,138	0,222	0,051	-0,048	0,4170	0,5830	2,7343
q27	0,169	-0,140	0,321	0,042	0,103	0,155	-0,118	0,6786	0,3214	3,2093
q28	0,158	-0,096	0,165	0,195	0,138	0,484	-0,179	0,3304	0,6696	2,5067
q29	0,156	0,051	0,170	0,247	0,137	0,368	-0,022	0,3729	0,6271	3,0957
q30	0,164	0,169	0,018	0,020	-0,011	0,590	0,008	0,4384	0,5616	1,3343
q31	0,041	0,013	-0,052	0,095	0,511	0,069	0,228	0,6932	0,3068	1,5475
q32	-0,011	-0,014	0,178	-0,033	0,464	0,059	0,049	0,6962	0,3038	1,3658
q34	0,302	0,389	-0,073	-0,046	0,183	0,054	-0,084	0,5313	0,4687	2,6593
q35	0,106	0,533	-0,034	0,136	0,227	-0,068	-0,046	0,4190	0,5810	1,6606
q38	0,036	0,065	-0,037	-0,032	0,690	0,023	-0,058	0,4576	0,5424	1,0499
q39	-0,061	0,086	-0,006	0,097	0,635	-0,009	-0,067	0,5125	0,4875	1,1282
q40	0,179	0,065	0,086	-0,190	0,531	-0,050	0,025	0,5743	0,4257	1,6226
q41	0,003	0,585	0,168	0,086	0,130	-0,052	-0,075	0,3627	0,6373	1,3744
q42	0,250	0,590	0,013	0,035	0,130	-0,061	-0,008	0,3386	0,6614	1,4937
q43	0,079	0,616	0,157	-0,028	0,013	0,008	0,038	0,4644	0,5356	1,1770
q44	-0,002	0,658	0,036	-0,011	0,014	0,194	-0,006	0,4041	0,5959	1,1814
q45	0,048	0,404	0,278	0,000	0,026	0,139	0,071	0,5379	0,4621	2,1749
q46	-0,020	0,574	0,158	0,107	0,028	0,143	-0,137	0,3039	0,6961	1,5011
q47	-0,115	0,468	0,022	0,017	0,041	0,319	-0,268	0,3965	0,6035	2,6205
q49	0,035	0,311	0,376	0,064	0,161	0,175	0,024	0,3239	0,6761	2,9125

Item	WLS3	WLS1	WLS4	WLS2	WLS5	WLS7	WLS6	Unicidade	Comunalidade	Complexidade
q50	0,117	0,361	0,219	0,087	0,159	-0,024	0,064	0,5115	0,4885	2,6064
q51	-0,002	-0,068	0,711	0,054	-0,032	0,003	-0,045	0,5017	0,4983	1,0423
q52	0,063	0,015	0,777	0,008	0,041	0,035	-0,015	0,2531	0,7469	1,0249
q53	0,070	-0,044	0,586	0,069	0,134	0,098	-0,064	0,3981	0,6019	1,2622
q55	0,118	0,147	0,697	0,027	0,004	-0,098	-0,054	0,2844	0,7156	1,2070
q56	0,005	0,135	0,681	0,017	-0,059	0,069	0,095	0,4416	0,5584	1,1581

Realizaram-se três rodadas sucessivas de análises para refinar um modelo que, inicialmente, possuía sete fatores. Cada rodada envolveu o cálculo do índice KMO, a condução de Análises Paralelas e Análises Fatoriais Exploratórias (AFE), além da verificação de índices de ajuste. O critério para o refinamento era que todos os itens da matriz fatorial alcançassem cargas superiores a 0,30, garantindo maior robustez psicométrica. Após esse cuidadoso processo de ajuste do modelo de sete fatores, e com base na sugestão fornecida pelas Análises Paralelas, decidiu-se considerar uma estrutura alternativa mais parcimoniosa, contendo seis fatores.

Análise do Modelo Alternativo de Seis Fatores

A adequação da matriz de correlações policóricas para a realização da Análise Fatorial Exploratória (AFE) foi examinada por meio do índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). O valor geral encontrado inicialmente foi de 0,52, o que indicou uma adequação fraca da amostra para a extração de fatores, conforme os critérios estabelecidos por Kaiser (1974). A análise dos índices de MSA (Measure of Sampling Adequacy) por item evidenciou que vários itens apresentaram valores inferiores ao mínimo recomendado ($\geq 0,60$) para a realização da AFE (Field, 2018), indicando baixa adequação desses itens à estrutura fatorial, por outro lado, observaram-se valores satisfatórios em outros itens. Tais resultados apontam para a necessidade de revisão do instrumento, com vistas à exclusão de itens pouco adequados e à melhoria da estrutura interna da medida.

Na primeira rodada da Análise Fatorial Exploratória (AFE), foi especificada a extração de seis fatores com o método de estimação Weighted Least Squares (WLS), conforme os pressupostos da análise. Como pode ser visto na Tabela 11, os resultados indicaram que dez itens (q1, q4, q7, q8, q24, q29, q33, q36, q37 e q48) apresentaram cargas fatoriais inferiores ao critério mínimo estabelecido ($\lambda < 0,30$) em todos os fatores, além de comunalidades baixas ($h^2 < 0,30$) e, em alguns casos, elevada complexidade fatorial (complexidade $> 3,0$). Esses achados sugerem que os itens em questão apresentaram associações fracas ou difusas, o que pode comprometer a clareza e a qualidade psicométrica do modelo. Na avaliação dos índices de ajuste obtidos para o modelo de seis fatores, observou-se uma adequação satisfatória entre os dados observados e a estrutura fatorial proposta. O *Tucker Lewis Index* (TLI = 0,901) evidenciou um bom ajuste do modelo, situando-se acima do ponto de corte geralmente aceito ($\geq 0,90$). Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA = 0,042), com intervalo de confiança de 90% entre 0,039 e 0,046, indicou um excelente ajuste absoluto, conforme critérios estabelecidos na literatura psicométrica. O Bayesian Information Criterion (BIC = -5162,52) também se apresentou favorável, sugerindo uma boa parcimônia do modelo em relação à complexidade dos dados (Tabachnick & Fidell, 2019). Esses resultados confirmam a adequação da estrutura fatorial com seis fatores, fornecendo evidências empíricas robustas para sua validade estrutural. Diante disso, optou-se por excluir os itens problemáticos e realizar uma nova rodada de análises com os itens remanescentes, com o objetivo de verificar possíveis melhorias na estrutura fatorial e nos índices de ajuste.

Tabela 11

Resultados da primeira Análise Fatorial Exploratória com seis fatores.

Item	WLS1	WLS3	WLS4	WLS2	WLS5	WLS6	Unicidade	Comunalidade	Complexidade
q1	-0,050	-0,197	0,144	0,268	-0,026	0,130	0,8793	0,1207	3,1027
q2	-0,050	-0,002	-0,074	0,219	-0,075	0,571	0,5897	0,4103	1,3821
q3	-0,025	0,231	0,003	0,238	-0,052	0,462	0,6988	0,3012	2,0631

Item	WLS1	WLS3	WLS4	WLS2	WLS5	WLS6	Unicidade	Comunidade	Complexidade
q4	0,090	0,152	0,143	0,268	-0,209	0,296	0,7146	0,2854	4,1253
q5	-0,041	-0,322	0,052	-0,035	0,101	0,496	0,6102	0,3898	1,8729
q6	0,043	-0,261	-0,017	0,023	0,116	0,422	0,7304	0,2696	1,8854
q7	-0,177	-0,345	-0,102	0,089	0,026	0,089	0,7568	0,2432	2,0422
q8	-0,020	-0,318	-0,022	0,265	0,096	0,138	0,8531	0,1469	2,5772
q9	-0,056	0,036	-0,040	0,420	-0,144	0,240	0,7671	0,2329	1,9493
q10	0,113	0,021	-0,082	0,651	-0,119	0,074	0,5466	0,4534	1,1929
q11	-0,058	-0,139	0,177	0,448	-0,047	0,042	0,7691	0,2309	1,6050
q12	0,062	-0,036	0,066	0,730	0,070	0,045	0,3500	0,6500	1,0621
q13	0,152	0,025	-0,069	0,600	-0,099	0,008	0,5851	0,4149	1,2171
q14	0,011	0,039	0,052	0,563	0,109	-0,083	0,5673	0,4327	1,1496
q15	0,186	-0,043	0,141	0,371	0,203	-0,038	0,5508	0,4492	2,5112
q16	-0,009	0,054	0,071	0,753	0,034	0,027	0,3352	0,6648	1,0352
q17	0,655	-0,022	0,079	0,229	0,023	-0,062	0,2789	0,7211	1,2973
q18	0,325	0,076	0,053	0,337	0,227	-0,076	0,3930	0,6070	3,0364
q19	0,564	0,098	-0,006	0,185	0,181	-0,079	0,3129	0,6871	1,5500
q20	0,845	0,027	-0,016	0,016	-0,005	0,005	0,2728	0,7272	1,0037
q21	0,731	0,023	0,146	0,053	-0,041	0,040	0,2874	0,7126	1,1053
q22	0,883	-0,054	0,086	-0,036	-0,002	0,015	0,2006	0,7994	1,0306
q23	-0,253	-0,012	0,238	0,054	0,405	-0,023	0,7810	0,2190	2,4271
q24	0,273	0,045	0,285	0,242	0,090	-0,063	0,4535	0,5465	3,3323
q25	0,403	0,167	0,104	0,117	0,219	-0,038	0,3962	0,6038	2,3462
q26	0,307	0,206	0,075	0,141	0,186	-0,145	0,4773	0,5227	3,7198
q27	0,171	-0,099	0,377	0,073	0,059	-0,186	0,6677	0,3323	2,2535
q28	0,152	0,181	0,350	0,201	-0,065	-0,239	0,4494	0,5506	3,6439
q29	0,134	0,194	0,294	0,294	0,032	-0,116	0,4297	0,5703	3,4968
q30	0,081	0,385	0,226	0,129	-0,153	-0,150	0,5959	0,4041	2,7823
q31	0,016	0,075	0,036	0,095	0,416	0,240	0,7305	0,2695	1,8245
q32	-0,018	0,041	0,242	-0,049	0,402	0,066	0,7164	0,2836	1,7750
q33	0,175	0,028	0,148	0,237	0,257	-0,184	0,5369	0,4631	4,3517
q34	0,333	0,427	-0,063	-0,065	0,180	-0,038	0,5182	0,4818	2,4111
q35	0,172	0,476	-0,104	0,120	0,300	0,001	0,4251	0,5749	2,2786
q36	0,092	-0,013	-0,037	-0,093	0,097	-0,247	0,9128	0,0872	2,0059
q37	0,179	0,032	0,276	0,116	0,281	-0,088	0,5137	0,4863	3,2959
q38	0,061	0,102	0,026	-0,049	0,605	-0,035	0,5174	0,4826	1,1029
q39	-0,029	0,065	0,002	0,101	0,635	-0,081	0,5032	0,4968	1,1105
q40	0,171	0,009	0,104	-0,170	0,545	0,042	0,5752	0,4248	1,5029
q41	0,037	0,501	0,106	0,095	0,241	-0,032	0,3999	0,6001	1,6528
q42	0,303	0,524	-0,057	0,018	0,215	0,054	0,3621	0,6379	2,0417
q43	0,117	0,566	0,101	-0,014	0,095	0,061	0,4893	0,5107	1,2399
q44	-0,016	0,673	0,064	0,056	0,045	-0,030	0,4388	0,5612	1,0459
q45	0,052	0,458	0,318	0,006	0,005	0,087	0,5289	0,4711	1,9014
q46	-0,003	0,565	0,154	0,155	0,083	-0,153	0,3284	0,6716	1,5214
q47	-0,126	0,599	0,103	0,063	0,001	-0,326	0,3897	0,6103	1,7479
q48	-0,097	0,279	0,169	0,130	0,228	-0,344	0,4816	0,5184	3,8277
q49	0,037	0,347	0,418	0,095	0,153	-0,014	0,3273	0,6727	2,3746
q50	0,165	0,389	0,209	0,025	0,162	0,152	0,4905	0,5095	2,7670

Item	WLS1	WLS3	WLS4	WLS2	WLS5	WLS6	Unicidade	Comunalidade	Complexidade
q51	0,013	-0,132	0,688	0,076	0,018	-0,065	0,5085	0,4915	1,1192
q52	0,093	0,033	0,769	-0,008	0,037	0,006	0,2691	0,7309	1,0378
q53	0,080	-0,025	0,628	0,067	0,126	-0,090	0,3835	0,6165	1,1842
q54	0,291	0,324	0,222	-0,049	-0,004	0,214	0,5886	0,4114	3,6267
q55	0,176	0,077	0,610	0,005	0,084	-0,002	0,3382	0,6618	1,2412
q56	0,023	0,172	0,678	0,015	-0,073	0,110	0,4411	0,5589	1,2120

Considerando que dez itens (q1, q4, q7, q8, q24, q29, q33, q36, q37 e q48) apresentaram indicadores psicométricos insatisfatórios, optou-se pela exclusão de tais itens com o intuito de aprimorar a qualidade da estrutura fatorial. Diante dessa modificação na matriz de dados, tornou-se metodologicamente necessário conduzir novas análises. A reavaliação do índice KMO permitiu verificar se a adequação amostral havia sido melhorada após a remoção dos itens problemáticos. Em seguida, procedeu-se a uma nova Análise Fatorial Exploratória (AFE), mantendo-se o método de estimação Weighted Least Squares (WLS) e a especificação de seis fatores, com o objetivo de examinar se a exclusão dos itens resultaria em uma organização mais coerente dos construtos latentes. Por fim, foram novamente calculados os índices de ajuste (TLI, RMSEA, BIC) para avaliar a qualidade do modelo reformulado.

Diante do exposto, com a exclusão dos dez itens com indicadores psicométricos insatisfatórios, foi conduzida uma nova avaliação da adequação da matriz de correlações policóricas por meio do índice de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). Observou-se uma melhora expressiva na adequação amostral, com o valor global do KMO elevando-se de 0,52 (análise inicial) para 0,85, o que é considerado um índice “muito bom” segundo os critérios de Kaiser (1974). Essa elevação indica que a matriz reduzida se tornou substancialmente mais apropriada para a extração fatorial. Os valores individuais do MSA (Measure of Sampling Adequacy) variaram entre 0,55 e 0,95, com a maioria dos itens apresentando índices acima de 0,80, reforçando a adequação do conjunto de dados. Embora alguns itens, como q2 (0,55), q5 (0,54) e q39 (0,59), tenham apresentado valores ligeiramente abaixo do ideal, o padrão geral dos

resultados sugere uma melhoria significativa na estrutura interna do instrumento, favorecendo a estabilidade e a validade da solução fatorial com seis fatores.

Na segunda rodada da Análise Fatorial Exploratória (AFE), após a exclusão dos itens q1, q4, q7, q8, q24, q29, q33, q36, q37 e q48 por não atingirem o critério mínimo estabelecido ($\geq 0,30$), manteve-se a extração WLS com rotação oblíqua e retenção de seis fatores, conforme sugerido pela análise paralela. A nova solução apresentou melhora na qualidade psicométrica da escala, com cargas fatoriais mais consistentes e comunalidades mais elevadas, como pode ser visto na Tabela 12. A maioria dos itens obteve cargas acima do critério mínimo em ao menos um fator, com comunalidades variando de ($q23 = 0,21$) a ($q52 = 0,75$). As unicidades permaneceram, em sua maioria, abaixo de 0,70. Os índices de complexidade fatorial indicaram que a maioria dos itens apresentou estrutura unidimensional, com complexidade próxima de 1. No entanto, alguns itens (por exemplo, q26, q28 e q54) apresentaram complexidade superior a 3, indicando possível saturação cruzada e dificuldade de representação por um único fator.

Tabela 12

Resultados da segunda Análise Fatorial Exploratória com seis fatores

Item	WLS3	WLS1	WLS4	WLS2	WLS5	WLS6	Unicidade	Comunalidade	Complexidade
q2	0,017	-0,038	-0,079	0,202	-0,107	0,575	0,5854	0,4146	1,3745
q3	0,224	-0,042	0,000	0,237	-0,063	0,437	0,7243	0,2757	2,1791
q5	-0,291	-0,038	0,052	-0,042	0,069	0,508	0,6139	0,3861	1,6918
q6	-0,235	0,054	-0,005	0,006	0,079	0,436	0,7313	0,2687	1,6506
q9	0,061	-0,057	-0,031	0,398	-0,165	0,246	0,7727	0,2273	2,1887
q10	0,031	0,103	-0,066	0,652	-0,128	0,078	0,5384	0,4616	1,1872
q11	-0,116	-0,044	0,177	0,418	-0,053	0,029	0,7933	0,2067	1,6003
q12	-0,040	0,051	0,082	0,739	0,074	0,044	0,3343	0,6657	1,0680
q13	0,014	0,158	-0,071	0,601	-0,084	-0,011	0,5838	0,4162	1,2115
q14	0,049	0,029	0,051	0,557	0,093	-0,083	0,5655	0,4345	1,1415
q15	-0,031	0,161	0,145	0,373	0,216	-0,020	0,5595	0,4405	2,4189
q16	0,040	-0,020	0,072	0,769	0,053	0,021	0,3181	0,6819	1,0354
q17	-0,028	0,658	0,086	0,233	0,028	-0,061	0,2667	0,7333	1,3119
q18	0,083	0,321	0,055	0,329	0,225	-0,067	0,4021	0,5979	3,0583
q19	0,118	0,575	-0,008	0,175	0,165	-0,079	0,3020	0,6980	1,5019
q20	0,037	0,824	-0,005	0,026	-0,012	0,009	0,2828	0,7172	1,0068
q21	0,016	0,736	0,135	0,052	-0,026	0,022	0,2856	0,7144	1,0831

Item	WLS3	WLS1	WLS4	WLS2	WLS5	WLS6	Unicidade	Comunalidade	Complexidade
q22	-0,036	0,880	0,086	-0,040	-0,009	0,017	0,2044	0,7956	1,0273
q23	-0,021	-0,245	0,210	0,062	0,421	-0,032	0,7823	0,2177	2,2224
q25	0,192	0,396	0,099	0,106	0,206	-0,017	0,4043	0,5957	2,3758
q26	0,206	0,301	0,063	0,144	0,201	-0,143	0,4768	0,5232	3,8112
q27	-0,089	0,180	0,355	0,066	0,079	-0,174	0,6830	0,3170	2,3864
q28	0,114	0,138	0,308	0,235	0,033	-0,281	0,4570	0,5430	3,6535
q30	0,367	0,092	0,182	0,125	-0,114	-0,161	0,6296	0,3704	2,6154
q31	0,020	-0,002	0,005	0,129	0,478	0,200	0,7073	0,2927	1,5070
q32	-0,017	-0,041	0,225	0,000	0,455	0,018	0,6924	0,3076	1,4897
q34	0,437	0,330	-0,071	-0,078	0,169	-0,042	0,5181	0,4819	2,3673
q35	0,516	0,151	-0,090	0,096	0,263	0,025	0,4287	0,5713	1,8533
q38	0,069	0,041	-0,003	-0,031	0,668	-0,058	0,4714	0,5286	1,0484
q39	0,068	-0,039	-0,006	0,096	0,647	-0,066	0,5062	0,4938	1,0962
q40	0,040	0,184	0,089	-0,192	0,516	0,043	0,5867	0,4133	1,6495
q41	0,555	0,032	0,116	0,065	0,178	-0,017	0,3975	0,6025	1,3390
q42	0,574	0,284	-0,043	-0,002	0,165	0,066	0,3483	0,6517	1,6986
q43	0,625	0,097	0,112	-0,034	0,033	0,071	0,4696	0,5304	1,1526
q44	0,711	-0,022	0,046	0,036	0,010	-0,052	0,4257	0,5743	1,0267
q45	0,463	0,034	0,305	0,020	-0,003	0,058	0,5325	0,4675	1,7863
q46	0,613	-0,015	0,149	0,137	0,046	-0,164	0,3053	0,6947	1,3928
q47	0,599	-0,128	0,082	0,062	0,007	-0,342	0,3937	0,6063	1,7714
q49	0,376	0,033	0,408	0,085	0,132	-0,004	0,3287	0,6713	2,3174
q50	0,397	0,141	0,226	0,031	0,141	0,158	0,4822	0,5178	2,6079
q51	-0,087	0,018	0,694	0,056	-0,011	-0,048	0,5141	0,4859	1,0560
q52	0,015	0,073	0,785	0,014	0,043	-0,014	0,2486	0,7514	1,0256
q53	-0,008	0,082	0,622	0,069	0,115	-0,072	0,3938	0,6062	1,1594
q54	0,313	0,259	0,224	-0,031	0,001	0,199	0,6052	0,3948	3,5998
q55	0,108	0,162	0,635	-0,001	0,048	0,007	0,3204	0,6796	1,2018
q56	0,154	0,009	0,675	0,033	-0,065	0,084	0,4489	0,5511	1,1615

O Tucker Lewis Index (TLI) aumentou de 0,901 na primeira rodada para 0,919, indicando maior confiabilidade fatorial. O RMSEA manteve-se dentro dos parâmetros de bom ajuste, com leve variação de 0,042 para 0,043 (IC 90%: 0,039 a 0,047), reforçando a precisão e adequação do modelo. O Bayesian Information Criterion (BIC) aumentou de -5162,52 para -3259,08, o que pode refletir a penalização pela redução de parâmetros estimados após a exclusão dos itens, sem necessariamente indicar piora do modelo. Esses resultados sugerem uma estrutura fatorial mais parcimoniosa, confiável e teoricamente interpretável, adequada para a investigação das evidências de validade de estrutura interna do instrumento.

Definição do Modelo Fatorial Final: Justificativas para a Adoção da Estrutura de Sete Fatores

Após a realização das análises fatoriais, foram obtidas duas soluções possíveis para a estrutura do instrumento: uma com sete e outra com seis fatores. A decisão final sobre o número de fatores a ser retido foi pautada em critérios teóricos e estatísticos, conforme detalhado a seguir.

Apesar de a análise paralela, nas etapas finais, ter indicado a retenção de seis fatores, optou-se pela manutenção da estrutura com sete fatores com base em evidências teóricas, estatísticas e psicométricas. Inicialmente, destaca-se que o modelo teórico proposto para a Escala Brasileira de Práticas Parentais (EBRAPP), fundamentado em revisão da literatura nacional e internacional, previa sete fatores distintos. A preservação dessa estrutura favorece a coerência entre os dados empíricos e a fundamentação conceitual que orientou a construção do instrumento, como recomendado em estudos psicométricos (Hair et al., 2019; Pasquali, 2010).

Do ponto de vista estatístico, a solução com sete fatores apresentou índices de ajuste global superiores à solução com seis fatores, indicando maior adequação do modelo aos dados. O índice Tucker-Lewis (TLI = 0,938) e o Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA = 0,038; IC 90% = 0,034–0,043) evidenciaram um bom ajuste, superando os valores observados na solução com seis fatores (TLI = 0,919; RMSEA = 0,043). O Bayesian Information Criterion (BIC = -3026,91) também foi mais favorável na estrutura com sete fatores, mesmo considerando a penalização por maior complexidade do modelo. Além disso, a estrutura com sete fatores revelou maior clareza na organização interna da matriz fatorial, com cargas fatoriais bem distribuídas, redução de cargas cruzadas e predominância de índices de complexidade inferiores a 2,5. Esses achados indicam que os itens tendem a se associar a um único fator, favorecendo a interpretação dos construtos.

Embora a solução com seis fatores tenha mantido todas as cargas fatoriais acima de 0,30, observou-se que três itens (q26, q28 e q54) apresentaram complexidade fatorial elevada (superior a 3,5), indicando ambiguidade na saturação e comprometendo a estabilidade e interpretabilidade da solução (Field, 2018). No que se refere à variância explicada, ambas as soluções apresentaram comunalidades predominantemente moderadas (entre 0,40 e 0,69), padrão compatível com instrumentos que avaliam múltiplos construtos. Contudo, a estrutura com sete fatores evidenciou distribuição mais equilibrada das comunalidades e menor número de itens com variância comum inferior a 0,40, o que reforça sua capacidade explicativa em relação aos itens avaliados. Dessa forma, a decisão pela retenção da estrutura com sete fatores baseou-se na convergência entre a robustez estatística, a consistência teórica e a superioridade psicométrica da solução, em consonância com diretrizes internacionais para avaliação da validade de estrutura interna (AERA, APA, & NCME, 2014).

Após a definição da estrutura final com sete fatores, foi conduzida uma análise criteriosa dos itens com cargas fatoriais $\geq 0,30$, mas que apresentaram indicadores psicométricos desfavoráveis, como elevada complexidade fatorial e comunalidades reduzidas. Com base nessa avaliação, alguns itens foram excluídos, enquanto outros foram realocados em fatores diferentes daqueles originalmente previstos, conforme sugerido pela Análise Fatorial Exploratória (AFE), cuja qual, revelou que determinados itens apresentavam cargas relevantes em fatores distintos daqueles inicialmente propostos, exigindo uma reavaliação de suas alocações. Conforme pode ser visto na Tabela 13, a realocação foi conduzida considerando a coerência conceitual entre os itens e os fatores emergentes, além da estrutura estatística identificada, ou seja, os itens q18, q23, q25, q27 e q31 foram realocados, com base em sua afinidade teórica com os fatores nos quais apresentaram maior aderência. Por outro lado, os itens, q32, q34, q35 e q50 foram excluídos da versão final da escala, por não apresentarem

carga significativa nos fatores originais nem alinhamento teórico com os fatores nos quais carregaram.

Tabela 13

Realocação e Exclusão de Itens da Escala Após Análises Fatoriais Exploratórias e Avaliação Conceitual

Item	Sentença	Fator original	Fator carregado	Situação final	Justificativa
q18	"Importa-se com o que penso"	Afeto	Disciplina	Realocado	O item reflete o uso do diálogo respeitoso e do raciocínio indutivo, características centrais do fator Disciplina, portanto, decidiu-se realocar o item.
q23	"Envergonha-me diante de outras pessoas"	Afeto	Tolerância	Realocado	O oposto de envergonhar, no caso, seria enaltecer. Envergonhar implica desvalorização, oposta à definição de Tolerância, que envolve apreciação do filho. Portanto, decidiu-se realocar o item (polo negativo).
q25	"Ajuda-me em momentos difíceis"	Apoio	Afeto	Realocado	Uma vez que o item reflete a demonstração não verbal de compaixão, parte da definição do fator afeto, decidiu-se realocar o item.
q27	"Ajuda-me com as tarefas"	Apoio	Envolvimento	Realocado	Uma vez que o item reflete a atitude de participar da vida dos filhos, parte da definição do fator Envolvimento, decidiu-se realocar o item.
q31	"É indiferente com tudo o que faço"	Apoio	Tolerância	Realocado	O oposto de indiferença, no caso, é apreciação. A apreciação dos filhos está de acordo com a definição do fator Tolerância. Portanto, decidiu-se realocar o item (polo negativo).
q32	"Está ocupada(o) demais quando preciso"	Apoio	Tolerância	Excluído	A afirmação não possui relação teórica clara com o conceito do fator Tolerância, portanto, decidiu-se pela exclusão.
q34	"Perdoa meus erros"	Tolerância	Confiança	Excluído	A ação de perdoar não define o conceito do fator Confiança, portanto, decidiu-se pela exclusão.
q35	"Aceita-me como sou"	Tolerância	Confiança	Excluído	A aceitação não representa o conceito do fator Confiança, portanto, decidiu-se pela exclusão.

Item	Sentença	Fator original	Fator carregado	Situação final	Justificativa
q50	"Preocupa-se com meu bem-estar"	Envolvimento	Confiança	Excluído	A afirmação não possui relação teórica clara com o conceito do fator Confiança, portanto, decidiu-se pela exclusão.

Essas modificações foram realizadas com o intuito de preservar tanto a validade empírica quanto a coerência teórica da estrutura fatorial identificada, assegurando que os itens de cada fator representem adequadamente os construtos propostos. Após essas alterações, foram calculados os coeficientes de consistência interna (α de Cronbach) para cada um dos sete fatores, com o objetivo de avaliar a precisão da versão final do instrumento. Assim, em relação à análise de confiabilidade dos fatores da escala, todos os construtos apresentaram níveis satisfatórios de consistência interna.

De acordo com Hair et al. (2019), em pesquisas exploratórias, valores de Alpha de Cronbach (α) e Ômega de McDonald (ω) a partir de 0,60 são considerados aceitáveis, sendo que valores acima de 0,70 indicam boa consistência e valores acima de 0,90, excelente confiabilidade. Nesse contexto, o fator Monitoramento apresentou $\alpha = 0,6075$ e $\omega = 0,6135$, indicando confiabilidade moderada, porém aceitável para estudos exploratórios. O fator **Disciplina** obteve $\alpha = 0,8390$ e $\omega = 0,8461$, demonstrando boa confiabilidade. O fator Afeto evidenciou excelente consistência interna, com $\alpha = 0,9238$ e $\omega = 0,9261$. O fator Apoio também apresentou boa confiabilidade, com $\alpha = 0,8130$ e $\omega = 0,8164$. Para o fator Tolerância, os índices foram $\alpha = 0,7129$ e $\omega = 0,7312$, considerados aceitáveis. O fator Confiança mostrou alta confiabilidade, com $\alpha = 0,8956$ e $\omega = 0,8976$. Por fim, o fator Envolvimento apresentou $\alpha = 0,8973$ e $\omega = 0,9008$, caracterizando excelente consistência interna. Esses resultados confirmam que os fatores avaliados apresentam consistência interna adequada, especialmente para fins de análise e interpretação dos dados para pesquisas de natureza exploratória. Adicionalmente, a Escala Brasileira de Práticas Parentais (EBRAPP) apresentou altos níveis

de consistência interna, com $\alpha = 0,9402$ e $\omega = 0,9475$, o que indica excelente confiabilidade global (Hair et al., 2019). Esses resultados corroboram a robustez psicométrica da medida como um todo, evidenciando sua adequação para a avaliação das práticas parentais no contexto brasileiro.

Tabela 14

Correlações entre os Fatores da EBRAPP e do IPSF e Valores do Ômega na Diagonal.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1.Monitoramento	0,61											
2.Disciplina	0,08	0,84										
3.Afeto	-0,06	0,65***	0,92									
4.Apoio	-0,22***	0,56***	0,63***	0,81								
5.Tolerância	-0,13**	0,31***	0,49***	0,43***	0,73							
6.Confiança	-0,28***	0,48***	0,61***	0,65***	0,51***	0,89						
7.Envolvimento	-0,18***	0,57***	0,71***	0,69***	0,49***	0,66***	0,90					
8.Práticas Parentais	-0,01	0,82***	0,87***	0,77***	0,61***	0,78***	0,85***	0,94				
9.Adaptação Familiar	-0,18***	0,39***	0,53***	0,41***	0,54***	0,46***	0,52***	0,57***	0,83			
10.Autonomia Familiar	-0,44***	0,13***	0,29***	0,38***	0,24***	0,51***	0,34***	0,32***	0,34***	0,81		
11.Afetivo Consistente	-0,12*	0,49***	0,71***	0,54***	0,43***	0,54***	0,62***	0,69***	0,66***	0,39***	0,84	
12.Suporte Familiar	-0,29***	0,43***	0,65***	0,56***	0,51***	0,62***	0,62***	0,67***	0,84***	0,69***	0,87***	0,89

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$. Coeficientes de correlação de Pearson (r) entre os fatores da Escala Brasileira de Práticas Parentais (EBRAPP) e os fatores da Escala de Suporte Familiar. Valores positivos indicam associações diretas, enquanto valores negativos indicam associações inversas. A magnitude das correlações foi interpretada com base nos critérios de Cohen (1988): fraca (0,10–0,29), moderada (0,30–0,49) e forte ($\geq 0,50$). $p < 0,05$.

Referente às correlações, como pôde ser visto na Tabela 14, observou-se que os fatores da EBRAPP apresentaram correlações com os fatores do IPSF-IJ, variando de fracas a fortes, conforme os critérios de Cohen (1988). As correlações fortes ($r \geq 0,50$) foram observadas entre os seguintes pares: afeto e afetivo-consistente ($r = 0,71$), afeto e suporte familiar ($r = 0,65$), apoio e suporte familiar ($r = 0,56$), confiança e autonomia familiar ($r = 0,51$), confiança e afetivo-consistente ($r = 0,54$), confiança e suporte familiar ($r = 0,62$), envolvimento e afetivo-consistente ($r = 0,62$), envolvimento e suporte familiar ($r = 0,62$); e o escore total da EBRAPP com afetivo-consistente ($r = 0,69$) e, EBRAPP e IPSF ($r = 0,67$).

As correlações moderadas ($0,30 - 0,49$) foram verificadas entre: disciplina e afetivo-consistente ($r = 0,49$), disciplina e suporte familiar ($r = 0,43$), afeto e adaptação familiar ($r = 0,53$), apoio e adaptação familiar ($r = 0,41$), apoio e autonomia familiar ($r = 0,38$), tolerância e adaptação familiar ($r = 0,54$), tolerância e autonomia familiar ($r = 0,24$), tolerância e afetivo-consistente ($r = 0,43$), tolerância e suporte familiar ($r = 0,51$), confiança e adaptação familiar ($r = 0,46$), envolvimento e autonomia familiar ($r = 0,34$), escore total da EBRAPP com adaptação familiar ($r = 0,57$), EBRAPP com autonomia familiar ($r = 0,32$), além de uma correlação moderada negativa entre monitoramento e autonomia familiar ($r = -0,44$).

Já as correlações fracas ($0,10 - 0,29$) incluíram: disciplina e autonomia familiar ($r = 0,13$), afeto e autonomia familiar ($r = 0,29$), monitoramento e adaptação familiar ($r = -0,18$), monitoramento afetivo-consistente ($r = -0,12$), monitoramento com o score total do IPSF ($r = -0,29$). Tais resultados evidenciam que práticas parentais mais positivas, especialmente aquelas relacionadas a afeto, apoio, confiança e envolvimento, tendem a se associar a maiores níveis de suporte familiar percebido pelos adolescentes.

A fim de investigar as relações preditivas entre os fatores da Escala Brasileira de Práticas Parentais (EBRAPP) e os escores do Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF), como pode ser visto na Tabela 15, foi conduzida uma análise de modelagem por

equações estruturais (path analysis), na qual os fatores da EBRAPP foram incluídos como variáveis preditoras, e os fatores do IPSF (afetivo-consistente, adaptação familiar e autonomia familiar) foram tratados como variáveis dependentes. A decisão sobre quais fatores entrariam na especificação do modelo foi orientada tanto por fundamentos teóricos quanto pela magnitude e significância dos resultados das correlações previamente observadas. Os índices de ajuste do modelo indicaram valores limítrofes, com CFI = 0,870 e TLI = 0,862, abaixo do critério de aceitabilidade sugerido por Hu e Bentler (1999), que recomendam valores $\geq 0,90$ para um ajuste adequado. Ainda assim, o modelo foi explorado com base nas cargas padronizadas e significância estatística dos caminhos estimados ($p < 0,05$).

Tabela 15

Resultados da Path Analysis (coeficientes padronizados e significância)

Variável dependente	Variável preditora	Beta padronizado (β)	Valor-p
Afetivo Consistente	Afeto	0,591	0,000
	Apoio	0,048	0,608
	Confiança	0,044	0,613
	Envolvimento	0,161	0,113
	Monitoramento	-0,089	0,163
Adaptação Familiar	Monitoramento	-0,089	0,148
	Disciplina	0,118	0,142
	Afeto	0,280	0,002
	Tolerância	0,435	0,000
Autonomia Familiar	Monitoramento	-0,408	0,000
	Apoio	0,149	0,209
	Disciplina	-0,137	0,170
	Confiança	0,359	0,002

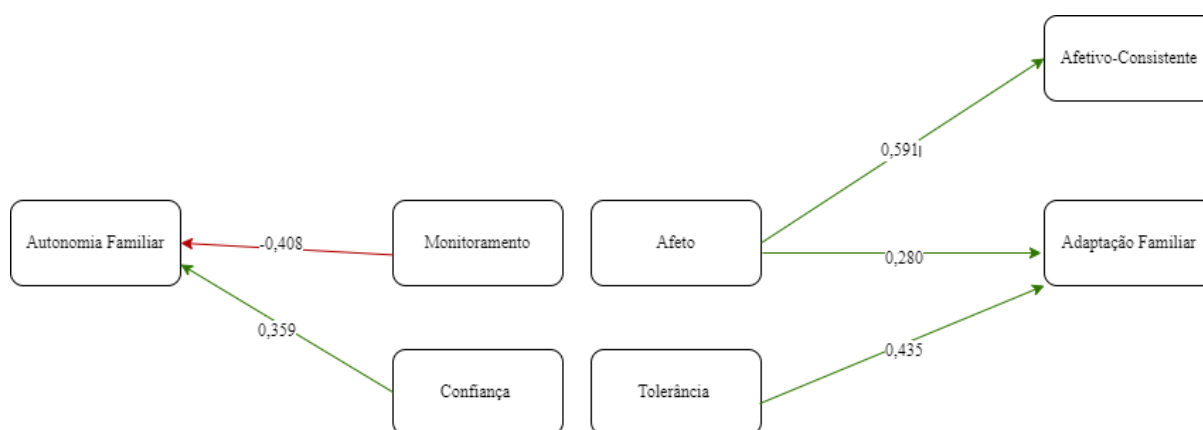
Com relação ao fator afetivo-consistente do IPSF, o único preditor significativo foi o fator afeto da EBRAPP ($\beta = 0,591$, $p < 0,001$), indicando um efeito direto positivo e de magnitude forte (Cohen, 1988) sobre a percepção de suporte familiar afetivo-consistente. Os demais fatores de práticas parentais – apoio ($\beta = 0,048$, $p = 0,608$), confiança ($\beta = 0,044$, $p = 0,613$), envolvimento ($\beta = 0,161$, $p = 0,113$) e monitoramento ($\beta = -0,089$, $p = 0,163$) – não apresentaram efeitos estatisticamente significativos ($p > 0,05$).

Para o fator adaptação familiar, os preditores afeto ($\beta = 0,280$, $p = 0,002$) e tolerância ($\beta = 0,435$, $p < 0,001$) mostraram efeitos diretos positivos e significativos. O efeito de afeto foi de magnitude moderada, e o de tolerância, limítrofe para forte (Cohen, 1988), sugerindo que práticas parentais mais afetivas e tolerantes estão associadas a uma maior percepção de adaptação no contexto familiar. Os demais fatores – monitoramento ($\beta = -0,089$, $p = 0,148$) e disciplina ($\beta = 0,118$, $p = 0,142$) – não apresentaram associações estatisticamente significativas.

No modelo com autonomia familiar como variável dependente, observou-se um efeito direto negativo e significativo do monitoramento ($\beta = -0,408$, $p < 0,001$), indicando um efeito de magnitude forte (Cohen, 1988) e sugerindo que níveis mais elevados de monitoramento parental estão associados a uma menor percepção de autonomia no ambiente familiar. Por outro lado, o fator confiança apresentou um efeito positivo significativo ($\beta = 0,359$, $p = 0,002$), de magnitude moderada, indicando que práticas parentais pautadas na confiança favorecem a percepção de autonomia por parte dos adolescentes. Os fatores apoio ($\beta = 0,149$, $p = 0,209$) e disciplina ($\beta = -0,137$, $p = 0,170$) não foram preditores significativos de autonomia familiar.

Figura 4

Modelo de Path Analysis com relações significativas ($p < 0,05$).



Nota. Modelo de path analysis representando os efeitos diretos dos fatores das práticas parentais sobre os fatores do suporte familiar. Apenas os caminhos estatisticamente significativos ($p < 0,05$) são apresentados. Os coeficientes padronizados (β) estão indicados nas setas.

Em conjunto, como pôde ser visto na Figura 8, os resultados da modelagem indicam que práticas parentais baseadas em afeto, tolerância e confiança desempenham papel relevante na percepção de suporte familiar. Em contrapartida, o monitoramento excessivo pode comprometer a percepção de autonomia no contexto familiar. Esses achados estão em consonância com a literatura que aponta a importância de estilos parentais equilibrados, baseados em afeto e promoção da independência, para o fortalecimento de relações familiares saudáveis.

Discussão

Este estudo teve como objetivo geral desenvolver a Escala Brasileira de Práticas Parentais (EBRAPP), construída para avaliar as práticas parentais percebidas por adolescentes brasileiros, bem como examinar suas propriedades psicométricas. Os objetivos específicos envolveram a elaboração de itens, a busca por evidências de validade baseada no conteúdo, na estrutura interna e na relação com variáveis externas (suporte familiar percebido), além da avaliação da confiabilidade da medida. Os resultados obtidos ao longo das análises confirmaram as hipóteses propostas, evidenciando a **qualidade psicométrica e a coerência teórica** da versão final do instrumento.

A caracterização da amostra revelou uma predominância de adolescentes do sexo feminino e matriculados nos anos finais do ensino médio. Esse perfil tem implicações relevantes para a interpretação dos dados: a maior participação feminina pode estar associada a uma maior abertura para refletir e relatar experiências afetivas e familiares, influenciando em fatores como Afeto e Envolvimento (Schavarem & Toni, 2019). Além disso, adolescentes em fases mais avançadas da escolarização geralmente se encontram em transição para a vida adulta, o que envolve maior valorização da autonomia, maior criticidade em relação aos pais e maior capacidade de autorreflexão, sendo assim, práticas parentais que promovem a autonomia

geralmente estão associadas a menos comportamentos externalizantes e maior autorregulação durante a adolescência (Vrolijk et al., 2020; Wang et al., 2023), pois esses aspectos do desenvolvimento impactam na forma como as práticas parentais são percebidas e avaliadas. A predominância da mãe como figura parental principal (75,7%) também é um dado relevante, pois reforça o papel central das mulheres no cuidado familiar no Brasil (Gomide et al., 2022). Essa configuração pode ter influenciado os adolescentes a basearem suas respostas predominantemente nas experiências com suas mães, afetando principalmente os fatores relacionados ao afeto, disciplina e suporte emocional.

Ao longo das rodadas de análise fatorial exploratória (AFE), foi possível observar uma trajetória de refinamento da estrutura interna da EBRAPP, com avanços entre o modelo inicial e a versão final. A estrutura original apresentou fragilidades psicométricas, como itens com baixa carga fatorial, elevada complexidade e comunalidades insuficientes, além de sobreposição conceitual entre fatores. Esses problemas indicavam que os itens, tal como formulados inicialmente, não estavam representando com clareza os construtos latentes definidos teoricamente. A exclusão progressiva de itens problemáticos e a realocação de outros resultaram em uma estrutura mais clara, com menor incidência de cargas cruzadas e maior consistência interna entre os fatores, um processo que é fundamental no desenvolvimento de escalas e cuja eficácia de diferentes estratégias de remoção de itens tem sido investigada na literatura (Guvendir & Ozkan, 2022).

A comparação entre os modelos com seis e sete fatores foi essencial para a consolidação do modelo final. Embora a solução com seis fatores tenha apresentado melhorias estatísticas pontuais, ela revelou fragilidades conceituais, como a fusão de fatores teoricamente distintos (por exemplo, Afeto e Envolvimento), comprometendo a interpretação dos construtos. A literatura atual sobre práticas parentais aponta que diferentes fatores devem ser analisadas de forma independente, pois representam comportamentos distintos que influenciam o

desenvolvimento de maneiras variadas (Gralewski & Jankowska, 2020; Lansford, 2022; McWhirter et al., 2023). A solução com sete fatores, além de apresentar melhor ajuste global e menor complexidade fatorial, preservou a integridade teórica desses domínios, garantindo maior especificidade e aplicabilidade prática.

A decisão final pela manutenção da estrutura com sete fatores foi, portanto, orientada não apenas por critérios estatísticos, mas também pela coerência com modelos teóricos contemporâneos sobre práticas parentais. Os fatores da EBRAPP refletem diferentes práticas documentados na literatura: práticas calorosas e responsivas sobre afeto e confiança; práticas coercitivas sobre punição, entre outras. Estudos recentes reforçam a importância de distinguir essas práticas parentais, pois cada uma delas está associada a diferentes desfechos no ajustamento emocional, social e acadêmico dos filhos (Gralewski & Jankowska, 2020; McWhirter et al., 2023; Pan et al., 2024). Essa correspondência teórica assegura que a EBRAPP mede práticas observáveis que podem impactar no desenvolvimento de adolescentes de forma significativa.

As análises de confiabilidade confirmaram que a EBRAPP possui consistência interna satisfatória, com coeficientes α e ω superiores a 0,70 em todos os fatores. Os fatores Afeto, Confiança e Envolvimento apresentaram índices particularmente elevados (acima de 0,89), indicando elevada coesão interna e baixa redundância entre itens. Isso significa que os itens de cada fator compartilham variação comum, representando de forma confiável os domínios latentes associados às práticas parentais (Hair et al., 2019; Field, 2018).

As evidências de validade com base na relação com variáveis externas foram obtidas por meio da correlação entre os fatores da EBRAPP e os do Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF-IJ). Os resultados indicaram correlações positivas entre práticas parentais afetuosas e responsivas e a percepção de suporte familiar, como nos casos de Afeto e Afetivo-Consistente ($r = 0,71$), Confiança e Autonomia Familiar ($r = 0,51$), e Envolvimento e Afetivo-

Consistente ($r = 0,62$). Essas associações são consistentes com a literatura, que destaca que práticas parentais calorosas promovem maior coesão, segurança emocional e percepção de apoio (Axpe et al., 2019; Souza et al., 2021; Gaspar et al., 2022). Além da direção das correlações, a magnitude dos coeficientes variou de moderada a forte, o que reforça a validade convergente da EBRAPP. Já as correlações negativas entre Monitoramento e Autonomia Familiar ($r = -0,44$), Adaptação Familiar ($r = -0,18$) e Afetivo-Consistente ($r = -0,12$) indicam que práticas de controle excessivo podem ser percebidas como intrusivas, limitando a autonomia dos adolescentes e prejudicando a qualidade das relações familiares, achado coerente com estudos sobre os efeitos negativos da supervisão rígida na adolescência (Schapuis & Guisantes, 2022; Wu et al., 2023).

Cabe destacar que essas correlações fornecem evidência convergente de validade, ao mostrar que os construtos medidos pela EBRAPP se relacionam com variáveis externas de maneira teoricamente esperada. No entanto, os dados não permitem concluir diretamente sobre desfechos como bem-estar psicológico ou dificuldades emocionais, uma vez que essas variáveis não foram mensuradas neste estudo. Portanto, afirmações como “práticas positivas estão associadas a maior bem-estar” devem ser entendidas como infêrencias teóricas apoiadas pela literatura, e não como achados empíricos diretos desta pesquisa (An et al., 2024).

A modelagem por equações estruturais reforçou as evidências de validade da EBRAPP ao demonstrar que fatores como Afeto, Confiança e Tolerância predizem positivamente dimensões de suporte familiar, como Afetivo-Consistente e Autonomia. Esses resultados indicam que práticas parentais sensíveis, como escuta ativa, respeito à individualidade e suporte emocional, contribuem para ambientes familiares mais favoráveis ao desenvolvimento da autonomia e da autorregulação dos filhos (An et al., 2024; Pan et al., 2024). Por outro lado, o efeito negativo de Monitoramento sobre a autonomia destaca os limites do controle parental excessivo, reafirmando a importância de práticas que conciliam exigência com abertura ao

diálogo, responsividade emocional e incentivo à independência, características associadas a melhores desfechos no desenvolvimento socioemocional e comportamental dos filhos (Liu et al., 2024; McWhirter et al., 2023).

Neste cenário, a EBRAPP demonstrou ser uma medida válida, confiável e teoricamente fundamentada para avaliar práticas parentais percebidas por adolescentes. Sua estrutura e sua sensibilidade ao contexto cultural brasileiro conferem à escala potencial de uso em contextos de pesquisa, diagnóstico e intervenção. Ao diferenciar práticas que promovem vínculo e desenvolvimento de práticas que podem comprometer o ajustamento do adolescente, a EBRAPP se consolida como um instrumento promissor para ampliar a compreensão das dinâmicas familiares na adolescência (Lansford, 2022).

Considerações Finais

A presente pesquisa teve como objetivo principal a construção e validação da Escala Brasileira de Práticas Parentais (EBRAPP), com foco na avaliação dessas práticas a partir da perspectiva dos filhos adolescentes. Os dois estudos que compuseram a investigação permitiram atingir os objetivos propostos e confirmaram todas as hipóteses delineadas, reforçando a importância das práticas parentais no desenvolvimento emocional, cognitivo e relacional dos adolescentes.

A EBRAPP apresentou evidências psicométricas satisfatórias em todos os critérios avaliados, demonstrando-se uma medida válida e confiável para mensurar múltiplas dimensões das práticas parentais. A estrutura final, composta por sete fatores e 45 itens, evidenciou boa organização interna, coerência conceitual e excelentes índices de ajuste, confirmando a consistência do modelo teórico proposto e consolidando o instrumento como uma ferramenta promissora para uso em contextos clínicos, educacionais e de pesquisa.

Contudo, a pesquisa enfrentou limitações importantes. A principal delas foi a baixa adesão e engajamento dos adolescentes durante o processo de coleta de dados. Muitos participantes demonstraram resistência em compreender os objetivos da pesquisa e em colaborar com atenção e interesse, o que impactou o tamanho e a qualidade da amostra. Embora tenha havido colaboração por parte das escolas, a participação dos professores foi limitada, dificultando a mediação da entrega dos termos de consentimento, a motivação dos alunos e a disponibilização de tempo em sala para a aplicação dos instrumentos.

Adicionalmente, em relação ao contexto familiar, o dado de que a maioria dos participantes reside com ambos os pais aponta para um modelo familiar tradicional ainda predominante, o que pode ter implicações nas rotinas, redes de apoio e no acompanhamento da trajetória escolar e emocional dos adolescentes. Contudo, a presença de configurações alternativas — como residências uniparentais maternas e, em menor grau, paternas ou com outros familiares — evidenciou a diversidade de estruturas familiares existentes e reforçou a importância de considerar essa pluralidade nas análises e nas intervenções voltadas para esse público. Além dos mais, a escolaridade do provedor principal, concentrada no ensino médio completo, seguida por níveis de graduação e pós-graduação, sugeriu um perfil de famílias com acesso relativamente amplo à educação formal e isso pode estar relacionado com práticas parentais educativas e expectativas escolares transmitidos aos adolescentes.

No que se refere à renda familiar mensal, a distribuição evidenciou uma diversidade socioeconômica moderada, com maior concentração nas faixas intermediárias. A presença de famílias em situação de vulnerabilidade econômica, embora minoritária, indicou a necessidade de considerar a influência de fatores socioeconômicos sobre o desenvolvimento e bem-estar desses adolescentes. Por outro lado, a existência de participantes em faixas de renda mais elevadas contribuiu para a heterogeneidade da amostra, permitindo uma análise mais ampla dos possíveis impactos da condição socioeconômica.

Acerca disso, aspectos contextuais na estrutura familiar, nível socioeconômico e escolaridade dos cuidadores também se mostraram relevantes na compreensão da dinâmica parental. Muitos adolescentes demonstraram dificuldade em compreender o termo "provedor", o que pode ter comprometido a precisão de suas respostas quanto à renda familiar e à percepção do papel econômico dos pais. Essa limitação levantou a necessidade de adaptar a linguagem dos instrumentos para garantir uma melhor compreensão por parte do público-alvo, sobretudo em temas com pouca discussão familiar.

Apesar dessas limitações, os resultados obtidos são significativos e reforçam a utilidade da EBRAPP como instrumento de avaliação das práticas parentais. No entanto, sugere-se que pesquisas futuras se concentrem em ampliar o tamanho e a diversidade da amostra, possibilitando análises mais robustas, como a análise fatorial confirmatória, especialmente importante para consolidar a estrutura teórica da escala. Além disso, seria recomendável refinar os fatores que apresentaram índices psicométricos menores, com vistas a melhorar a estabilidade e a precisão da medida.

Outros projetos de pesquisa poderão ainda investigar a EBRAPP em diferentes contextos socioculturais, explorar sua aplicação longitudinal, ou mesmo adaptá-la para outras faixas etárias e públicos específicos. Tais avanços contribuirão não apenas para o aprimoramento do instrumento, mas também para uma compreensão mais aprofundada das influências parentais no desenvolvimento de crianças e adolescentes brasileiros.

Referências

- Abidin, R. R. (1995). *Parenting Stress Index* (3rd ed.). Psychological Assessment Resources.
- Akram, S. & Jalolovich, R. J. (2024). *The Influence of Family Relations on Children's Social Perception*. Академические исследования в современной науке, 3(5), 52–62.
<https://www.econferences.ru/index.php/arims/article/view/12377>
- Abelman, R. (1986). Children's Awareness of Television's Prosocial Fare: Parental Discipline as an Antecedent. *Journal of Family Issues*, 7(1), 51-66.
- Altafim, E R. P., Schiavo, R.A., & Rodrigues, O. M. P. R. (2008). *Práticas parentais de mães adolescentes: um estudo exploratório*. Temas sobre Desenvolvimento, 16(93), 104-110.
- American Educational Research Association, American Psychological Association, & National Council on Measurement in Education. (2014). *Standards for educational and psychological testing*. American Educational Research Association.
- American Psychological Association. (2018, April 19). Affection. In *APA Dictionary of Psychology*. Recuperado em 22 de janeiro de 2024, <https://dictionary.apa.org/affection>
- American Psychological Association. (2018, April 19). Discipline. In *APA Dictionary of Psychology*. Recuperado em 22 de janeiro de 2024, <https://dictionary.apa.org/discipline>
- American Psychological Association. (2018, April 19). Family. In *APA Dictionary of Psychology*. <https://dictionary.apa.org/family>
- American Psychological Association. (2023, November 15). Parenting. *APA Dictionary of Psychology*. Recuperado em 22 de janeiro de 2024, <https://dictionary.apa.org/parenting>
- American Psychological Association. (2018, April 19). Tolerance. *APA Dictionary of Psychology*. Recuperado em 22 de janeiro de 2024, <https://dictionary.apa.org/tolerance>
- American Psychological Association. (2018, April 19). Trust. *APA Dictionary of Psychology*. Recuperado em 22 de janeiro de 2024, <https://dictionary.apa.org/trust>

- An, S., Shi, X., Hu, Z., Yu, B., He, C., & Luo, J. (2024). A serial mediating effect of perceived family support on psychological well-being. *BMC Public Health*, 24(1), 940. <https://doi.org/10.1186/s12889-024-18476-z>
- Andreia, M., & Lameiras, P. (2022). *Carta de Conjuntura*. https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/220315_nota_23_inflacao_faixa_renda.pdf
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The inventory of parent and peer attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(5), 427–454. <https://doi.org/10.1007/bf02202939>
- Arnold, D. S., O’Leary, S. G., Wolff, L. S., & Acker, M. M. (1993). The Parenting Scale: A measure of dysfunctional parenting in discipline situations. *Psychological Assessment*, 5(2), 137–144. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.5.2.137>
- August, G. J., Realmuto, G. M., Crosby, R. D., & MacDonald, A. W. (1995). Community-based multiple-gate screening of children at risk for conduct disorder. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 23(4), 521–544. <https://doi.org/10.1007/bf01447212>
- Axpe, I., Rodríguez-Fernández, A., Goñi, E., & Antonio-Agirre, I. (2019). Parental Socialization Styles: The Contribution of Paternal and Maternal Affect/Communication and Strictness to Family Socialization Style. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(12), 2204. <https://doi.org/10.3390/ijerph16122204>
- Babu, N., Fatima, M., & Arora, M. (2024). The dynamic nature of parenting practices: a qualitative enquiry of parenting adolescents during COVID-19. *Frontiers in Psychology*, 15. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2024.1309786>
- Baptista, M. N., Oliveira, K. L. de, Inácio, A. L. M., Burgos, M. das N., & Peixoto, E. M. (2020). Versão Infantojuvenil do Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF-

- IJ). *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 19(4), 441–450. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7987345>
- Barber, B. K., & Thomas, D. L. (1986). Dimensions of Fathers' and Mothers' Supportive Behavior: The Case for Physical Affection. *Journal of Marriage and the Family*, 48(4), 783. <https://doi.org/10.2307/352571>
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*, 37(4), 887–907. <https://doi.org/10.2307/1126611>
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75(1), 43-88.
- Baumrind, D. (1972). An Exploratory Study of Socialization Effects on Black Children: Some Black-White Comparisons. *Child Development*, 43(1), 261. <https://doi.org/10.2307/1127891>
- Baumrind, D. (1989). Rearing competent children. In W. Damon (Ed.), *Child development today and tomorrow* (pp. 349–378). Jossey-Bass/Wiley.
- Baumrind, D. (2005). Patterns of parental authority and adolescent autonomy. In J. Smetana (Ed.), *Changing boundaries of parental authority during adolescence* (pp. 61–69). Jossey-Bass/Wiley.
- Benetti, S. P. da C., & Balbinotti, M. A. A. (2003). Elaboração e estudo de propriedades psicométricas do Inventário de Práticas Parentais. *Psico-USF*, 8(2), 103–113. <https://doi.org/10.1590/s1413-82712003000200002>
- Benites, M. R., Cauduro, G. N., Vaz, L. V., Borges, E. P. K., Selau, T., & Yates, D. B. (2021). Orientação a Práticas Parentais: Descrição de um Programa de Intervenção Individual Breve. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41(3), 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003192813>

- Bi, C., Liu, C., Yang, S., Lin, T., & Jin, S. (2021). Perceived social support from different sources and adolescent life satisfaction across 42 countries/regions: The moderating role of national-level generalized trust. *Journal of Youth and Adolescence*, 50(7), 1384-1409. <https://doi.org/10.1007/s10964-021-01441-z>
- Block, J. H. (1965). *Child-Rearing Practices Report* [Database record]. APA PsycTests. <https://doi.org/10.1037/t00815-000>
- Bloom, B. L. (1985). A factor analysis of self-report measures of family functioning. *Family Process*, 24(2), 225–239. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1985.00225.x>
- Buri, J. R. (1991). Parental Authority Questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 57(1), 110–119. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa5701_13
- Carone, N., & Lingiardi, V. (2022). Untangling caregiving role from parent gender in coparenting research: Insights from gay two-father families. *Frontiers in Psychology*, 13, 863050. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.863050>
- Carvalho, O., Lobo, C. C., Menezes, J., & Oliveira, B. (2019). O valor das práticas de educação parental: visão dos profissionais. *Ensaio: Avaliação E Políticas Públicas Em Educação*, 27(104), 654–684. <https://doi.org/10.1590/s0104-40362019002701653>
- Cassoni, C. (2013). *Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. doi:10.11606/D.59.2013.tde-14122013-105111. Recuperado em 2025-02-05, de www.teses.usp.br
- Castillo Yara, E. (2023). *Evolution of the concept of family since the 1991 Constitution*. *Revista Via Iuris*, Fundación Universitaria Los Libertadores. <https://repository.libertadores.edu.co/items/07e1d391-15a3-458c-8529-cd5586fe57b6>

- Castro, M., Expósito-Casas, E., López-Martín, E., Lizasoain, L., Navarro-Asencio, E., & Gaviria, J. L. (2015). Parental involvement on student academic achievement: A meta-analysis. *Educational Research Review*, 14, 33–46. <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2015.01.002>
- Chentsova Dutton, Y. E., Choi, I.-J., & Choi, E. (2020). Perceived Parental Support and Adolescents' Positive Self-Beliefs and Levels of Distress Across Four Countries. *Frontiers in Psychology*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00353>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences (2nd ed.)*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Coltro, B. P., Paraventi, L., & Vieira, M. L. (2020). Relações entre parentalidade e apoio social: Revisão integrativa de literatura. *Contextos Clínicos*, 13(1), 244-269. <https://doi.org/10.4013/ctc.2020.131.12>
- Cooper, J. B. (1966). Two Scales for Parent Evaluation. *The Journal of Genetic Psychology*, 108(1), 49–53. <https://doi.org/10.1080/00221325.1966.9914428>
- Costa, F. T. da, Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 13(3), 465–473. <https://doi.org/10.1590/s0102-797220000000300014>
- Covell, K., Grusec, J. E., & King, G. (1995). The intergenerational transmission of maternal discipline and standards for behavior. *Social Development*, 4(1), 32–43. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.1995.tb00049.x>
- Crase, S. J., Clark, S., & Pease, D. (1980). Assessment of Child-Rearing Behaviors of Midwestern Rural Parents. *Home Economics Research Journal*, 9(2), 163–172. <https://doi.org/10.1177/1077727x8000900209>
- Culp, R. E., McDonald Culp, A., Dengler, B., & Maisano, P. C. (1999). First-time young mothers living in rural communities use corporal punishment with their toddlers.

- Journal of Community Psychology*, 27(4), 503–509. <https://doi.org/3.0.co;2-m>>10.1002/(sici)1520-6629(199907)27:4<503::aid-jcop10>3.0.co;2-m
- Daniels, D., & Plomin, R. (1985). Differential experience of siblings in the same family. *Developmental Psychology*, 21(5), 747–760. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.21.5.747>
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487–496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>
- Devereux, E. C., Bronfenbrenner, U., & Rodgers, R. R. (1969). Child-Rearing in England and the United States: A Cross-National Comparison. *Journal of Marriage and the Family*, 31(2), 257. <https://doi.org/10.2307/349942>
- Dibble, E. (1974). Companion Instruments for Measuring Children's Competence and Parental Style. *Archives of General Psychiatry*, 30(6), 805. <https://doi.org/10.1001/archpsyc.1974.01760120061010>
- Dix, T., Ruble, D. N., & Zambarano, R. J. (1989). Mothers' Implicit Theories of Discipline: Child Effects, Parent Effects, and the Attribution Process. *Child Development*, 60(6), 1373. <https://doi.org/10.2307/1130928>
- Dubow, E. F., & Ullman, D. G. (1989). Assessing Social Support in Elementary School Children: The Survey of Children's Social Support. *Journal of Clinical Child Psychology*, 18(1), 52–64. https://doi.org/10.1207/s15374424jccp1801_7
- Edgmon, K. J., Goddard, H. W., Solheim, C. S., & White, M. B. (1996). Development of the Parent Self-Evaluation Instrument. *Psychological Reports*, 79(2), 643–646. <https://doi.org/10.2466/pr0.1996.79.2.643>
- Epstein, J. L.; McPartland, J. H. (1977). *Family and School Interactions and Main Effects on Affective Outcomes*. National Inst. of Education (DREW), Office of Child Development (DREW), Washington, D.C.

- Fabes, R. A., Fultz, J., Eisenberg, N., May-Plumlee, T., & et al. (1989). Effects of rewards on children's prosocial motivation: A socialization study. *Developmental Psychology*, 25(4), 509–515. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.25.4.509>
- Feldman, J. S., Dolcini-Catania, L. G., Wang, Y., Shaw, D. S., Nordahl, K. B., & Nærde, A. (2023). Compensatory effects of maternal and paternal supportive parenting in early childhood on children's school-age adjustment. *Developmental Psychology*, 59(6), 1074–1086. <https://doi.org/10.1037/dev0001523>
- Field, A. (2018). *Discovering Statistics Using IBM SPSS Statistics (5th ed.)*. SAGE Publications.
- Fine, M. A., Moreland, J. R., & Schwebel, A. I. (1983). Long-term effects of divorce on parent-child relationships. *Developmental Psychology*, 19(5), 703–713. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.19.5.703>
- Gaspar, T., Cerqueira, A., Guedes, F. B., & de Matos, M. G. (2022). Parental emotional support, family functioning and children's quality of life. *Psychological Studies*, 67(2), 189-199. <https://doi.org/10.1007/s12646-022-00652-z>
- Gerard, A. B. (1994). Parent-child relationship inventory (PCRI): Manual.
- Gomide, P. I. C. (2006). Inventário de estilos parentais: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação. Vozes.
- Gomide, P. I. C., & Traple, R. X. da S. (2022). Instrumentos nacionais de práticas parentais: Uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia Argumento*, 40(109). <https://doi.org/10.7213/psicolargum40.109.AO06>
- Gorostiaga, A., Aliri, J., Balluerka, N., & Lameirinhas, J. (2019). Parenting Styles and Internalizing Symptoms in Adolescence: A Systematic Literature Review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(17), 3192. <https://doi.org/10.3390/ijerph16173192>

- Gralewski, J., & Jankowska, D. M. (2020). Do parenting styles matter? Perceived dimensions of parenting styles, creative abilities and creative self-beliefs in adolescents. *Thinking Skills and Creativity*, 38, 100709. <https://doi.org/10.1016/j.tsc.2020.100709>
- Gürbüztürk, O., & Şad, S. N. (2010). Turkish parental involvement scale: validity and reliability studies. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 2(2), 487–491. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2010.03.049>
- Guvendir, M. A., & Ozkan, Y. O. (2022). Item removal strategies conducted in exploratory factor analysis: A comparative study. *International Journal of Assessment Tools in Education*, 9(1), 165–180. <https://doi.org/10.21449/ijate.827950>
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2019). *Multivariate Data Analysis* (8th ed.). Cengage.
- Harter, S. (1985). Manual for the social support scale for children. *University of Denver*.
- Hazzard, A., Christensen, A., & Margolin, G. (1983). Children's perceptions of parental behaviors. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 11(1), 49–59. <https://doi.org/10.1007/bf00912177>
- Heilbrun, A. B. (1964). Parental Model Attributes, Nurturant Reinforcement, and Consistency of Behavior in Adolescents. *Child Development*, 35(1), 151. <https://doi.org/10.2307/1126580>
- Hernández-Guzmán, Montesinos, M. G., Bermúdez-Ornelas, G., Freyre, M.-Á. & Alcázar-Olán, R. j.. (2013). Parental Practices Scale for Children. *Revista Colombiana de Psicología*, 22(1).
- Hernández-Nieto, R. A. (2002). Contribuciones al análisis estadístico. Mérida, Venezuela: *Universidad de Los Andes/IESINFO*.

- Hetherington, E. M. (1992). I. Coping With Marital Transitions: A Family Systems Perspective. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 57(2-3), 1–14. <https://doi.org/10.1111/j.1540-5834.1992.tb00300.x>
- Huang, C.-Y., Hsieh, Y.-P., Shen, A. C.-T., Wei, H.-S., Feng, J.-Y., Hwa, H.-L., & Feng, J. Y. (2019). Relationships between parent-reported parenting, child-perceived parenting, and children's mental health in Taiwanese children. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(6), 1049. <https://doi.org/10.3390/ijerph16061049>
- Huang, Y. (2021). The Association Between Parental Attachment And The Parenting: A Review And Preliminary Meta-Analysis. *Psychological Thought*, 14(2), 339–362. <https://doi.org/10.37708/psyct.v14i2.596>
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 6(1), 1–55. <https://doi.org/10.1080/10705519909540118>
- Javam, L. (2021). *The Role of Self-Regulation & Interpersonal Emotion Regulation in Explaining the Link Between Parental Childhood Maltreatment History with Parenting & Coparenting Outcomes* (Doctoral dissertation, University of Toronto (Canada)).
- Kahraman, H., Yilmaz Irmak, T., & Basokcu, T. O. (2017). Parenting Practices Scale: Its Validity and Reliability for Parents of School-Aged Children. *Educational Sciences: Theory and Practice*, 17(3), 745-769.
- Koeske, G. R. (1998). Suppression in the study of parenting and adolescent symptoms: Statistical nuisance and nonsense, or scientific explanation?. *Journal of Social Service Research*, 24(1-2), 111-130.
- Kotchick, B. A., Forehand, R., Brody, G., Armistead, L., Simon, P., Morse, E., & Clark, L. (1997). The impact of maternal HIV infection on parenting in inner-city African

- American families. *Journal of Family Psychology*, 11(4), 447–461.
<https://doi.org/10.1037/0893-3200.11.4.447>
- Kurdek, L. A., Fine, M. A., & Sinclair, R. J. (1995). School Adjustment in Sixth Graders: Parenting Transitions, Family Climate, and Peer Norm Effects. *Child Development*, 66(2), 430. <https://doi.org/10.2307/1131588>
- Lago, V. D. M., Amaral, C. E. dos S., Bosa, C. A., & Bandeira, D. R. (2010). Instrumentos que avaliam a relação entre pais e filhos. *Journal of Human Growth and Development*, 20(2), 330. <https://doi.org/10.7322/jhgd.19970>
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of Competence and Adjustment among Adolescents from Authoritative, Authoritarian, Indulgent, and Neglectful Families. *Child Development*, 62(5), 1049. <https://doi.org/10.2307/1131151>
- Lanjekar, P. D., Joshi, S. H., Lanjekar, P. D., & Wagh, V. (2022, outubro 22). *The effect of parenting and the parent-child relationship on a child's cognitive development: A literature review*. *Cureus*, 14(10), e30574. <https://doi.org/10.7759/cureus.30574>
- Lansford, J. E. (2022). Annual Research Review: Cross-cultural similarities and differences in parenting. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 63(4), 466–479. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13539>
- Larzelere, R. E., Schneider, W. N., Larson, D. B., & Pike, P. L. (1996). The Effects of Discipline Responses in Delaying Toddler Misbehavior Recurrences. *Child & Family Behavior Therapy*, 18(3), 35–57. https://doi.org/10.1300/j019v18n03_03
- Laursen, B., K. Andersen, T. H., & Østergaard, M. (2018). Family support and adolescent well-being: A cross-cultural perspective. *Journal of Adolescence*, 65, 67–78. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2018.04.004>

- Lempers, J. D., ClarkLempers, D., & Simons, R. L. (1989). Economic Hardship, Parenting, and Distress in Adolescence. *Child Development*, 60(1), 25–39. <https://doi.org/10.2307/1131068>
- Liu, B., Gai, X., Wang, G., Wang, S., & Li, D. (2024). Parenting styles and adolescents' school engagement: The mediating role of future orientation. *Children and Youth Services Review*, 163, 107732. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2024.107732>
- Locke, L. M., & Prinz, R. J. (2002). Measurement of parental discipline and nurturance. *Clinical Psychology Review*, 22(6), 895–929. [https://doi.org/10.1016/s0272-7358\(02\)00133-2](https://doi.org/10.1016/s0272-7358(02)00133-2)
- Macarini, S. M., Martins, G. D. F., Maria de Fátima, J. M., & Vieira, M. L. (2010). Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 62(1), 119-134.
- McCabe, K. M., & Clark, R. (1999). Family protective factors among urban African American youth. *Journal of Clinical Child Psychology*, 28(2), 137–150. https://doi.org/10.1207/s15374424jccp2802_2
- MacCallum, R. C., Widaman, K. F., Zhang, S., & Hong, S. (1999). Sample size in factor analysis. *Psychological Methods*, 4(1), 84–99. <https://doi.org/10.1037/1082-989X.4.1.84>
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parentchild interaction. Em E.M. Hetherington (Org.), *Handbook of child psychology*, v. 4. Socialization, personality, and social development (4^a ed., pp. 1-101). New York: Wiley
- McRae, E., Stoppelbein, L., O'Kelley, S., Fite, P., & Smith, S. (2020). Comorbid internalizing and externalizing symptoms among children with ADHD: The influence of parental distress, parenting practices, and child routines. *Child Psychiatry and Human Development*, 51(5), 813–826. <https://doi.org/10.1007/s10578-020-01019-z>

- McWhirter, A. C., McIntyre, L. L., Kosty, D. B., & Stormshak, E. (2023). Parenting styles, family characteristics, and teacher-reported behavioral outcomes in kindergarten. *Journal of Child and Family Studies*, 32(2), 678–690. <https://doi.org/10.1007/s10826-023-02551-x>
- Malecki, C. K., & Demaray, M. K. (2002). Measuring perceived social support: Development of the child and adolescent social support scale. *Psychology in the Schools*, 39(1), 1-18.
- Martinelli, S. de C., Agüena-Matsuoka, E. C., & Fernandes, D. C. (2017). Estudo Fatorial de um Inventário de Práticas e Crenças Parentais. *Psico-USF*, 22(2), 249–260. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220205>
- Martínez, I.; García, J. F.; Camino, L.; & Camino, C. P. d. S. (2011). Socialização parental: adaptação ao Brasil da escala ESPA29 [Parental socialization: Brazilian adaptation of the ESPA29 scale]. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4), 640-647.
- Martins, G. D. F.; Macarini, S. M.; Vieira, M. L.; Seidl-de-Moura, M. L.; Bussab, V. S. R.; & Cruz, R. M. (2010). Construção e validação da Escala de Crenças Parentais e Práticas de Cuidado (E-CPPC) na primeira infância. *Psico-USF*, 15(1), 23-34.
- Martins, R. P., Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., Manfroí, E. C., Vieira, M. L., & Rubin, K. H. (2017). Práticas parentais: associações com desempenho escolar e habilidades sociais. *Psicologia Argumento*, 32(78). <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.32.078.ao04>
- Mundfrom, D. J., Shaw, D. G., & Ke, T. L. (2005). Minimum sample size recommendations for conducting factor analyses. *International Journal of Testing*, 5(2), 159–168.
- Musngi, R. A., Valdellon, A., & Alagon, A. (2023). Examining the influence of parenting practices on child psychopathology: A systematic review. *Psychology and Education: A Multidisciplinary Journal*, 14(2). <https://doi.org/10.5281/zenodo.8403049>

- Neumann, D. M. C., & Missel, R. J. (2019). Família digital: A influência da tecnologia nas relações entre pais e filhos adolescentes. *Pensando Família*, 23(2), 75-91.
<https://doi.org/10.5935/1679-494X.20190007>
- Okorn, A., Verhoeven, M., & Van Baar, A. (2022). The importance of mothers' and fathers' positive parenting for toddlers' and preschoolers' social-emotional adjustment. *Parenting, Science and Practice*, 22(2), 128–151.
<https://doi.org/10.1080/15295192.2021.1908090>
- Pan, B., Wang, Y., Xu, P., Gong, Y., Zhao, C., Miao, J., & Li, Y. (2024). *The complex longitudinal influence of paternal and maternal parental psychological flexibility on child problem behavior: Exploring the role of parenting styles*. *BMC Psychology*, 12, 793. <https://doi.org/10.1186/s40359-024-02291-7>
- Parker, G., Tupling, H., & Brown, L. B. (1979). A Parental Bonding Instrument. *British Journal of Medical Psychology*, 52(1), 1–10.
- Pasquali, L., Araújo, J. M. de A. (1986). Questionário de percepção dos pais - Q.P.P. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2(1), 56-72.
- Pasquali, L. (1999). Instrumentos psicológicos: Manual prático de elaboração. Brasília: LabPAM; IBAPP.
- Pasquali, L. (2009). *Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas*. Artmed Editora.
- Peterson, R. A. (2000). A meta-analysis of variance accounted for and factor loadings in exploratory factor analysis. *Marketing Letters*, 11(3), 261-275.
- Pomerantz, E. M., & Ruble, D. N. (1998). The Role of Maternal Control in the Development of Sex Differences in Child Self-Evaluative Factors. *Child Development*, 69(2), 458.
<https://doi.org/10.2307/1132178>
- Power, T. G., Sleddens, E. F. C., Berge, J., Connell, L., Govig, B., Hennessy, E., Liggett, L., Mallan, K., Santa Maria, D., Odoms-Young, A., & St. George, S. M. (2013, agosto).

- Contemporary research on parenting: Conceptual, methodological, and translational issues. Child Obesity*, 9(Suppl. 1), S87–S94. <https://doi.org/10.1089/chi.2013.0038>
- Primi, R., & Nunes, C. H. S. S. (2022). Construção e validação de instrumentos de medida em Psicologia. In S. H. Koller, C. S. Hutz, & L. C. M. Bandeira (Orgs.), *Psicologia científica no Brasil: Pesquisa e ensino* (pp. 209–240). Artmed.
- Procidano, M. E., & Heller, K. (1983). Measures of perceived social support from friends and from family: Three validation studies. *American Journal of Community Psychology*, 11(1), 1–24. <https://doi.org/10.1007/bf00898416>
- Raupp, C. S., Marin, A. H., & Mosmann, C. P. (2021). Relacionamento familiar e práticas parentais percebidas por adolescentes do sexo feminino com comportamentos autolesivos. *Psychologica*, 64(1), 29-48. https://doi.org/10.14195/1647-8606_64-1_2
- Reparaz, C., Rivas, S., Osorio, A., & Garcia-Zavala, G. (2021). A Parental Competence Scale: Dimensions and Their Association With Adolescent Outcomes. *Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.652884>
- Ridao, P., López-Verdugo, I., & Reina-Flores, C. (2021). Parental beliefs about childhood and adolescence from a longitudinal perspective. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(4), 1760. <https://doi.org/10.3390/ijerph18041760>
- Ryspayeva, D., Akhmetova, G., Borgul, N., & Iskakova, G. (2024). Mechanisms of concept verbalization in the ethnolinguistic context. *Journal of Psycholinguistic Research*, 53(4), Article 47. <https://doi.org/10.1007/s10936-024-10089-2>
- Vrolijk, P., Van Lissa, C. J., Branje, S. J. T., Meeus, W. H. J., & Keizer, R. (2020). Longitudinal linkages between father and mother autonomy support and adolescent problem behaviors: Between-family differences and within-family effects. *Journal of Youth and Adolescence*, 49(11), 2372–2387. <https://doi.org/10.1007/s10964-020-01309-8>

- Wang, Y., Chen, X., Wang, A., Jordan, L. P., & Lu, S. (2024). Research review: Grandparental care and child mental health – A systematic review and meta-analysis. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13943>
- Wang, J., Kaufman, T., Mastrotheodoros, S., & Branje, S. (2023). The longitudinal associations between parental autonomy support, autonomy and peer resistance. *Journal of Youth and Adolescence*, 52(12), 2391–2404. <https://doi.org/10.1007/s10964-023-01915-2>
- William Revelle (2025). *psych: Procedures for Psychological, Psychometric, and Personality Research*. Northwestern University, Evanston, Illinois. R package version 2.5.3, <https://CRAN.R-project.org/package=psych>.
- Robinson, C. C., Mandleco, B., Olsen, S. F., & Hart, C. H. (1995). Authoritative, Authoritarian, and Permissive Parenting Practices: Development of a New Measure. *Psychological Reports*, 77(3), 819–830. <https://doi.org/10.2466/pr0.1995.77.3.819>
- Rohner, R. P., Kean, K. J., & Cournoyer, D. E. (1991). Effects of Corporal Punishment, Perceived Caretaker Warmth, and Cultural Beliefs on the Psychological Adjustment of Children in St. Kitts, West Indies. *Journal of Marriage and the Family*, 53(3), 681. <https://doi.org/10.2307/352743>
- Rohner, R. P., & Khaleque, A. (2005). Parental acceptance-rejection questionnaire (PARQ): Test manual. *Handbook for the study of parental acceptance and rejection*, 4, 43-106.
- Rudolph, K. D., Hammen, C., & Burge, D. (1995). Cognitive Representations of Self, Family, and Peers in School-Age Children: Links with Social Competence and Sociometric Status. *Child Development*, 66(5), 1385. <https://doi.org/10.2307/1131653>
- Salvador, A. P. V., & Weber, L. N. D. (2005). Práticas educativas parentais: um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. *Interação em Psicologia*, 9(2). <https://doi.org/10.5380/psi.v9i2.4782>

- Schaefer, E. S. (1965). A configurational analysis of children's reports of parent behavior. *Journal of Consulting Psychology*, 29(6), 552–557. <https://doi.org/10.1037/h0022702>
- Schapuis, S. L. & Guisantes, C. (2022). Práticas educativas parentais como preditoras de capacidades e dificuldades na infância. *PsicoFAE/Revista PsicoFAE*, 11(2), 81–93. <https://doi.org/10.55388/psicofae.v11n2.393>
- Schavarem, L. do N., & Toni, C. G. de S. (2019). A relação entre as práticas educativas parentais e a autoestima da criança. *Pensando Famílias*, 23(2), 147–161. <https://doi.org/10.5935/1679-494X.20190018>
- Shelton, K. K., Frick, P. J., & Wootton, J. (1996). Assessment of parenting practices in families of elementary school-age children. *Journal of Clinical Child Psychology*, 25(3), 317–329. https://doi.org/10.1207/s15374424jccp2503_8
- Silva, T. (Ed.). (2023). *Parenting in Modern Societies*. IntechOpen. doi: 10.5772/intechopen.104241
- Simons, R. L., Whitbeck, L. B., Conger, R. D., & Wu, C. (1991). Intergenerational transmission of harsh parenting. *Developmental Psychology*, 27(1), 159–171. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.27.1.159>
- Simons, R. L., Lorenz, F. O., Conger, R. D., & Wu, C.-I. (1992). Support from Spouse as Mediator and Moderator of the Disruptive Influence of Economic Strain on Parenting. *Child Development*, 63(5), 1282. <https://doi.org/10.2307/1131533>
- Souza, W. M. de, Rocha, L. F. D. da, Carvalho, R. V. C. de, & Fioravanti, A. C. M. (2021). Relações entre Parentalidade e Funções Executivas: Uma Revisão Sistemática. *Estudos E Pesquisas Em Psicologia*, 21(1), 277–297. <https://doi.org/10.12957/epp.2021.59386>
- Strayhorn, J. M.; & Weidman, C. S. (1988). A Parent Practices Scale and Its Relation to Parent and Child Mental Health. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 27(5), 613–618. <https://doi.org/10.1097/00004583-198809000-00016>

- Stuckey, M. F., McGhee, P. E., & Bell, N. J. (1982). Parent-child interaction: The influence of maternal employment. *Developmental Psychology*, 18(4), 635–644. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.18.4.635>
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2019). *Using multivariate statistics* (7th ed.). Pearson
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P., & Gomes, W. B. (2004). Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. *Avaliação Psicológica*, 3(1), 1-12.
- Teixeira, M. A. P., Oliveira, A. M., & Wottrich, S. H. (2006). Escalas de Práticas Parentais (EPP): avaliando dimensões de práticas parentais em relação a adolescentes. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 19(3), 433–441. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722006000300012>
- Tran, T. T. C., Le, T. V., Cao, C. T., Dam, A. T. V., & Nguyen, Q. T. (2024). The relationships between parental educational practices, pro-aggression beliefs, and aggressive behavior: A cross-sectional study. *Multidisciplinary Science Journal*, 6(9), e2024197. <https://doi.org/10.31893/multiscience.2024197>
- Ugarte, E., Narea, M., Aldoney, D., Weissman, D. G., & Hastings, P. D. (2020). Family Risk and Externalizing Problems in Chilean Children: Mediation by Harsh Parenting and Emotional Support. *Child Development*, 92(3), 871–888. <https://doi.org/10.1111/cdev.13464>
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Salvador, A. P. V., & Brandenburg, O. J. (2008). Construção e confiabilidade das escalas de qualidade na interação familiar. *Psicologia Argumento*, 26(52), 55-65.
- Wintre, M. G., Yaffe, M., & Crowley, J. (1995). Perception of Parental Reciprocity Scale (POPRS): Development and Validation with Adolescents and Young Adults. *Social Development*, 4(2), 129–148. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.1995.tb00056.x>

- World Health Organization. (2021). *Adolescents: health risks and solutions*.
<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescents-health-risks-and-solutions>.
- Wu, S. L., Woo, P. J., Yap, C. C., & Lim, G. J. R. Y. (2023). Parenting Practices and Adolescents' Mental Health: The Mediating Role of Perceived Maternal and Paternal Acceptance-Rejection and Adolescents' Self-Efficacy. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(2), 1052.
<https://doi.org/10.3390/ijerph20021052>
- Zhou, X., Huang, J., Qin, S., Tao, K., & Ning, Y. (2023). Family intimacy and adolescent peer relationships: investigating the mediating role of psychological capital and the moderating role of self-identity. *Frontiers in Psychology*, 14.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1165830>

**Anexo 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Coleta Online para
Participantes com 18 Anos)**

Título do Projeto: Práticas Parentais: Construção e Propriedades Psicométricas da Escala Brasileira de Práticas Parentais

Dou meu consentimento livre e esclarecido ao clicar em “Aceitar” para participar como voluntário (a) do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade da pesquisadora Thalia Silveira Zanelato, aluna do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu – Mestrado em Psicologia.

Concordando com este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1 - O objetivo da pesquisa consiste em validar um novo instrumento de práticas parentais e investigar sua relação com suporte familiar;
- 2- Durante o estudo serão utilizados o Questionário sócio-demográfico, Escala Brasileira de Práticas Parentais (EBRAPP) e Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF) com tempo para aplicação dos instrumentos estimado em 25 minutos;
- 3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- 4 - A resposta a estes instrumentos não apresenta riscos conhecidos à saúde física e mental, no entanto pode causar algum leve desconforto emocional, constrangimento ou fadiga;
- 5 - Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa, não havendo qualquer prejuízo decorrente da decisão;
- 6 - Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7 – Por se tratar de uma pesquisa em ambiente virtual pode haver risco de violação da

confidencialidade dos dados coletados, mas não do sigilo dos respondentes;

8 - A aplicação será realizada de modo remoto, envolvendo o uso de internet bem como de celular/computador, assim como programas/aplicativos disponíveis nesses meios;

9 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 2454-8302 e por meio do seguinte endereço: Av. São Francisco de Assis, 218, Jardim São José – Bragança Paulista – SP ou pelo e-mail comiteetica@usf.edu.br;

10 - Poderei entrar em contato com a responsável pelo estudo, Thalia Silveira Zanelato, sempre que julgar necessário pelo e-mail psicologathaliasz@gmail.com;

11 - Este Termo de Consentimento será alocado em plataforma online Google Forms, e ao clicar em “Aceitar” o participante permitirá a coleta de suas respostas frente aos instrumentos apresentados.

12 - É de direito do respondente ter uma cópia deste TCLE, para tanto, poderá "printar" esta tela, solicitar por e-mail para psicologathaliasz@gmail.com ou por telefone (19) 996485982.

**Anexo 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Coleta Online para
Participantes entre 16 e 17 anos)**

Título do Projeto: Práticas Parentais: Construção e Propriedades Psicométricas da Escala Brasileira de Práticas Parentais

Dou meu consentimento livre e esclarecido ao clicar em “Aceitar” para meu/minha filho (a) participar como voluntário (a) do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade da pesquisadora Thalia Silveira Zanelato, aluna do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu – Mestrado em Psicologia.

Concordando com este Termo de Consentimento estou ciente de que:

1 - O objetivo da pesquisa consiste em validar um novo instrumento de práticas parentais e investigar sua relação com suporte familiar;

2- Durante o estudo serão utilizados o Questionário sócio-demográfico, Escala Brasileira de Práticas Parentais (EBRAPP) e Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF) com tempo para aplicação dos instrumentos estimado em 25 minutos;

3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a participação de meu/minha filho (a) na referida pesquisa;

4 - A resposta a estes instrumentos não apresenta riscos conhecidos à saúde física e mental, no entanto pode causar algum leve desconforto emocional, constrangimento ou fadiga;

5 - Estou livre para interromper esta participação a qualquer momento, não havendo qualquer prejuízo decorrente da decisão;

6 - Os dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;

7 – Por se tratar de uma pesquisa em ambiente virtual pode haver risco de violação da

confidencialidade dos dados coletados, mas não do sigilo dos respondentes;

8 - A aplicação será realizada de modo remoto, envolvendo o uso de internet bem como de celular/computador, assim como programas/aplicativos disponíveis nesses meios;

9 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 2454-8302 e por meio do seguinte endereço: Av. São Francisco de Assis, 218, Jardim São José – Bragança Paulista – SP ou pelo e-mail comiteetica@usf.edu.br;

10 - Poderei entrar em contato com a responsável pelo estudo, Thalia Silveira Zanelato, sempre que julgar necessário pelo e-mail psicologathaliasz@gmail.com;

11 - Este Termo de Consentimento será alocado em plataforma online Google Forms, e ao clicar em “Aceitar” permitirei a coleta de respostas de meu/minha filho (a) frente aos instrumentos apresentados.

12 - É de direito do respondente ter uma cópia deste TCLE, para tanto, poderá "printar" esta tela, solicitar por e-mail para psicologathaliasz@gmail.com ou pelo telefone (19) 996485982

Anexo 3: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Coleta Online para Participantes entre 16 e 17 anos)

Título do Projeto: Práticas Parentais: Construção e Propriedades Psicométricas da Escala Brasileira de Práticas Parentais

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa Práticas Parentais: Construção e Propriedades Psicométricas da Escala Brasileira de Práticas Parentais. Neste estudo temos o objetivo de validar um novo instrumento de práticas parentais e investigar sua relação com suporte familiar.

Para participar deste estudo você precisará responder informações sobre seus dados pessoais e dois instrumentos com questões sobre práticas parentais e suporte familiar.

Você foi escolhido (a) em participar porque ajudará a entender mais sobre estas questões. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Para participar deste estudo, o seu responsável deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você (ou o seu responsável) poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo.

A sua participação é voluntária e a pesquisadora garante que irá tratar a sua identidade e seus dados com padrões de sigilo.

Você declara que está sendo informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada. Sabe que a qualquer momento poderá solicitar novas informações, e o seu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar.

Tendo o consentimento do seu responsável já assinado, declara que concorda em participar deste estudo.

É de direito do respondente ter uma cópia deste TALE, para tanto, poderá "printar" esta tela, solicitar por e-mail para psicologathaliasz@gmail.com ou por telefone (19) 996485982.

Anexo 4: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Coleta Presencial)

Título do projeto: Práticas Parentais: Construção e Propriedades Psicométricas da Escala Brasileira de Práticas Parentais

Eu, _____ R.G....., abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para meu/minha filho (a) participar como voluntário (a) do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade da pesquisadora Thalia Silveira Zanelato, aluna do curso Pós-Graduação Stricto Sensu em Avaliação Psicológica da Universidade São Francisco.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- O objetivo da pesquisa consiste em validar um novo instrumento de práticas parentais e investigar sua relação com suporte familiar;
- Durante o estudo serão utilizados o Questionário sociodemográfico, Escala Brasileira de Práticas Parentais (EBRAPP) e Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF) com tempo para aplicação dos instrumentos estimado em 25 minutos;
- Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a participação de meu/minha filho (a) na referida pesquisa;
- A resposta a estes instrumentos não apresenta riscos conhecidos à saúde física e mental, no entanto pode causar algum leve desconforto emocional, constrangimento ou fadiga;
- Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa, não havendo qualquer prejuízo decorrente da decisão;
- Os dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;

- Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 2454-8302 ou e-mail: comiteetica@usf.edu.br .

- Poderei entrar em contato com os responsáveis pelo estudo, Thalia Silveira Zanelato, sempre que julgar necessário pelo e-mail: psicologathaliasz@gmail.com ou pelo telefone (19) 9 9648-5982.

- Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

_____, _____ de ____ de 20__.

Assinatura do responsável pelo participante:

Assinatura do pesquisador responsável:

Anexo 5: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Coleta Presencial)

Título do projeto: Práticas Parentais: Construção e Propriedades Psicométricas da Escala Brasileira de Práticas Parentais

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa Práticas Parentais: Construção e Propriedades Psicométricas da Escala Brasileira de Práticas Parentais. Neste estudo temos o objetivo de validar um novo instrumento de práticas parentais e investigar sua relação com suporte familiar.

Para participar deste estudo você precisará responder informações sobre seus dados pessoais e dois instrumentos com questões sobre práticas parentais e suporte familiar. Você foi escolhido (a) em participar porque ajudará a entender mais sobre estas questões.

Para participar deste estudo, o seu responsável deverá autorizar e assinar um termo de consentimento.

Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você (ou o seu responsável) poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo.

A sua participação é voluntária e a pesquisadora garante que irá tratar a sua identidade e seus dados com padrões de sigilo.

Você declara que está sendo informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada. Sabe que a qualquer momento poderá solicitar novas informações, e o seu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Além disso, declara que lhe foi dada a oportunidade de ler e esclarecer suas dúvidas.

Tendo o consentimento do seu responsável já assinado, declara que concorda em participar deste estudo.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você.

_____, _____ de ____ de 20__.

Nome completo do participante:.....

Assinatura do participante:.....

Assinatura do pesquisador responsável:.....

Anexo 6: Questionários de Identificação Juízes

Questionário de Identificação – Juízes
1. Nome:
2. Cidade/Estado:
3. Idade _____ anos.
4. Sexo: ☐ Feminino ☐ Masculino
5. Nível Educacional: ☐ Mestrado ☐ Doutorado ☐ Pós-doutorado
6. Possui experiência com docência? ☐ Sim ☐ Não
7. Possui experiência com estudos sobre estilos e práticas parentais? ☐ Sim ☐ Não
8. Possui experiência com construção de instrumentos? ☐ Sim ☐ Não

Anexo 8: Questionário de Identificação Público-Alvo

Questionário de Identificação – Público-Alvo					
1. Idade: ____ anos.					
2. Sexo:					
() Masculino () Feminino					
3. Ano Escolar:					
() 7º ano	() 8º ano	() 9º ano	() 1º ano do Ensino Médio	() 2º ano do 9º Ensino Médio	() 3º ano do Ensino Médio
4. Etnia:					
() Branca	() Preta	() Parda	() Amarela	() Indígena	

Anexo 10: Questionário Sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico									
1. Idade: ____ anos.									
2. Sexo biológico:		☐ Masculino		☐ Feminino		☐ Prefiro não informar			
3. Etnia:									
☐ Branca	☐ Preta	☐ Parda	☐ Amarela	☐ Indígena					
4. Nível de Escolaridade									
☐ 7º ano	☐ 8º ano	☐ 9º ano	☐ 1º ano Ensino Médio	☐ 2º ano Ensino Médio	☐ 3º ano Ensino Médio	☐ Ensino Superior			
5. Assinale a situação que melhor lhe representa:									
☐ Moro com minha mãe e meu pai	☐ Moro apenas com minha mãe	☐ Moro apenas com meu pai	☐ Não moro com meus pais		☐ Moro com outras pessoas de minha família				
6. Indique quem é o provedor principal de sua casa:									
☐ Eu	☐ Mãe	☐ Pai	☐ Avó	☐ Avô	☐ Tia	☐ Tio	☐ Irmã	☐ Irmão	☐ Outro (informe quem)
7. Indique o nível de escolaridade do provedor principal de sua casa:									
☐ Analfabeto ou ensino fundamental incompleto	☐ Ensino Fundamental completo	☐ Ensino médio completo	☐ Graduação incompleta		☐ Graduação completa		☐ Pós- graduação		
8. Indique a faixa de renda mensal em sua casa:									
☐ Menor que R\$1.808,79	☐ Entre R\$ 1.808,79 e R\$ 2.702,88	☐ Entre R\$ 2.702,88 e R\$ 4.506,47	☐ Entre R\$ 4.506,47 e R\$ 8.956,26		☐ Entre R\$ 8.956,26 e R\$ 17.764,49		☐ Maior que R\$ 17.764,49		

Anexo 11: Escala Brasileira de Práticas Parentais (EBRAPP)

Escala Brasileira de Práticas Parentais - EBRAPP				
Por favor, leia cada frase com muita atenção, para cada uma delas há apenas uma possibilidade de resposta. Você deve assinalar a opção de resposta que melhor descreva sua situação (ou que mais se aproxime), sempre pensando na pessoa que mais exerce o papel de cuidado, responsabilidade e educação em sua vida. Não existem respostas certas ou erradas. Por favor, não deixe itens sem resposta.				
Selecione abaixo a figura parental escolhida para representar suas respostas:				
☐ Mãe	☐ Pai	☐ Avó	☐ Avô	☐ Tia
☐ Tio	☐ Irmã	☐ Irmão	☐ Madrinha	☐ Padrinho
☐ Outro – quem?				
Afirmiação	Nunca	Poucas Vezes	Muitas Vezes	Sempre
Checa o que vejo nas redes sociais				
Marca horários para eu chegar em casa				
Pergunta com quem vou sair				
Quer conhecer meus/minhas amigos (as)				
Deixa-me dormir na casa de um (a) amigo (a)				
Permite-me viajar sem a presença dele (a)				
Permite que eu receba amigos (as) em casa				
Deixa-me assistir qualquer tipo de filme/série				
Exige que eu tire boas notas				
Quando erro, ele (a) me faz reconhecer e pedir desculpas				
Exige que eu faça todos os deveres antes de assistir a TV ou mexer no celular				
Conversa comigo sobre meus erros				
Diz o que sente quando eu desobedeço				
Explica porque eu estou sendo castigado (a)				
Elogia-me quando faço a tarefa corretamente				
Faz-me refletir sobre meus erros				
Abraça-me para me confortar				
Importa-se com o que penso				
Consola-me quando estou triste				
É amoroso (a)				
Diz o que sente por mim				
É carinhoso (a)				
Envergonha-me diante de outras pessoas				
Elogia minhas atitudes				
Ajuda-me em momentos difíceis				
Apoia minhas ideias				

Ajuda-me com as tarefas				
Incentiva-me a ter novas experiências				
Incentiva-me a expressar minhas opiniões				
Incentiva-me a tomar decisões sozinho (a)				
É indiferente com tudo o que faço				
Está ocupado (a) demais quando preciso				
Compreende-me quando estou irritado (a)				
Perdoa meus erros				
Aceita-me como sou				
Tem dificuldades em me dizer “não”				
É paciente quando tenho dificuldade em algo				
Discorda de tudo o que faço				
Discorda de minhas opiniões				
Fica impaciente quando tenho dificuldade em expressar minhas emoções				
Confia no que digo				
Acredita que sou capaz				
Confia em mim para ajudar em algo				
Considera-me responsável				
Divide informações importantes comigo				
Confia em minhas escolhas				
Permite que eu tome minhas próprias decisões				
Respeita minha privacidade				
Importa-se com meus interesses				
Preocupa-se com meu bem-estar				
Assiste a programas comigo				
Encontra tempo para fazermos algo juntos				
Presta atenção ao que digo				
Preocupa-se com minha saúde				
Diverte-se junto comigo				
Chama-me para passear				

Anexo 12: Inventário de Percepção de Suporte Familiar Infante Juvenil (IPSF-IJ)

Versão Breve

Inventário de Percepção de Suporte Familiar - Versão Infante-Juvenil - IPSF- IJ			
Neste questionário é apresentada uma série de 18 afirmações sobre a sua compreensão a respeito da percepção sobre o suporte ou assistência familiar recebido por você até o momento. É necessário, por gentileza, que você responda a todas as questões assinalando com um X a alternativa que melhor se aplica a você e, se por acaso, nenhuma das opções estiverem de acordo com a sua resposta, por favor, escolha aquela que mais se aproxime do que você percebe.			
Afirmação:	“Quase nunca” ou “Nunca”	“Às vezes”	“Quase sempre” ou “Sempre”
Em minha família brigamos e gritamos uns com os outros			
Minha família permite que eu me vista do jeito que eu quero			
Eu me sinto como um estranho na minha família			
Meus familiares me deixam sair o tanto quanto quero			
As pessoas da minha família gostam de passar o tempo juntas			
Meus familiares geralmente culpam alguém da família quando as coisas não estão indo bem			
Minha família permite que eu seja do jeito que eu quero ser			
Há ódio em minha família			
As pessoas da minha família sabem quando alguma coisa ruim aconteceu comigo, mesmo eu não falando			
Os membros da minha família se tocam e se abraçam			
Minha família me proporciona muito conforto emocional			
Viver com minha família é desagradável			
Em minha família é permitido que eu faça as coisas que gosto de fazer			
Em minha família demonstramos carinho através das palavras			
Minha família me irrita			
Os membros da minha família expressam interesse e carinho uns com os outros			
Minha família me dá tanta liberdade quanto quero			
Meus familiares me permitem decidir coisas sobre mim			